



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Rio Grande do Norte

**PESQUISAS
SOBRE
PRÁTICAS
EDUCATIVAS EM
AMBIENTES
PEDAGÓGICOS
NÃO ESCOLARES**
Volume IV



Organizadores

Andrezza Maria Batista do N. Tavares,
Bernardino Galdino de Sena Neto e
Liliane Silva Câmara de Oliveira

**ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES
BERNARDINO GALDINO DE SENA NETO
LILIANE SILVA CÂMARA DE OLIVEIRA
ORGANIZADORES**

**PESQUISAS SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS EM AMBIENTES
PEDAGÓGICOS NÃO ESCOLARES
Volume IV**



Copyright © 2025 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE – FAMEN. De acordo com a Lei n. 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025l20>.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

P474 Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares [e-book] / Organização Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares e Bernardino Galdino de Sena Neto e Liliane Silva Câmara de Oliveira. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2025.

14 Mb ; PDF; il. (Práticas educativas, vol. IV).

ISBN: 978-65-87028-81-1.

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025l20>.

1. Ciências da Educação. 2. Ensino Profissional.
3. Práticas educativas. I. Tavares, Andrezza Maria Batista do Nascimento (Org.). II. Sena Neto, Bernardino Galdino (Org.).
III. Oliveira, Liliane Silva Câmara de (Org.). IV. Título. V. Série.

CDD: 370

CDU: 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB – 15/925

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Educação – 370
2. Alfabetização – 37.014.22



Rua São Severino, n. 18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP: 59060-040 CNPJ: 23.552.793/0001-57, Inscrição Estadual: 204392322, Inscrição Municipal: 2142633, editora@famen.edu.br e telefone: (84) 3653-6770.



Rua São Severino, 18 – Bom Pastor, Natal – RN, 59060-040

Diretoria Geral
Valdete Batista do Nascimento

Coordenação de Pesquisa e de pós-graduação
Wendella Sara Costa da Silva

Conselho Editorial da FAMEN

Editora Chefe

Profa. Dra. Andrezza M. B. Do N. Tavares – Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5187018279016366>.

Editora Adjunto

Prof. Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8334261197856331>.

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Dr. Bento Duarte da Silva
Dr. Manuel Tavares
Dr. Dionísio Luís Tumbo
Dr. Gabriel Linari
Dra. Cristina Rafaela Ricci
Me. Gustavo Adolfo Fernández Díaz
Dr. Manuel Teixeira

Dra. Antonia Dalva França Carvalho
Dra. Elda Silva do Nascimento Melo
Dra. Karla Cristina Silva Sousa
Dr. Márcia Adelino da Silva Dias
Dr. Adir Luiz Ferreira
Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Dra. Lucila Maria Pesce de Oliveira

Comitê Científico Interdisciplinar

Presidente: Dr. Rylanneive L. P. Teixeira
Dra. Juliana Alencar de Souza
Dr. Júlio Ribeiro Soares
Dra. Leila Salim Leal
Dra. Christiane M. T. de M. Gameleira
Dr. José R. Lopes de Paiva Cavalcanti
Dra. Kadydja Karla Nascimento Chagas
Dr. Avelino de Lima Neto
Dr. Sérgio Luiz Bezerra Trindade

Dr. Eduardo Henrique Cunha de Farias
Dr. Bruno Lustosa de Moura
Dra. Maria da C. Monteiro Cavalcanti
Dr. José Moisés Nunes da Silva
Dra. Francinaide de L. Silva Nascimento
Dr. José Paulino Filho
Dr. Marcos Torres Carneiro
Dr. Bernardino Galdino de Sena Neto
Dr. José Flávio da Paz

Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros
Dra. Maria das Graças de A. Baptista
Dr. Antonio Marques dos Santos
Dr. Luiz Antonio da Silva dos Santos
Dra. Wendella Sara Costa da Silva
Ma. Valdete Batista do Nascimento

Ma. Maria Judivanda da Cunha
Me. João Maria de Lima
Me. Eric Mateus Soares Dias
Me. Adriel Felipe de Araújo Bezerra
Me. Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza

Bibliotecário e Diagramação

Miqueias Alex de Souza Pereira

Projeto Gráfico, diagramação e Capa

Eddean Riquemberg C. Xavier

Revisão de Textos

Prof. Dr. Dayvyd Lavanierly Marques de Medeiros

Prefixo editorial: Editora FAMEN

Linha editorial: Acadêmica

Disponível para download em: <https://editorafamen.com.br/>

SOBRE A ORGANIZADORA

ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

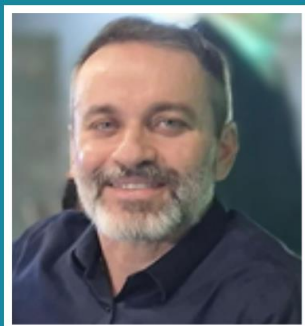


É pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. Doutorado e mestrado em Ciências da Educação pela UFRN. Pedagoga, Psicopedagoga e Jornalista pela UFRN. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde realiza atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. No IFRN, atua como Professora do Programa de Pós-Graduação Acadêmica (PPGEP/IFRN), do Mestrado Profissional em Ensino de Física (MNPEF/IFRN) e dos Cursos Superiores de Graduação. Coordenadora Institucional do Programa Pibid/IFRN, financiado pela agência de fomento CAPES, no período de 2013 até 2018. Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica/IFRN, financiado pela agência CAPES, de 2018 até o ano corrente. Coordenadora do Projeto de Extensão "Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do IFRN" desde 2017. Membro dos Grupos de Pesquisa vinculados ao CNPQ: "Escola Contemporânea e Olhar Sociológico" (ECOS), da UFRN e "Observatório da Diversidade" (ObDiversidade), do IFRN. No Jornalismo, integra a equipe de redação e de reportagem dos veículos de comunicação "Potiguar Notícias" (jornal eletrônico) e "PNTV" (TV digital). As atividades profissionais realçam proximidade com os objetos de pesquisa: Formação Profissional de professores, Educação Profissional, Ensino Superior, Processos Cognitivos, Teorias da Aprendizagem, Teorias da Comunicação, Educação Escolar e Não-Escolar.

E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

SOBRE O ORGANIZADOR

**BERNARDINO
GALDINO DE SENA
NETO**



Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional - PPGEPI/IFRN. Professor Assistente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, lecionando as disciplinas Estágio Supervisionado em Educação Escolar e Educação Não-Escolar. Foi coordenador da Área de Metodologia e Prática de Ensino - AMPE (2023-2024) do curso de Pedagogia. Atualmente é coordenador do colegiado de Pedagogia (2024-2026) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, e membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Pedagogia. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gestão e Práticas Educativas na Educação Escolar e Não-Escolar - GEPE, grupo no qual desenvolve pesquisas relacionadas a multiplicidade dos espaços escolares e não-escolares em interface com as práticas educativas contemporâneas.

E-mail: galdino.sena@gmail.com.

SOBRE A ORGANIZADORA

LILIANE SILVA CÂMARA DE OLIVEIRA



Pesquisadora capaz de vencer toda minha timidez para desbravar o campo educacional como fonte de saber e ações profissionais, pois acredito que é a educação um dos principais pontos para o crescimento das pessoas. Obtive o título de Mestre em Ensino de Ciências – Biologia, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em minha jornada sempre priorizei a formação acadêmica, assim me especializei em Neuropsicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar e em Psicanálise Clínica Avançada pela Faculdade Serra Geral (FSG, Janaúba/MG). Anteriormente já havia feito especialização em Educação Especial - Libras pela Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) e Microbiologia e Parasitologia pela (UniFacex). Minha graduação é em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Potiguar Natal/RN, pois ser cientista e professora sempre foi meu sonho.

Atualmente exerço a função de Dirigente Acadêmica e Coordenadora do Curso de Pedagogia na Faculdade Metropolitana Norte Riograndense FAMEN, onde atuo também como docente nos cursos de graduação e pós-graduação, dedicando-me ao acompanhamento de docentes e discentes, além de organizar eventos pedagógicos e supervisionar pesquisas e projetos de extensão.

Para além da experiência na formação docente do ensino superior exerci por cinco anos a função de Coordenadora Pedagógica Geral na Secretaria Municipal de Educação de Pureza/RN, onde também atuei por um ano como Secretária Municipal de Assistência Social. Durante essa vivência profissional, dediquei-me às demandas dos cargos, adquirindo um conhecimento singular que ampliou minha motivação profissional e pessoal.

Desta forma contribuo também na educação através de participações em eventos escolares como palestrante sobre a Formação Continuada Docente e Educação Inclusiva compartilhando e assimilando conhecimentos.

E-mail: lilianecamara2007@hotmail.com.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte – 36, 38, 42, 64, 99, 101, 145, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 170, 176, 179, 181, 184, 190, 191, 193, 204, 205, 206, 263, 264, 270, 383.

C

Cidadania – 73, 154, 205, 206, 222, 236, 249, 255, 292, 307, 309, 311, 313, 316, 343, 344, 348, 349, 354, 381, 383, 393, 394, 400.

Colonização – 79, 80.

Criatividade – 73, 154, 180, 182, 383.

Cultura – 39, 41, 45, 48, 49, 50, 53, 60, 62, 65, 66, 72, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 102, 113, 123, 143, 144, 146, 148, 152, 153, 154, 156, 159, 164, 165, 167, 168, 171, 175, 176, 182, 185, 190, 193, 195, 197, 205, 206, 213, 214, 280, 293, 373, 388.

E

Educação não formal – 36, 47, 54, 56, 218, 309, 312, 355, 362, 383.

I

Identidade – 45, 48, 56, 67, 82, 83, 86, 87, 90, 170, 184, 191, 192, 197, 205, 206, 214, 233, 237, 254, 260, 279, 281, 289, 344, 358, 383.

Inclusão – 73, 74, 90, 108, 123, 132, 156, 159, 176, 191, 232, 236, 257, 258, 263, 291, 322, 324, 327, 328, 341, 344, 352, 367, 388, 400, 408.

M

Movimentos artísticos – 151.

Música – 36, 39, 102, 103, 168, 169, 204, 253, 254, 255, 257, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280.

P

Patrimônio – 55, 80, 81, 85, 87, 89, 90, 104, 175, 176, 182, 184, 185, 190, 206, 207, 268, 279, 287, 289, 362, 378.

Práticas educativas – 60, 89, 91, 94, 98, 101, 103, 107, 118, 122, 123, 129, 137, 141, 152, 163, 175, 200, 201, 206, 207, 212, 217, 226, 232, 241, 253, 278, 281, 285, 287, 288, 296, 307, 308, 309, 344, 361.

Preservação – 50, 55, 56, 67, 90, 94, 96, 118, 119, 124, 137, 138, 180, 182, 183, 202, 203, 218, 288, 289, 327, 361, 362, 363, 365, 366, 367, 369, 389.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Com o propósito de divulgar pesquisas científicas na área da educação, a coletânea de textos que integra este quarto volume do manuscrito eletrônico intitulado *“Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares”*, tem como foco socializar experiências educativas em variados espaços de educação não escolar e contribuir para a difusão de conhecimento nesse campo de estudos.

Os textos têm vinculação com os cursos de Licenciaturas oferecidos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte e a Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, por meio da Educação presencial, na cidade de Natal RN, a partir de pesquisas realizadas no ano de 2024 e 2025.

O volume VI do livro *“Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares”* possui 31 (trinta e um) capítulos que abordam diversos temas da Pedagogia Social e que direcionam o olhar do leitor para a diversidade de ambientes de aprendizagem que constituem o campo de estudos em tela.

O capítulo um, intitulado *“A casa da Ribeira como espaço educativo não escolar”*, de autoria de Clarisse Natthalie Batista Claudino, tem o propósito de mostrar como A Casa da Ribeira luta todos os dias para que a cultura seja divulgada além dos muros e que ela seja não apenas um espaço cultural, mas sim um grande projeto capaz de levar a educação e a arte para públicos que não teriam tanto acesso a tantos espetáculos de tantos grupos.

“Análise do desenvolvimento: a inserção de jovens no Parque de Vaquejada em Extremoz – RN sob a perspectiva da educação não formal” é o título do capítulo dois, escrito por Francisco Vital Dantas e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. O texto foi sistematizado para destacar o que papel da vaquejada como meio de educação informal também traz à tona debates sobre os desafios e oportunidades desse modelo. Enquanto alguns críticos questionam os riscos envolvidos, a supervisão responsável e o incentivo à integração com o ensino formal podem transformar essa prática em um exemplo de aprendizado contextualizado e significativo.

Escrito por Luan Calixto Barbosa, Hebert Gabriel Fernandes de Amorim e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, o capítulo três “A Praça do Marco Zero como espaço não escolar para o desenvolvimento de atividades educativas” possui a finalidade de apresentar a praça do Marco Zero, localizada em Nova Cruz, no Rio Grande do Norte. O trabalho foi desenvolvido por alunos do curso de licenciatura em física do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) através de estudos realizados pelos graduandos, contribuindo diretamente para a formação dos discentes e na educação do leitor acerca dos espaços não-escolares para a realização de práticas educativas e laborais.

No quarto capítulo “A casa de Caridade Auto de Souza (CCAS) como espaço educativo não escolar”, os autores Allan Kardec Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, a pesquisa evidencia a importância da casa como um espaço de

construção de saberes e de produção de sentidos para a comunidade usuária e para sociedade em geral, por meio do atendimento aos usuários que da casa necessita.

Com o título “Casa do Grude Extremoz/RN como ambiente educativo não escolar” o capítulo cinco escrito por Thiago de Oliveira Dantas e Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares apresenta que as práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares vêm ganhando relevância no cenário educacional contemporâneo. Esses espaços, que se configuram fora do ambiente escolar tradicional, têm o potencial de oferecer experiências significativas de aprendizagem. Um exemplo claro disso é a Casa do Grude, localizada em Extremoz, Rio Grande do Norte. Esse ponto turístico-cultural combina ensino, tradição e cultura, mostrando como o aprendizado pode ser integrado à vivência comunitária e à valorização do patrimônio histórico.

O sexto capítulo tem como título “Bosque dos Namorados: um olhar atento para as práticas educativas fora do âmbito escolar” foi desenvolvido por Gledson Ricardo Vieira Mororo, Gabriella do Carmo da Silva e Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares. No texto os autores destacam que práticas educativas são essenciais para a construção de uma sociedade mais consciente e engajada com as questões ambientais. O Parque das Dunas, como espaço de convivência e aprendizagem, oferece uma oportunidade única de aliar conhecimento e lazer, promovendo o desenvolvimento de habilidades socioambientais que são fundamentais para a sustentabilidade.

“O Clube de Desbravadores e sua atuação em espaço não escolar” figura como sétimo capítulo e foi escrito por Evelyn Maria Nascimento da Paz e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. O texto traz uma entrevista realizada com o Clube de Desbravadores Heróis de Judá que revelou que espaços não educativos auxiliam como suportes a comunidade, trazendo acesso à educação, cultura, laser, saúde e bem-estar.

O oitavo capítulo é intitulado de “A praia como espaço educativo fora do ambiente escolar”. Nele, Euclides Guedes de Moura e Ellen Vitória Marreiro de Castro enfatizam que é de suma importância a busca por inovações em metodologias de ensino e aprendizagem. Esse caminho tem levado os docentes a explorarem novos espaços exteriores ao âmbito educacional tradicional, assim, optarem por iniciativas flexíveis e ideias inovadoras. Com esse viés, espaços educativos não escolares podem ser criados e explorados além dos muros da escola e proporcionarem uma nova perspectiva para a população. Para fins acadêmicos, focamos neste capítulo o ambiente público e litorâneo como espaço educativo não escolar.

Com o título “Museu de Ciências Morfológicas (MCM) da UFRN: uma experiência como espaço não escolar”, os autores Alexia Pontes Viana, Júlia Helena Leandro Fagundes, Yasmin Silva Alves de Freitas e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, concluíram que a visita ao Museu de Ciências Morfológicas contribuiu para ratificar que se trata de um espaço educativo não escolar, com elevado potencial de aprendizagem

para a sociedade, bem como para a formação do professor, uma vez que amplia seu olhar pedagógico e enseja novas reflexões sobre o ensino e metodologias ativas. Deste modo, o museu examinado se revelou não apenas como espaço de aprendizado científico, mas como significativo instrumento didático para uma prática docente crítica, inovadora e interdisciplinar.

Ana Beatriz Shammam Lima da Silva, Hudson Gabriel Rocha de Almeida e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, apresentam no capítulo dez, “O Sebo como uma aula viva fora da escola”, uma pesquisa de campo, realizada no sebo Cata Livros, localizado na Av. Prudente de Moraes, em Lagoa Seca, e busca demonstrar a relevância que o empreendimento possui como espaço educativo não escolar, visto que viabiliza o acesso da sociedade à uma diversidade de livros, bem como, possibilita a aquisição de obras clássicas, raras ou para colecionadores, como também, a oportunidade de compra a preços atrativos.

O capítulo onze, intitulado “Educação pela arte: a Casa da Ribeira como espaço educativo não escolar”, de autoria de Camilly Fernanda da Silva Cunha, Vitória Oliveira da Silva, João Victor Silva da Costa e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares tem o propósito de mostrar como ensino por meio dos movimentos artísticos tem ampliado horizontes ao revitalizar o ambiente educativo, tornando-o mais didático e prático. Nessa perspectiva, a formação de profissionais e estudantes tem se qualificado cada vez mais, especialmente ao se considerar a arte como uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento das

capacidades cognitivas e racionais do indivíduo. Com isso, o crescimento de espaços que formalizam essa abordagem didática tem aberto novas possibilidades para aqueles que desejam expandir seu conhecimento cultural.

“A Fundação Cultural Dona Militana (FCDM) como espaço educativo não escolar” é o título do capítulo doze, escrito por Ellen Cristina Ramos da Rocha, Jessica Natalia Lima Ferreira, Stênia Raquel da Silva Câmara e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. O texto foi sistematizado a partir da figura da romanceira Dona Militana, cujo saber popular, cultivado inteiramente fora da educação escolar, inspira a missão da instituição. Sediada no prédio do Museu Municipal Séphora Maria Alves Bezerra, centro de São Gonçalo do Amarante/RN, a FCDM se destaca como um polo de fomento da cultura popular.

Escrito por Maria Emanuele dos Santos Faustino, Narielle Valéria da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, o capítulo treze “Patrimônio, Cultura e conhecimento: a Catedral de Sal de Zipaquirá como espaço pedagógico” possui a finalidade de compreender a Catedral de Sal como um espaço pedagógico não escolar é reconhecer que a educação não acontece apenas dentro das salas de aula, mas em todos os ambientes que possibilitam ao ser humano refletir, experimentar, sentir e construir conhecimentos a partir da sua interação com o mundo. É entender que aprender é um processo que envolve razão, emoção, experiência, sensibilidade e conexão com tudo que nos cerca.

No décimo quarto capítulo “Explorando a Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte como espaço educativo não escolar”, os autores Evellyn Monique Araújo de Lima, Maria Heloyza Dias de Souza e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, a pesquisa evidencia a Pinacoteca como espaço educativo não escolar que propicia uma experiência única de aprendizado, através de exposições e atividades educativas, ela não apenas preserva a memória cultural, mas também estimula a reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea. Ao integrar diferentes linguagens artísticas e históricas, ela se torna um ponto de encontro para a diversidade de vozes e narrativas, permitindo que cada visitante se sinta parte de um contexto mais amplo.

Com o título “O Parque das Dunas, em Natal/RN, como espaço mediador no desenvolvimento de práticas educativas não escolares: contribuições de caráter educativo, cultural e social para o povo potiguar” o capítulo quinze escrito por Gabriel José Gomes Peixoto, Maria Eduarda Bezerra de Medeiros e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares apresenta uma análise sobre Parque das Dunas como um espaço educativo não escolar, considerando sua atuação enquanto ambiente de circulação pública e enquanto local mediador de produção de saberes científicos, tradicionais e geracionais. Nesta perspectiva, busca-se compreender como o parque contribui para o desenvolvimento de práticas educativas de caráter informal que favorecem a consciência socioambiental, o enriquecimento

cultural e a formação cidadã dos potiguarês, consolidando-se como um espaço de mediação entre a comunidade, o meio ambiente e o conhecimento.

O décimo sexto capítulo tem como título “A catequese da igreja católica como espaço educativo não escolar” foi desenvolvido por Ingryd Yasmin Pereira Soares da Silva, Maria Suelane Andrade dos Santos, Mateus Alves Faustino e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. No texto os autores destacam como objetivo apresentar uma pesquisa de campo sobre ambientes não escolares, nos quais a prática educativa transcende os limites da escola e se materializa em diferentes ações formativas. O espaço investigado foi a catequese da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, localizada na Rua Santa Luzia, 440 – Carnaúba, Senador Georgino Avelino – RN, CEP 59168-000.

“Capela de Nossa Senhora Aparecida como espaço educativo não escolar” figura como décimo sétimo capítulo e foi escrito por Iranilda de Araújo Andrade, Lara Bernardino da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. O texto configurou-se como oportunidade de aprofundamento teórico e vivencial, possibilitando compreender que a educação está presente em múltiplos espaços e práticas sociais. Nesse percurso, ampliamos não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a percepção acerca do papel formativo de contextos diversos, que contribuem para a construção de sujeitos capazes de viver e interagir de forma ética, respeitosa e consciente em sociedade.

O décimo oitavo capítulo é intitulado de “Parque das Fontes

Paulo Emídio de Medeiros como espaço educativo não escolar”. Nele, Janine Kainara Massena de Brito, Poliana Raquel dos Santos Silva, Samuel de Souza Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares enfatizam que o parque consolida-se como exemplo de espaço educativo não escolar, no qual lazer e aprendizagem se articulam na formação dos sujeitos. Mais do que um ponto de encontro, trata-se de um ambiente que contribui para a construção de valores, para o fortalecimento da cidadania e para a formação de indivíduos capazes de interagir de maneira crítica, colaborativa e consciente em sociedade.

Com o título “A música como prática educativa em ambientes não escolares no Rio Grande do Norte”, os autores Jorge Melo Pessoa, Leonardo Santos Tomé, Maria Clara Diniz do Nascimento e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, propõe-se neste capítulo uma análise aprofundada da música como uma ferramenta pedagógica de notável potência em espaços não formais, utilizando como estudo de caso a rica experiência de professores que atuam em bandas de música no interior do Rio Grande do Norte. O objetivo central é perscrutar como a prática musical, desenvolvida em contextos comunitários, contribui de maneira significativa para a formação ética, social e cultural dos indivíduos, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade local e o sentimento de pertencimento.

Josué Ferreira da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, apresentam no capítulo vinte, “A praia de

Ponta Negra como espaço pedagógico de práticas educativas não escolares”, o capítulo propõe uma reflexão sobre a Praia de Ponta Negra, localizada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, como um espaço pedagógico não escolar, enfatizando suas potencialidades formativas, socioculturais e ambientais. Considerando sua importância simbólica, econômica e ecológica para o estado, analisa-se de que forma esse ambiente pode ser explorado com intencionalidade educativa, contribuindo para experiências de aprendizagem significativas e integradoras.

O capítulo vinte e um, intitulado “As Unidades Básicas de Saúde (UBS) como possíveis locais de aprendizagem”, de autoria de Verônica de Oliveira Maciel, Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva, Vanessa Caroline de Oliveira Macedo e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. Neste capítulo, foi abordado as Unidades Básicas de Saúde (UBS) como possíveis locais de aprendizagem. Regulamentadas por leis e normativos federais que orientam seu funcionamento, as UBSs são centros de atendimento primário à saúde, onde equipes multiprofissionais realizam uma ampla gama de ações voltadas à saúde individual e coletiva. Elas representam a porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS) e oferecem serviços de prevenção, diagnóstico e tratamento. Todos os municípios brasileiros são elegíveis para receber recursos destinados à construção dessas unidades, que são geridas pelo Ministério da Saúde.

“O 7º Cartório de Notas como potencial espaço educativo não escolar: letramentos jurídicos e cidadania em prática” é o

título do vinte e dois, escrito por Cláudio Manuel Cao Gonzalez, Ada Luíza Silveira Rosales, Felipe Jailton da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. O objetivo central é compreender como as interações entre usuários e servidores constituem experiências pedagógicas informais que favorecem a compreensão de direitos civis, de estruturas documentais e de procedimentos notariais. Pretende-se, ainda, refletir sobre o papel do cartório como agente de mediação do conhecimento legal e sobre sua contribuição para a popularização de práticas de leitura e escrita formais em linguagem técnica, raramente exploradas em contextos escolares.

Escrito por Alexya Venâncio Varela, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira, o capítulo vinte e três “Quadra de esporte do Bairro Jardins: a história da Arena FUT-7 do bairro Jardins, um importante espaço não escolar” as autoras afirmam que uma das principais contribuições da quadra para o bairro é o engajamento dos jovens, que têm ali uma oportunidade de se envolver em atividades que fortalecem laços de amizade e respeito mútuo. Além disso, o esporte se apresenta como uma ferramenta que vai além da prática física, sendo também uma forma de ensino e aprendizagem, especialmente quando inserido dentro de um contexto social como o da quadra.

No vigésimo quarto capítulo “A Comunidade de Aprendizagem Guarapes (COMAG) como espaço educativo não escolar”, os autores Geomar Santos do Nascimento, Isabelle

Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira, a pesquisa busca analisar a Comunidade de Aprendizagem Guarapes (COMAG) como um espaço educativo não escolar, conceito que ganha relevância na discussão sobre o papel do pedagogo como agente de transformação social para além das instituições formais, conforme explorado por Tavares (2010).

Com o título “O CRAS como espaço educativo não escolar: o caso de Pureza/RN” o capítulo vinte e cinco escrito por Maria Izabel Moura de Sá, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira. O estudo evidencia que o CRAS em Pureza/RN é um espaço estratégico para a promoção da proteção social básica e para a consolidação de práticas educativas não escolares. Suas ações vão além da assistência material, promovendo aprendizagens significativas que favorecem o protagonismo, a autonomia e o empoderamento dos sujeitos atendidos.

O vigésimo sexto capítulo tem como título “7º grupo de Escoteiros São Sebastião” foi desenvolvido por Lindinez Isabela da Silva, Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira. No texto os autores destacam que o movimento escoteiro proporciona de forma progressiva, oportunidades para que crianças, adolescentes e jovens cresçam como pessoas, desenvolvendo-se como indivíduos responsáveis, solidários, autônomos e comprometidos, de acordo com um sistema de valores baseado na Lei e Promessa Escoteira. O Projeto

Educativo dos Escoteiros do Brasil é o conjunto de ideias e definições fundamentais que outorgam identidade e propósito à nossa organização, explicitando nossa proposta educativa e especificando os meios necessários para alcançá-la. É, em síntese, uma proclamação que justifica a existência dos escoteiros.

“Parque da Cidade de Natal/RN como espaço educativo não escolar” figura como vigésimo sétimo capítulo e foi escrito por José Nadjá Henrique da Silva Luz, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira. O estudo tem por objetivo promover uma pesquisa de campo para destacar o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, em Natal/RN, como um espaço de educação não escolar, uma vez que a área verde localizada no coração da capital do Rio Grande do Norte se configura como um ambiente essencial para a promoção da coesão social e da conscientização ambiental.

O vigésimo oitavo capítulo é intitulado de “A quadra das Quintas: um espaço de vida, cultura e esporte no bairro das Quintas, Natal/RN”. Nele, Rebecca de Oliveira Gerônimo Leite Bezerra e Liliane Silva Câmara de Oliveira enfatizam que mesmo diante de desafios constantes, como a carência de manutenção e a necessidade de mobilização dos próprios moradores, a resiliência da comunidade garante a continuidade e a relevância desse patrimônio. A quadra, com sua história de superação e sua capacidade de acolher todas as gerações, simboliza a força da ação coletiva e o impacto profundo que um espaço dedicado ao povo pode ter. É, de fato, o coração pulsante do bairro, inspirando

esperança e projetando um futuro de ainda mais oportunidades e bem-estar para todos.

Com o título “Conselho Comunitário de Felipe Camarão como um espaço educativo não escolar”, os autores Tábata Alves de Melo e Liliane Silva Câmara de Oliveira. As autoras afirmam que como espaço educativo não escolar, o Conselho Comunitário de Felipe Camarão promove experiências de aprendizagem que extrapolam os muros da escola formal. Através de oficinas de arte com materiais recicláveis, atividades esportivas, ações culturais e rodas de conversa, o espaço estimula a criatividade, o trabalho em equipe, a consciência ambiental e o protagonismo social. Essas vivências reforçam a importância da educação não formal como instrumento de formação integral, contribuindo para o desenvolvimento de competências socioemocionais e valores éticos.

Tais dos Santos Porcino, Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira, apresentam no capítulo trinta, “O Instituto Bom Pastor como espaço educativo não escolar”, o capítulo afirma que o Instituto Bom Pastor demonstra, por meio de sua trajetória e impacto, a força das organizações do terceiro setor como parceiras na efetivação das políticas públicas e na promoção da justiça social. Mesmo diante de inúmeros desafios, especialmente relacionados à escassez de recursos, a instituição se mantém firme em seu propósito, revelando que, com sensibilidade, trabalho colaborativo e compromisso ético, é possível transformar vidas.

Por fim, com título “Quadra de esportes das Quintas: um espaço de aprendizagem ao ar livre”, Thaiane Oliveira de Paulo, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira, demonstram que ao explorar o bairro das Quintas, fica evidente a riqueza de oportunidades para aprender em espaços não formais de educação. Nesse contexto, o cotidiano se transforma em uma sala de aula viva, onde o aprendizado acontece de forma orgânica e coletiva. Momentos de lazer, conversas compartilhadas, risadas, atividades esportivas e práticas ao ar livre se tornam valiosas experiências de aprendizado. Essa abordagem destaca a importância de valorizar os espaços comunitários como ambientes de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Nesse sentido, este *e-book* se configura como uma fonte de compartilhamento de saberes e reflexões em torno da temática educação não escolar, trazendo para o bojo das discussões o estudo de espaços locais que determinam um significativo potencial pedagógico para estudantes, pesquisadores e comunidade em geral interessados nos temas em debate.

Que este sirva de fonte para pesquisas futuras e que favoreça outros debates!!!

PREFÁCIO

PREFÁCIO

A coletânea intitulada “Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares – Volume IV” integra uma série de publicações organizadas com o propósito de ampliar a compreensão sobre a educação para além dos espaços escolares. Este volume reafirma o compromisso institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) com a promoção da pesquisa científica e com a valorização das múltiplas dimensões do processo educativo.

A obra reúne estudos desenvolvidos por estudantes e pesquisadores vinculados aos cursos de licenciatura e programas de pós-graduação das instituições organizadoras, resultantes de experiências que se concretizam em contextos educativos diversos. Tais investigações apresentam a pluralidade das práticas educativas realizadas em museus, centros culturais, praças, igrejas, espaços comunitários, ambientes naturais e instituições de caráter social, revelando a potência formativa desses lugares no desenvolvimento humano.

O livro cumpre um papel relevante na consolidação de um campo de estudos que reconhece a educação como fenômeno social, histórico e cultural, vivenciado em múltiplos espaços. Ao destacar a multiplicidade dos ambientes pedagógicos, os textos instigam o leitor a refletir sobre as interações entre saberes

populares e acadêmicos, as dimensões éticas da prática educativa e a construção de identidades coletivas.

A partir dessa perspectiva, o volume IV reafirma o compromisso dos pesquisadores e orientadores com a socialização do conhecimento, com o fortalecimento da pesquisa aplicada e com o estímulo à reflexão crítica sobre as práticas educativas contemporâneas. A publicação, portanto, é um convite à valorização da experiência, da escuta e da sensibilidade como fundamentos da ação pedagógica em uma sociedade plural e em permanente transformação.

Profa. Ms. Isabelle Emily Ferreira de Souza Tavares
Coordenação do Núcleo de Inclusão - FAMEN

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – A CASA DA RIBEIRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR 36

Autoria: Clarisse Natthalie Batista Claudino

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO: A INSERÇÃO DE JOVENS NO PARQUE DE VAQUEJADA EM EXTREMOZ – RN SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL..... 45

Autoria: Francisco Vital Dantas e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 3 – A PRAÇA DO MARCO ZERO COMO ESPAÇO NÃO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES EDUCATIVAS..... 60

Autoria: Luan Calixto Barbosa, Hebert Gabriel Fernandes de Amorim e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 4 – CASA DE CARIDADE AUTO DE SOUZA (CCAS) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR 70

Autoria: Allan Kardec Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 5 – CASA DO GRUDE EXTREMOZ – RN COMO AMBIENTE EDUCATIVO NÃO ESCOLAR79

Autoria: Thiago de Oliveira Dantas e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 6 – BOSQUE DOS NAMORADOS: UM OLHAR ATENTO PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS FORA DO ÂMBITO ESCOLAR . 94

Autoria: Gledson Ricardo Vieira Mororo, Gabriella do Carmo da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 7 – O CLUBE DE DESBRAVADORES E SUA ATUAÇÃO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR.....107

Autoria: Evelyn Maria Nascimento da Paz e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 8 – A PRAIA COMO ESPAÇO EDUCATIVO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR..... 116

Autoria: Euclides Guedes de Moura e Ellen Vitória Marreiro de Castro

CAPÍTULO 9 – MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS (MCM) DA UFRN: UMA EXPERIÊNCIA COMO ESPAÇO NÃO ESCOLAR....129

Autoria: Alexia Pontes Viana, Júlia Helena Leandro Fagundes, Yasmin Silva Alves de Freitas e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 10 – O SEBO COMO UMA AULA VIVA FORA DA ESCOLA..... 141

Autoria: Ana Beatriz Shammar Lima da Silva, Hudson Gabriel Rocha de Almeida e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 11 – EDUCAÇÃO PELA ARTE: A CASA DA RIBEIRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR 151

Autoria: Camilly Fernanda da Silva Cunha, Vitória Oliveira da Silva, João Victor Silva da Costa e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 12 – A FUNDAÇÃO CULTURAL DONA MILITANA (FCDM) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR163

Autoria: Ellen Cristina Ramos da Rocha, Jessica Natalia Lima Ferreira, Stênia Raquel da Silva Câmara e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 13 – PATRIMÔNIO, CULTURA E CONHECIMENTO: A CATEDRAL DE SAL DE ZIPAQUIRÁ COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO..... 175

Autoria: Maria Emanuele dos Santos Faustino, Narielle Valéria da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 14 – EXPLORANDO A PINACOTECA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR..... 189

Autoria: Evelyn Monique Araújo de Lima, Maria Heloyza Dias de Souza e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 15 – O PARQUE DAS DUNAS, EM NATAL-RN, COMO ESPAÇO MEDIADOR NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES DE CARÁTER EDUCATIVO, CULTURAL E SOCIAL PARA O POVO POTIGUAR200

Autoria: Gabriel José Gomes Peixoto, Maria Eduarda Bezerra de Medeiros e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 16 – A CATEQUESE DA IGREJA CATÓLICA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR212

Autoria: Ingrid Yasmin Pereira Soares da Silva, Maria Suelane Andrade dos Santos, Mateus Alves Faustino e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 17 – CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR 226

Autoria: Iranilda de Araújo Andrade, Lara Bernardino da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 18 – PARQUE DAS FONTES PAULO EMÍDIO DE MEDEIROS COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR241

Autoria: Janine Kainara Massena de Brito, Poliana Raquel dos Santos Silva, Samuel de Souza Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 19 – A MÚSICA COMO PRÁTICA EDUCATIVA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES NO RIO GRANDE DO NORTE 253

Autoria: Jorge Melo Pessoa, Leonardo Santos Tomé, Maria Clara Diniz do Nascimento e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 20 – A PRAIA DE PONTA NEGRA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES 285

Autoria: Josué Ferreira da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 21 – AS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE (UBS) COMO POSSÍVEIS LOCAIS DE APRENDIZAGEM 296

Autoria: Verônica de Oliveira Maciel, Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva, Vanessa Caroline de Oliveira Macedo e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 22 – O 7º CARTÓRIO DE NOTAS COMO POTENCIAL ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR: LETRAMENTOS JURIDICOS E CIDADANIA EM PRÁTICA 307

Autoria: Cláudio Manuel Cao Gonzalez, Ada Luíza Silveira Rosales, Felipe Jailton da Silva e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 23 – QUADRA DE ESPORTE DO BAIRRO JARDINS: A HISTÓRIA DA ARENA FUT-7 DO BAIRRO JARDINS, UM IMPORTANTE ESPAÇO NÃO ESCOLAR..... 320

Autoria: Alexya Venâncio Varela, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 24 – A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM GUARAPES (COMAG) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR..... 333

Autoria: Geomar Santos do Nascimento, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 25 – O CRAS COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR: O CASO DE PUREZA/RN.....341

Autoria: Maria Izabel Moura de Sá, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 26 – 7º GRUPO DE ESCOTEIROS SÃO SEBASTIÃO 348

Autoria: Lindinez Isabela da Silva, Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 27 – PARQUE DA CIDADE DE NATAL/RN COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR361

Autoria: José Nadja Henrique da Silva Luz, Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 28 – A QUADRA DAS QUINTAS: UM ESPAÇO DE VIDA, CULTURA E ESPORTE NO BAIRRO DAS QUINTAS, NATAL/RN372

Autoria: Rebecca de Oliveira Gerônimo Leite Bezerra e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 29 – CONSELHO COMUNITÁRIO DE FELIPE CAMARÃO COMO UM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR ..381

Autoria: Tábata Alves de Melo e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 30 – O INSTITUTO BOM PASTOR COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR..... 387

Autoria: Tais dos Santos Porcino, Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 31 – QUADRA DE ESPORTES DAS QUINTAS: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM AO AR LIVRE403

Autoria: Thaiane Oliveira de Paulo, Isabelle Emily Ferreira de Souza Tavares e Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 1

A CASA DA RIBEIRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Clarisse Natthalie Batista Claudino

CAPÍTULO 1 – A CASA DA RIBEIRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Clarisse Natthalie Batista Claudino¹

Pensando os diversos espaços que produzem educação não formal na cidade de Natal/RN, a Casa da Ribeira, localizada na Rua Frei Miguelinho, nº 52, no bairro histórico da Ribeira nasce como um espaço cultural independente dedicado às artes cênicas e integradas, como teatro, dança, música, performances e artes visuais.

Está sediada em um casarão centenário, que já serviu como residência e abrigou diversos tipos de comércio ao longo dos anos. Em 1998, o Grupo Clowns de Shakespeare, composto por artistas e estudantes, identificou a necessidade de um local para realizar oficinas de teatro e ensaios. Ao encontrarem o prédio em estado de abandono, com restos de obras, decidiram ocupá-lo e transformá-lo em um espaço cultural.

Em 6 de março de 2001, após dois anos de esforços de reforma e obtenção de apoios e patrocínios, a Casa da Ribeira foi inaugurada como um centro cultural. Nos primeiros dois anos, o grupo realizou, aos domingos, o projeto "Na Rua da Casa", que oferecia espetáculos de palhaços, dança e música, ocupando

¹ Graduando em Licenciatura em Física – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Email: contato.clarissebatista@gmail.com.

artisticamente a Rua Frei Miguelinho e trazendo mais vida para os finais de semana no bairro.

A Casa da Ribeira possui uma infraestrutura que inclui uma recepção, sala de teatro com 164 lugares com sistema de apresentações cinematográficas, um café com acervo literário de mais de 1.500 títulos, um espaço dedicado a exposições de obras visuais, e dois banheiros (masculino e feminino). A equipe é composta por: Alessandra Augusta (Diretora); Alessandro Saraiva (Produtor); Anderson Galdino (Assistente técnico); Thaenia Ferreira (Assistente técnico); Jeane Ataíde (Gerente) e Vânia Ataíde (Zeladora).

As imagens a seguir ilustram, respectivamente a fachada principal da casa, a sala do teatro e a sala do café.

Figura 1 – Casa da Ribeira



Fonte: Clarisse Natthalie (2025).

Figura 2 – Sala de Teatro



Fonte: Clarisse Natthalie (2025).

Figura 3 – Espaço do café



Fonte: Clarisse Natthalie (2025).

Os gestores da Casa são também artistas, o que reforça o compromisso com a missão cultural do espaço. Segundo relatos, a Casa da Ribeira representa um sentimento de pertencimento a todos os envolvidos, pois não é apenas um espaço cultural, mas também uma família que há anos luta para que o projeto iniciado em 2001 tenha cada vez mais reconhecimento na sociedade e apoio de Natal.

O espaço é reconhecido por sua importância na promoção das artes cênicas e integradas, abrigando festivais artístico-culturais, mostras de cinema e espetáculos de diversos grupos

artísticos. A Casa também mantém uma Escola de Criação, oferecendo cursos gratuitos para estudantes da rede pública de ensino, visando à formação de novos artistas e à democratização do acesso à cultura. Há, ainda, o sonho de obter reconhecimento oficial para a Escola de Criação junto ao Ministério da Educação (MEC), ampliando seu impacto na formação artística. A imagem a seguir ilustra alguns artistas atuando no espaço.

Figura 4 – Artistas e música



Fonte: Alessandro Saraiva (2025).

Apesar de sua relevância, a Casa da Ribeira enfrenta desafios relacionados à manutenção do espaço, especialmente por estar situada em um bairro histórico muitas vezes negligenciado pelo poder público. A sustentabilidade financeira do centro cultural é garantida principalmente pela receita obtida com a locação do palco para apresentações.

Durante a pandemia, para manter suas atividades, a Casa realizou uma campanha de financiamento coletivo, demonstrando o sentimento de afeto e pertencimento da comunidade em relação ao espaço.

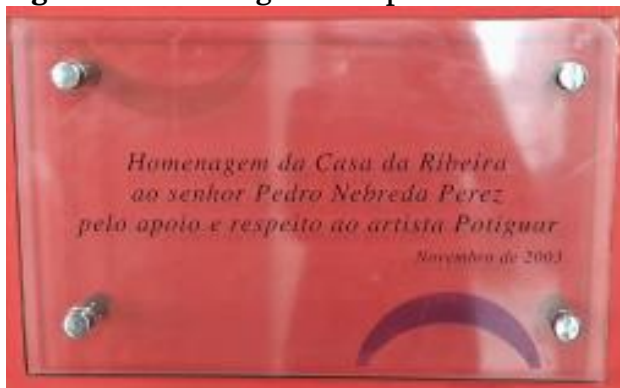
Há planos futuros para tornar a Casa da Ribeira mais acessível, especialmente para pessoas com mobilidade reduzida, incluindo a instalação de uma plataforma para o segundo andar, além de melhorias para tornar o ambiente mais acolhedor e equipado. As imagens abaixo ilustram o apoio de algumas empresas para o funcionamento da casa como também homenagem da casa a colaboradores ilustres.

Figura 5 – Homenagem dos apoiadores



Fonte: Clarisse Natthalie (2025).

Figura 6 – Homenagem dos apoiadores



Fonte: Clarisse Natthalie (2025).

Ao longo de sua trajetória, a Casa da Ribeira realizou mais de 40 projetos culturais, consolidando-se como um dos mais importantes pontos de cultura de Natal e do Brasil. A imagem a seguir ilustra uma apresentação de um grupo artístico nas dependências da casa.

Figura 7 – apresentação do grupo artístico



Fonte: Clarisse Natthalie (2025).

Tudo isso mostra como A Casa da Ribeira luta todos os dias para que a cultura seja divulgada além dos muros e que ela seja

não apenas um espaço cultural, mas sim um grande projeto capaz de levar a educação e a arte para públicos que não teriam tanto acesso a tantos espetáculos de tantos grupos. O prédio apesar de tombado vive por muitos anos nas mãos de artistas que sabem da importância que a Casa tem para a história de Natal e lutam para não deixar que essa memória da arte morra nas ruas abandonadas do bairro da Ribeira

A importância pedagógica que a Casa da Ribeira transmite nos mostra que existem professores e escolas em todo lugar, e que a arte transforma vidas e traz alegria por onde passa.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.** Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO: A INSERÇÃO DE JOVENS NO PARQUE DE VAQUEJADA EM EXTREMOZ – RN SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Francisco Vital Dantas

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO: A INSERÇÃO DE JOVENS NO PARQUE DE VAQUEJADA EM EXTREMOZ – RN SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

**Francisco Vital Dantas² // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares³**

Em visita realizada no parque de vaquejada do pequeno distrito de Santa Maria, em Extremoz, Rio Grande do Norte, tornou-se oportuno evidenciar que a cultura da vaquejada não é apenas uma manifestação tradicional; é também um reflexo da identidade local e uma ferramenta de socialização. Para as crianças e adolescentes da região, a convivência com o ambiente do parque de vaquejada vai além do entretenimento e da observação das competições. Esse espaço funciona como um ambiente educacional não formal, onde valores culturais, responsabilidade coletiva e práticas ligadas à tradição nordestina são transmitidos de maneira orgânica.

² Graduando em Licenciatura em Física - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, E-mail: f.vital@escolar.ifrn.edu.br.

³ Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI, E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

Figura 1 – Estudante Francisco Vital e o vaqueiro Berg Batista



Fonte: Autores (2025).

A vaquejada é um esporte tradicionalmente nordestino que combina coragem, habilidade e uma forte ligação com o campo e a criação de gado. O parque de vaquejada, muitas vezes associado às festividades anuais e a encontros comunitários, na cidade de Extremoz, torna-se também um centro de convivência onde saberes populares são repassados entre gerações. Em Santa Maria, é comum encontrar jovens ajudando na organização dos eventos, observando as técnicas utilizadas pelos vaqueiros, e, quando crianças, participando de atividades adaptadas às suas faixas etárias, como pequenos torneios e tarefas supervisionadas relacionadas ao cuidado com os animais.

Figura 2 – Jovens vaqueiros acompanhados do tutor Berg Batista



Fonte: Acervo do parque (2025).

Essa inserção não acontece de forma aleatória. Ela está intrinsecamente ligada a uma educação que ocorre fora dos moldes tradicionais da sala de aula, mas que é igualmente rica em aprendizado. Os jovens aprendem através da observação e da prática, sendo introduzidos a conceitos como trabalho em equipe, responsabilidade com os animais e respeito à tradição. Além disso, a convivência com os vaqueiros mais experientes contribui para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e convivência, uma vez que a organização de um evento de vaquejada exige planejamento e colaboração entre diversas pessoas.

No contexto da educação não formal, as experiências vividas nesse espaço têm um impacto significativo no

crescimento pessoal e cultural das crianças e adolescentes. Um aspecto marcante é a preservação da identidade local, que muitas vezes se perde em regiões mais urbanizadas. Ao participarem ativamente do parque de vaquejada, os jovens assimilam a história da prática, os valores associados à vida no campo e a importância do papel da comunidade para a realização de eventos. Esses ensinamentos, mesmo que informais, influenciam diretamente a formação do senso de pertencimento e a valorização da cultura local.

É também relevante mencionar o papel das famílias nesse processo. Os pais, em sua maioria, incentivam a participação de seus filhos, enxergando no parque de vaquejada uma oportunidade para que eles se conectem com as origens e aprendam habilidades que os ajudarão ao longo da vida. Em muitos casos, essa é uma experiência intergeracional: pais, avós e filhos compartilham o mesmo espaço e vivenciam juntos os desafios e as celebrações que envolvem a prática da vaquejada. Esses momentos de convivência fortalecem os laços familiares e reafirmam os valores da coletividade.

Figura 3 – Vaqueiro Berg Batista e sua filha



Fonte: Acervo do parque (2025).

Entretanto, a inserção de crianças e jovens nesse contexto também apresenta desafios. Algumas críticas apontam para os riscos associados à exposição precoce a atividades que demandam grande responsabilidade e ao contato com situações potencialmente perigosas, como o manejo de animais grandes. Por outro lado, defensores da prática argumentam que, com o acompanhamento adequado e uma supervisão responsável, é possível minimizar esses riscos e maximizar os benefícios educativos e sociais.

Além disso, há um debate crescente sobre como integrar os saberes adquiridos no ambiente da vaquejada com o sistema de ensino formal. A escola, que tradicionalmente prioriza conteúdos acadêmicos desvinculados das realidades locais, pode se beneficiar ao incorporar elementos da cultura da vaquejada em

seu currículo. Projetos pedagógicos que abordem a história, as técnicas e os valores dessa prática poderiam servir como ponte entre o conhecimento formal e o aprendizado vivenciado no parque. Essa abordagem contribuiria para tornar o ensino mais contextualizado e significativo para os estudantes da região.

Na perspectiva de quem vive a realidade do distrito de Santa Maria, o parque de vaquejada é muito mais do que um espaço de lazer; é uma extensão da comunidade e um centro de aprendizado. Para as crianças e adolescentes, ele representa um ambiente onde a tradição encontra a educação, criando oportunidades de desenvolvimento que vão além do ensino convencional. Em um mundo cada vez mais globalizado, em que a cultura local muitas vezes é negligenciada, essas experiências desempenham um papel crucial na preservação da identidade e na formação de cidadãos conscientes e orgulhosos de suas origens.

Figura 4 – Jovens da comunidade montados em seus cavalos, na companhia do tutor Berg Batista



Fonte: Acervo do parque (2025).

Em depoimento, Lindemberg Batista (Berg), afirma que a vaquejada pode servir como um incentivo muito importante para que as novas gerações ocupem-se nas atividades comunitárias, e em laços fraternais conheçam a tradição do seu povo. Ele diz: "Aqui nós incentivamos nossos jovens para que tenham um futuro bom, porque a vaquejada serve para tirar essa juventude de caminhos ruins". Além disso, Berg ressalta que o ambiente do parque de vaquejada não apenas promove os valores culturais e familiares, mas também estimula o desenvolvimento de habilidades práticas, como responsabilidade, trabalho em equipe e disciplina. "É um lugar onde os jovens aprendem muito mais do

que só sobre a vaquejada; aprendem sobre respeito e compromisso com a comunidade."

Figura 5 – Estudante Francisco Vital e o vaqueiro Berg Batista



Fonte: Autores (2025).

Em suas palavras, ele afirma que essa prática sempre esteve presente no seu viver, e deixa explícito o seu orgulho em poder transmiti-los para as próximas gerações. Quando questionado sobre a visibilidade e investimento do poder público, Berg reitera: "aqui nós não temos investimento de nada, o poder público não alcança nossa comunidade, tudo aqui é feito com ajuda de patrocínios, o máximo que eles fazem é ceder um equipamento para limpeza do ambiente, mas não é sempre".

Isso mostra que essa tão importante prática cultural, nessa comunidade, não é tão valorizada por parte do poder municipal ou outras instâncias.

Quando perguntado sobre a possibilidade da vaquejada ser uma via informal da educação, através da disciplina e bons costumes, ele afirma: "sim, os vaqueiros são unidos, sabia? Nós ensinamos que todos devem estudar para que possam ter seu dinheiro, e poder até investir no próprio esporte".

Com essas palavras, Berg deixa claro que os princípios básicos da educação, pautados na autonomia e desenvolvimento, estão bem presentes no cotidiano do parque de vaquejada.

A participação feminina também é uma peça fundamental para o funcionamento e perpetuação da cultura dos vaqueiros. Essa prática regional pode ter sido associada muitas vezes ao fator masculino, mas as mulheres estão enfrentando preconceitos e demonstrando que podem ocupar todos os espaços.

Uma exímia vaqueira da região, Cariline Silva, aceitou conversar e deixou seu importante depoimento. Ela mora na cidade e pratica esse esporte de maneira profissional, tendo conquistado vários títulos - inclusive nacionais - e se tornado um exemplo para a juventude local.

Figura 6 – Cariline Silva erguendo premiação



Fonte: imagem cedida pela entrevistada (2025).

Quando perguntada sobre a sua ligação com a vida de vaquejada, ela diz: "Eu posso dizer que faço parte do mundo da vaquejada, ou a vaquejada faz parte do meu mundo, não é? Desde quando nasci tenho contato com vaquejada, cavalos, e hoje somos profissionais nesse ramo. Somos atletas e incentivadores".

Cariline expõe, assim, que sua formação pessoal tem muitas características herdadas dessa prática cultural. Ao ser indagada sobre a associação do parque de vaquejada com a educação não formal, ela declara: "Que legal! Eu acho que a vaquejada está demorando muito para entrar nesse ramo educacional. A vaquejada tem um princípio muito rígido, e foi formada por homens muito severos, mas com o tempo as novas gerações vieram bagunçando, com muita bebida e farras".

Ela continua: "Porém, eu acho que já está na hora de mudar essa visão que a vaquejada tomou e ser voltada realmente para o

esporte profissional/educativo, e incentivar as novas gerações. Isso faria muita diferença para a nossa cidade", conclui.

Essas palavras são de extrema importância, pois mostram a real inserção que tal contribuição cultural exerce sobre a juventude. Cariline demonstra muito interesse pelo ramo, sendo uma das pessoas mais engajadas nessa atividade, especialmente por ser um exemplo de resistência feminina. Sua trajetória é um símbolo de superação e um farol para as jovens meninas que buscam afirmar-se em espaços tradicionalmente masculinos.

A presença feminina na vaquejada tem ganhado cada vez mais espaço e destaque, desafiando estereótipos e fortalecendo a diversidade nesse universo. Historicamente, as mulheres foram relegadas a papéis coadjuvantes nas tradições rurais, mas, nos últimos anos, elas têm demonstrado que também possuem talento, força e determinação para atuar em igualdade de condições com os homens. Seja como competidoras, organizadoras ou incentivadoras, a participação delas não apenas enriquece a prática, mas também a ressignifica, mostrando que a vaquejada é um patrimônio cultural que acolhe todos aqueles que desejam contribuir para sua preservação e evolução.

Além disso, a presença das mulheres na vaquejada tem um impacto significativo na forma como as gerações mais jovens percebem a igualdade de gênero. Com exemplos como Cariline Silva, a juventude passa a enxergar a prática não apenas como um esporte ou uma tradição, mas como uma oportunidade para

quebrar barreiras sociais e culturais. Essa mudança de paradigma incentiva o fortalecimento da autoestima das jovens, ao mesmo tempo que promove uma visão mais inclusiva e moderna dessa atividade que é tão simbólica para o nordeste brasileiro.

A análise da inserção de jovens no parque de vaquejada em Santa Maria, Extremoz-RN, evidencia a riqueza da educação não formal na promoção do desenvolvimento social, cultural e pessoal dos participantes. O parque, além de ser um espaço de lazer e preservação cultural, torna-se uma extensão da comunidade, onde valores como trabalho em equipe, responsabilidade e respeito às tradições são vivenciados. Essa prática, que perpassa gerações, demonstra ser uma ferramenta poderosa para o fortalecimento da identidade local e a valorização das raízes culturais.

O papel da vaquejada como meio de educação informal também traz à tona debates sobre os desafios e oportunidades desse modelo. Enquanto alguns críticos questionam os riscos envolvidos, a supervisão responsável e o incentivo à integração com o ensino formal podem transformar essa prática em um exemplo de aprendizado contextualizado e significativo.

Além disso, a crescente participação feminina e a superação de preconceitos reforçam a vaquejada como um espaço inclusivo, onde valores de igualdade e diversidade são celebrados. Assim, fica evidente que, apesar da negligência de algumas instâncias públicas, o parque de vaquejada representa um elemento essencial na formação cidadã, mantendo vivas as

tradições e promovendo o desenvolvimento de uma juventude conectada às suas origens.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓES, Moema Viezzer. **Educação não formal**: um estudo sobre práticas educativas populares. São Paulo: Loyola, 2006.

BRAGA, Livia Barbosa; LEITE, Maria Helena de Moura. **Cultura e Tradição no Nordeste Brasileiro**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

CAPÍTULO 3

A PRAÇA DO MARCO ZERO COMO ESPAÇO NÃO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES EDUCATIVAS

Luan Calixto Barbosa

Hebert Gabriel Fernandes de Amorim

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 3 – A PRAÇA DO MARCO ZERO COMO ESPAÇO NÃO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES EDUCATIVAS

**Luan Calixto Barbosa⁴ // Hebert Gabriel Fernandes de Amorim⁵
// Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares⁶**

O presente capítulo possui a finalidade de apresentar a praça do Marco Zero, localizada em Nova Cruz, no Rio Grande do Norte. O trabalho foi desenvolvido por alunos do curso de licenciatura em física do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) através de estudos realizados pelos graduandos, contribuindo diretamente para a formação dos discentes e na educação do leitor acerca dos espaços não-escolares para a realização de práticas educativas e laborais.

O objetivo do capítulo ultrapassa a ação de promover o conhecimento sobre a criação da praça, pois também insere pautas importantes como a cultura do local, as possibilidades de aprendizagem e a visão dos habitantes da região em âmbito

⁴ Graduando em Licenciatura em Física – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: calixtoluan147@gmail.com.

⁵ Graduando em Licenciatura em Física – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: hebertamorim00@gmail.com.

⁶ Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

histórico-social. Desse modo, vale salientar a importância da educação em locais alternativos. Todo e qualquer espaço onde há troca de saberes de suma relevância pode ser considerado um ambiente não-escolar no qual pode ser aproveitado para o aprendizado, ocorrendo diversas interações sociais e divulgação de conhecimentos culturais.

Nestes ambientes, faz-se necessário pontuar a importância deles para desenvolver hábitos culturais da sociedade, visto que muitas vezes o que não é ensinado em uma escola ou qualquer instituição de ensino é aprendido em espaços públicos de privados onde não tem como objetivo principal o aprendizado. Porém, com a convivência e experiências vividas, é correto afirmar que a educação não está presente apenas em locais de ensino, mas também em lugares diversos do cotidiano humano nos quais não é facilmente perceptível.

Nesse prisma, torna-se indispensável um maior reconhecimento dos ambientes de aprendizagem não-escolares como locais para a construção do saber das pessoas e suas utilidades. Sejam praças, academias de musculação, parques esportivos ou museus, sempre há espaço para novas técnicas de ensinamento e de divulgação de culturas, pois essa é a essência desses locais, o aprendizado mútuo entre a sociedade.

Figura 1 – Placa informativa na praça sobre a história de Nova Cruz



Fonte: Autores (2024).

A praça do Marco Zero é situada na cidade de Nova Cruz, interior do Rio Grande do Norte, com aproximadamente pouco mais de 34 mil habitantes, segundo dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também conhecida como “a rainha do agreste potiguar”, Nova Cruz é rica em cultura e possui a agricultura e comércio como principais pilares econômicos. As abundantes histórias da região são passadas em um ponto em comum: a praça da cidade. Neste local, há representações artísticas referentes a história do município e placas, afim de disponibilizar o conhecimento aos moradores e

turistas que visitam o lugar. Dessa forma, a praça do Marco Zero é utilizada não apenas para o lazer, como também torna-se um espaço cultural rico para Nova Cruz. Dessa forma, o local é um lugar único, carregado de história e significado. Ela é a alma de Nova Cruz, um ponto de referência para todos aqueles que amam esta cidade. Ao visitar a praça, o visitante não apenas admira um belo espaço, mas também entra em contato com a história e a cultura de um povo.

Figura 2 – Cruz da praça



Fonte: Autores (2024).

A diversidade na praça do hospitalar e acolhedor município é imensurável com toda a sua grandiosidade histórica. Todavia, uma representação artística em estátua destaca-se: a cruz. Um objeto que simboliza a origem do nome da cidade e o início da

história da região. Ela tem um valor imenso para os moradores da região, pois expressa a história em uma perspectiva artística simples, porém, magnífica.

Não é recente o uso de representações artísticas dinâmicas como estátuas, pinturas e livros com o intuito de ampliar os caminhos da educação. Desde os primórdios da humanidade o homem requer de inúmeros recursos com o objetivo de registrar acontecimentos e existem incontáveis exemplos sobre isso. Aristóteles, filósofo que viveu durante o período da Grécia Antiga, afirmava que a arte imita a vida. Em outras palavras, os artistas buscam representar o mundo em obras, onde é realizado um trabalho extenso para que seja possível transmitir o conhecimento de forma criativa.

A cruz na praça do Marco Zero é simbólico para os moradores, pois é uma das maiores culturas que o povo tem acerca da origem do nome da cidade. A história do município de Nova Cruz foi criada a partir de uma lenda conhecida como "a lenda da anta esfolada" onde havia supostamente um espírito maligno que possuía uma anta, e estava assustando os moradores da região. Com o intuito de retirar a maldição da anta, um caçador a prendeu. No entanto, no primeiro golpe que o caçador deu, a anta deu um pulo e correu, deixando a própria pele nas mãos do caçador e continuou a atormentar os moradores.

Reza a lenda que um missionário jesuíta fez uma cruz com os ramos do inharé e fincou no alto de uma pedra por onde a anta costumava passar. Depois da nova cruz, a anta nunca mais foi

vista e a cidade que era chamada anteriormente por Urtigal e anta esfolada, ficou conhecida como Nova Cruz. Cruz esta, que está sendo símbolo de cultura na famosa praça do marco zero, erguida no início da praça. E um monumento logo abaixo conta toda história por trás da famosa cruz da cidade "rainha do agreste".

Ao entender a história acerca da cidade, torna-se mais compreensível entender a importância da praça para os cidadãos de Nova Cruz. É nítido que o espaço não é apenas um ambiente de lazer para as pessoas, mas também de aprendizado cultural acerca da cidade. A praça do Marco Zero possui diversos elementos que favorecem a convivência social e o lazer, como áreas ajardinadas, espaços para eventos, quiosques para o comércio e monumentos associados a sua riqueza cultural.

Por fim, realizou-se uma entrevista com uma moradora local do município, com a finalidade de compreender a importância da praça e da rica cultura presente nela na perspectiva de uma moradora local e antiga. Maria Barbosa de Amorim é habitante da cidade de Nova Cruz e mudou-se para o município em meados de 1980. Hoje em dia, com 80 anos de idade, Maria é uma senhora aposentada e discorre na entrevista tópicos acerca da importância da praça do Marco Zero para a cultura local.

Figura 3 – Estátua do caçador



Fonte: Autores (2024).

A seguir as questões levantadas durante a entrevistas serão apresentadas na íntegra a fim de contribuir com as discussões e análises em torno da temática supracitada.

Pergunta 01 - Qual o impacto da Praça do Marco Zero no turismo local? "A praça é um ponto de referência turística para os que se interessam na cultura e história da cidade. Também muitas das vezes é usada para eventos e festividades, o que aumenta a visibilidade de Nova Cruz."

Pergunta 02 - Qual a importância de preservar espaços históricos como a Praça do Marco Zero para as futuras gerações? "É importante preservar a praça e sua história para as futuras gerações, podendo servir para o conhecimento da cultura local e o melhor conhecimento do seu passado, oferecendo também

apresentações artísticas, que atraem visitantes e incentivam o turismo."

Pergunta 03 - Existe alguma lenda ou história relacionada à fundação da praça? "Existe alguma lenda ou história popular relacionada à fundação da praça? "A história de nova cruz é contada em um monumento nessa mesma praça, onde se tem por início a lenda da 'anta esfolada.'"

Pergunta 04 - Qual a importância histórica da Praça do Marco Zero para a cidade de Nova Cruz? "Diz a lenda, que a anta esfolada foi exposta na cruz que está hoje na praça do marco zero, por isso, é importante a preservação da praça para a história da nossa cidade."

Pergunta 05 - Quais os principais elementos arquitetônicos e históricos presentes na praça? "A praça conta com elementos históricos como a própria cruz onde foi exposta a anta, e um monumento contando toda história por trás da fundação da cidade e da nossa praça."

Pergunta 06 - Quais os desafios para a preservação da praça e de sua história? "O cuidado do governo local é um desafio para a preservação da praça e sua história, pois, a falta de investimento na sua infraestrutura pode fazer com que a seja esquecida por alguns, juntamente com sua história e legado."

As questões evidenciam a importância da memória como artefato importante para na construção da identidade dos lugares por meio dos moradores que recriam as narrativas e assim consolidam ao longo do tempo a história local.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.
Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 4

CASA DE CARIDADE AUTO DE SOUZA (CCAS) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Allan Kardec Silva

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 4 – CASA DE CARIDADE AUTO DE SOUZA (CCAS) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Allan Kardec Silva⁷ // Andrezza Maria Batista do Nascimento
Tavares⁸

A associação casa de caridade Auta de Souza (CCAS) está localizada no Estado do Rio Grande do Norte, no município de Extremoz, na comunidade de Murici. Iniciou os trabalhos no ano de 1994, através da distribuição de sopas e consultas médicas gratuitas para o povoado local. A imagem abaixo mostra a entrada da instituição no ano de 2023.

Figura 1 – Entrada da Casa de Caridade Auta de Souza



Fonte: Google maps, Rua Euclides Dantas, 2023.

⁷ Graduando em licenciatura em física pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: kardecallan561@gmail.com.

⁸ Pós-Doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

O nome da casa de caridade foi dado em homenagem a uma poetisa e escritora brasileira, reconhecida por sua sensibilidade literária e espiritualidade. Nascida em Macaíba, no estado do Rio Grande do Norte, ela é considerada uma das figuras mais importantes da literatura potiguar. Apesar de sua breve vida, marcada por fragilidades de saúde e pela perda precoce dos pais, Auta deixou um legado significativo na poesia brasileira.

Sua obra é caracterizada por um tom melancólico, reflexivo e profundamente espiritual. O livro "Horto", publicado em 1900, reúne seus poemas e foi amplamente elogiado por críticos da época, incluindo Olavo Bilac. Suas poesias abordam temas como a fé, a saudade, a efemeridade da vida e a busca pela transcendência.

Além de sua contribuição literária, Auta de Souza tornou-se símbolo de caridade e devoção cristã. Ela é frequentemente associada a movimentos espíritas devido à sua inspiração espiritual e ao impacto de seus versos em comunidades que valorizam o amor ao próximo e a fraternidade. Instituições como a Casa de Caridade Auta de Souza carregam seu nome como homenagem ao seu exemplo de amor e dedicação à humanidade.

Figura 2 – Poetisa Auta de Souza



Fonte: Imagem retirada do Google.

A instituição disponibiliza salas e ambientes para os jovens, adultos e idosos. Como por exemplo:

- **COZINHA:** A cozinha da instituição de caridade distribui sopa e pão para os moradores do povoado de murici, visando atender às necessidades alimentícias da comunidade.

- **SALAS DE AULAS:** A instituição de caridade oferece aulas durante a semana para jovens do ensino fundamental ao ensino médio.

- **BIBLIOTECA:** Sendo um espaço de acesso ao conhecimento, à cultura e à formação humana, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Além de promover o hábito da leitura, a biblioteca incentiva o

desenvolvimento do pensamento crítico, estimula a criatividade e oferece oportunidades de aprendizado que podem transformar vidas. Mais do que um repositório de livros, esse ambiente é um ponto de acolhimento e inclusão, onde saberes são compartilhados e novos horizontes podem ser descobertos. Assim, a biblioteca contribui não apenas para o crescimento intelectual, mas também para o fortalecimento de valores, oferecendo às comunidades atendidas um instrumento poderoso de emancipação e cidadania.

• **CONSULTÓRIO:** As consultas médicas gratuitas disponibilizadas pela casa de caridade Auta de Souza, representam um serviço essencial para a promoção da saúde e do bem-estar da comunidade. Esse atendimento é um alívio significativo para pessoas que enfrentam dificuldades financeiras e não têm acesso adequado ao sistema de saúde. Além de garantir diagnósticos e tratamentos, essas consultas também atuam de forma preventiva, ajudando a identificar problemas de saúde em estágios iniciais e promovendo a conscientização sobre cuidados básicos. Com profissionais dedicados e um atendimento humanizado, a instituição não apenas oferece assistência médica, mas reafirma o compromisso com a dignidade e a qualidade de vida dos mais necessitados, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

• **HORTA:** A horta desempenha um papel valioso no aprendizado, promovendo uma conexão direta com a natureza e

ensinando práticas sustentáveis, como o cultivo de alimentos e o cuidado com o meio ambiente. Além de ser uma ferramenta educativa, ela também incentiva valores como responsabilidade, trabalho em equipe e paciência. Os alimentos colhidos na horta têm um destino especial: são utilizados na preparação da sopa caridosa, um dos principais gestos solidários da instituição. Dessa forma, a horta não só contribui para o aprendizado prático e para a formação de consciência ecológica, mas também reforça o compromisso da instituição em oferecer refeições nutritivas, alimentando tanto o corpo quanto a alma dos que mais precisam.

Para além, a instituição de caridade organiza encontros especiais durante datas comemorativas, como São João, Páscoa, Natal, Dia das Mães e Dia dos Pais, reunindo a comunidade no centro da instituição para momentos de celebração e união. Nessas ocasiões, são realizadas atividades voltadas para diferentes faixas etárias, como brincadeiras, apresentações culturais e dinâmicas, proporcionando alegria e fortalecendo os laços entre os participantes.

Durante o Natal, além das festividades, há a distribuição de brinquedos para as crianças e cestas básicas para as famílias atendidas, garantindo um fim de ano mais digno e acolhedor. Essas ações não apenas marcam a celebração das datas, mas também reforçam o espírito solidário e o compromisso da instituição em promover inclusão e felicidade para todos. Em seguida ilustramos a imagem do pátio/ambiente de convivência da casa de caridade Auta de Souza.

Figura 3 – Pátio/centro da casa de caridade Auta de Souza



Fonte: Imagem retirada do Instagram da Instituição.

Feitas essas observações, algumas questões foram dialogadas a fim de trazer contribuições para a discussão em torno do tema. Para isso foi realizada uma entrevista com um sujeito vinculado a gestão da casa. A seguir as questões e respectivas respostas serão sistematizadas a fim de ampliar o entendimento em torno do tema.

Pergunta nº 1: Na sua opinião, qual a importância da casa de caridade Auta de Souza para a educação?

Resposta: “Ela tem uma importância imensa no campo da educação, especialmente na comunidade que enfrenta

dificuldades sociais e econômicas. Além de atuar como uma ponte para o acesso à educação, fornecendo suporte essencial a crianças, jovens, adultos e idosos que, muitas vezes, encontram barreiras no sistema público ou não têm condições de arcar com os custos básicos de materiais escolares, transporte ou alimentação”.

Pergunta nº 2: Quais os desafios que você viu durante sua permanência na instituição?

Resposta: “Apesar de ajudar muitos na comunidade de murici e povoados próximos, a casa de caridade precisou/precisa de apoio através de doações e campanhas de arrecadação. Possuindo bazar beneficente onde vendemos artesanatos feitos pelos(as) jovens da comunidade, roupas e brinquedos, para arcar com os custos dos alimentos da sopa, materiais escolares e recreativos para todos da comunidade”.

Pergunta nº 3: Como uma pessoa pode se comunicar para fazer uma visita ou participar dos projetos de ajuda ao povoado?

Resposta: “Através do instagram da casa de caridade Auta de Souza (@ccautadesouza) e pelo contato (84) 999734622, caso não possua instagram, é só colocar no google o nome casa de caridade Auta de Souza, lá é possível ver a rota para a casa de caridade funcionamos durante a semana”.

Sendo assim, a pesquisa evidencia a importância da casa como um espaço de construção de saberes e de produção de sentidos para a comunidade usuária e para sociedade em geral, por meio do atendimento aos usuários que a casa necessita.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.

Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

Casa de caridade Auta de Souza. Disponível em:

<https://www.instagram.com/ccautadesouza/>.

CAPÍTULO 5

CASA DO GRUDE EXTREMOZ – RN COMO AMBIENTE EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Thiago de Oliveira Dantas

CAPÍTULO 5 – CASA DO GRUDE EXTREMOZ – RN COMO AMBIENTE EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Thiago de Oliveira Dantas⁹

Extremoz, uma das cidades mais encantadoras do Rio Grande do Norte, guarda em seu território riquezas culturais e históricas que remontam aos primórdios da colonização brasileira. Entre essas joias, destaca-se a Casa do Grude, um local que combina tradição culinária, valor histórico e função educativa. Este documento explora detalhadamente a história de Extremoz, a origem do grude, as influências indígenas Potiguara e como a Casa do Grude se destaca como um espaço de aprendizado e valorização cultural.

Figura 1 – Fachada



Fonte: Autor (2024).

⁹ Discente de Licenciatura em Física.

A história de Extremoz

Extremoz é um município cuja história remonta ao século XVI, quando os portugueses chegaram ao litoral nordestino do Brasil. Originalmente habitada pelos índios Potiguara, a região era conhecida como "Moçoró" e se destacava pela abundância de recursos naturais, como lagoas, rios e florestas. Com a chegada dos europeus, iniciou-se um processo de exploração que resultou em transformações profundas na organização territorial e social da região.

Colonização e resistência indígena

Os Potiguara, habitantes originais de Extremoz, resistiram bravamente à invasão portuguesa. Apesar disso, o processo de colonização acabou resultando em conflitos, deslocamentos forçados e a integração dos costumes indígenas à nova realidade colonial. Essa interação foi crucial para moldar a cultura local, deixando marcas profundas na culinária, no artesanato e nas tradições.

A importância de Extremoz no contexto atual

Hoje, Extremoz é um polo turístico que combina belezas naturais com patrimônio histórico. Suas lagoas, praias e monumentos atraem visitantes de diversas partes do Brasil e do

mundo. Nesse contexto, a Casa do Grude surge como um ponto de referência para quem deseja explorar as raízes culturais da região.

O Grude: um Patrimônio Gastronômico

O grude é um alimento típico de Extremoz, feito a partir de uma mistura de goma de mandioca, coco e açúcar. Sua origem está ligada às práticas culinárias indígenas e à influência portuguesa, que adaptou técnicas de preparo locais para criar novos pratos. Essa tradição foi transmitida por gerações, consolidando o grude como um símbolo cultural e afetivo para os moradores da região.

Figura 2 – O grude



Fonte: Autor (2024).

Processo de produção

A produção do grude é um processo artesanal que exige paciência e habilidade. A mandioca, cultivada localmente, passa por diversas etapas até se transformar na goma utilizada como base da receita. O coco fresco e o açúcar são adicionados para conferir sabor e textura. Esse método tradicional preserva o sabor autêntico do grude e reflete a identidade cultural da comunidade.

Figura 3 – O grude



Fonte: Autor (2024).

Significado cultural

Mais do que um alimento, o grude representa a resistência e a valorização das tradições locais. Ele é um elo entre o passado

e o presente, conectando gerações e fortalecendo o senso de pertencimento dos habitantes de Extremoz.

A casa do Grude

A Casa do Grude foi criada com o objetivo de preservar e promover a tradição do grude em Extremoz. Localizada no centro da cidade, ela funciona como um ponto de encontro entre a história e a modernidade, oferecendo experiências culturais únicas aos visitantes.

Função educativa

Além de ser um atrativo turístico, a Casa do Grude desempenha um papel importante como espaço educativo não formal. Visitas guiadas, oficinas de produção e atividades interativas proporcionam aos visitantes um aprendizado significativo sobre cultura, história e sustentabilidade.

Impacto na comunidade

A Casa do Grude também tem um impacto positivo na economia local, gerando empregos e incentivando o empreendedorismo. Além disso, ela contribui para o fortalecimento da identidade cultural da região, ao destacar a importância de preservar tradições.

Os Potiguara e seu legado

Os Potiguara, povo originário de Extremoz, eram conhecidos por suas habilidades no cultivo da mandioca e na produção de alimentos. Esses conhecimentos foram incorporados à cultura local e são celebrados até hoje na Casa do Grude.

Influência da culinária

A mandioca, ingrediente principal do grude, era um dos alimentos básicos dos Potiguara. Sua influência é evidente na culinária regional, que combina técnicas indígenas com elementos da cozinha portuguesa.

Figura 4 – O grude



Fonte: Autor (2024).

Reconhecimento e respeito

A Casa do Grude é também um espaço de reconhecimento e respeito à cultura Potiguar. Ao destacar sua contribuição para a história de Extremoz, ela promove a valorização da diversidade cultural.

Algumas considerações

A Casa do Grude é muito mais do que um ponto turístico em Extremoz. Ela é um símbolo vivo da história, cultura e tradições da região. Ao preservar o legado do grude e dos Potiguara, este espaço educativo não formal inspira visitantes a valorizar suas raízes e a refletir sobre a importância de preservar o patrimônio cultural. Que a história da Casa do Grude continue a ser escrita com paixão, respeito e dedicação pelas gerações futuras.

Entrevista com Sônia Maria da Silva Vieira, a "Mulher do Grude"

Sônia Maria da Silva Vieira, natural de Canguaretama/RN, é proprietária da Casa do Grude em Extremoz. Após casar-se, mudou-se para Extremoz, onde descobriu a tradição do grude e decidiu abrir a Casa do Grude, inaugurada em 12 de dezembro de 2014.

Figura 5 – Sônia Maria da Silva Vieira



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada (2024).

Atualmente, trabalha no local com a ajuda de seus filhos e amigas, sustentando a família e contribuindo com a comunidade. Sônia é responsável pela precificação dos pratos, elaboração dos cardápios e gestão administrativa do negócio familiar, sempre buscando o crescimento e a fama da Casa do Grude.

Pergunta: Sônia, como surgiu a ideia de abrir a Casa do Grude em Extremoz?

Sônia: Quando me mudei para Extremoz, fiquei encantada com a tradição do grude, uma iguaria que faz parte da identidade cultural da cidade. Percebi que havia uma oportunidade de valorizar essa tradição e, ao mesmo tempo, fornecer uma fonte de sustento para minha família. Assim, com o apoio da Fundação Aldeia do Guajirú, inauguramos a Casa do Grude em 2014, com o intuito de promover e preservar essa cultura.

Pergunta: Qual é a importância do grude para a cultura de Extremoz?

Sônia: O grude é uma iguaria tradicional feita de goma de mandioca e coco ralado, com raízes na herança indígena potiguar. Em Extremoz, ele se tornou um símbolo da nossa identidade, presente em eventos, comemorações e até em monumentos da cidade, como a estátua do "Menino do Grude" e a "Praça do Grudeiro". Além disso, o grude foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Norte, o que reforça sua importância para a nossa cultura.

Figura 5 – Monumento Menino do Grupe



Fonte: Autor (2024).

Pergunta: Como é o processo de produção do grude na Casa do Grude?

Sônia: Mantemos o processo artesanal tradicional. Utilizamos goma de mandioca e coco ralado, misturamos os ingredientes e assamos o grude no forno de pedra, o que confere uma textura crocante por fora e macia por dentro. Todo o processo é feito manualmente, preservando as técnicas passadas de geração em geração.

Pergunta: Quais desafios você enfrenta na gestão da Casa do Grude?

Sônia: Um dos principais desafios é manter viva a tradição do grude em meio à pressão pela modernização e às exigências sanitárias que exigem investimentos significativos. Além disso, equilibrar a gestão administrativa, a elaboração dos cardápios e a precificação dos pratos, garantindo a sustentabilidade do negócio e a satisfação dos clientes, é uma tarefa constante.

Pergunta: Como você vê o futuro da Casa do Grude e da tradição do grude em Extremoz?

Sônia: Estou confiante de que, com o reconhecimento oficial e o apoio da comunidade, conseguiremos preservar e fortalecer a tradição do grude. Na Casa do Grude, continuaremos a oferecer produtos de qualidade, mantendo as técnicas tradicionais e promovendo a cultura local para as futuras gerações.

Pergunta: Qual é a sua mensagem para quem deseja conhecer a Casa do Grude?

Sônia: Convido todos a visitarem a Casa do Grude, conhecerem nossa história, degustarem essa iguaria tradicional

e vivenciarem um pouco da cultura de Extremoz. Será um prazer recebê-los e compartilhar essa tradição que tanto amamos.

Práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares

As práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares vêm ganhando relevância no cenário educacional contemporâneo. Esses espaços, que se configuram fora do ambiente escolar tradicional, têm o potencial de oferecer experiências significativas de aprendizagem. Um exemplo claro disso é a Casa do Grude, localizada em Extremoz, Rio Grande do Norte. Esse ponto turístico-cultural combina ensino, tradição e cultura, mostrando como o aprendizado pode ser integrado à vivência comunitária e à valorização do patrimônio histórico.

A Casa do Grude desempenha um papel educativo não formal ao explorar a história e cultura locais de maneira interativa e acessível. Por meio de oficinas, visitas guiadas e atividades que destacam o processo artesanal do grude, o visitante não apenas aprende sobre a produção desse alimento tradicional, mas também mergulha na história dos índios Potiguara, dos colonizadores portugueses e da formação cultural de Extremoz. Essa abordagem educativa transcende os muros da escola, promovendo um aprendizado dinâmico, baseado na experiência e na prática.

Nos ambientes pedagógicos não escolares, o ensino acontece em interação direta com o contexto social e cultural. No

caso da Casa do Grude, esse contexto é representado pela tradição culinária e pela história local. O ato de preparar o grude, por exemplo, não é apenas uma atividade manual; é uma oportunidade para aprender sobre o uso sustentável dos recursos naturais, como a mandioca e o coco, e para compreender o impacto das práticas culturais na construção da identidade regional. Assim, o processo educativo acontece de forma integrada, conectando saberes históricos, ambientais e sociais.

Outro aspecto relevante é o impacto emocional e comunitário proporcionado por esses ambientes. Espaços como a Casa do Grude permitem que os visitantes se reconectem com suas raízes culturais e valorizem o conhecimento tradicional. Isso promove um senso de pertencimento e responsabilidade pela preservação do patrimônio cultural. A prática educativa deixa de ser apenas transmissão de informações para se tornar uma experiência transformadora, que estimula a reflexão crítica e a construção de valores.

Além disso, ambientes pedagógicos não escolares têm a capacidade de atender diferentes públicos e faixas etárias, promovendo a inclusão social. Na Casa do Grude, tanto os moradores locais quanto os turistas têm a oportunidade de aprender. Crianças, jovens e adultos podem se beneficiar das atividades educativas, que são planejadas para serem acessíveis e envolventes. Essa diversidade de público reforça o potencial inclusivo desses espaços e sua capacidade de atender às demandas de uma educação para todos.

Por fim, é importante destacar o papel desses ambientes na formação de cidadãos conscientes e engajados. Ao promover o contato com a história e a cultura local, a Casa do Grude contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a importância de preservar tradições e de construir um futuro sustentável. Esse tipo de aprendizado extrapola o conteúdo acadêmico e prepara os indivíduos para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea com empatia e responsabilidade.

Portanto, práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares, como as desenvolvidas na Casa do Grude, são fundamentais para a ampliação dos horizontes educativos. Elas demonstram como é possível aprender de forma significativa e integrada ao contexto cultural e social. Ao aliar tradição, história e pedagogia, esses espaços enriquecem o processo educativo e contribuem para a formação de uma sociedade mais consciente e conectada com suas raízes.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.
Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 6

BOSQUE DOS NAMORADOS: UM OLHAR ATENTO PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS FORA DO ÂMBITO ESCOLAR

Gledson Ricardo Vieira Mororo

Gabriella do Carmo da Silva

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 6 – BOSQUE DOS NAMORADOS: UM OLHAR ATENTO PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS FORA DO ÂMBITO ESCOLAR

Gledson Ricardo Vieira Mororo // Gabriella do Carmo da Silva

// Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares¹⁰

Criado em 1977 como a primeira Unidade de Conservação do Rio Grande do Norte, o Parque Estadual Dunas do Natal está localizado em Natal e possui uma área de 1.172 hectares. Reconhecido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como parte integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica Brasileira, o Parque das Dunas é considerado o maior parque urbano sobre dunas do Brasil, exercendo fundamental importância para a qualidade de vida da população natalense, contribuindo tanto na recarga do lençol freático da cidade, quanto na purificação do ar. Seu ecossistema de dunas é rico e diversificado, abrigando uma fauna e flora de grande valor bioecológico, que inclui diversas espécies em processo de extinção.

O Parque das Dunas tem por objetivo garantir a preservação e conservação dos ecossistemas naturais

¹⁰ Pós-Doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

englobados; proteger os recursos genéticos; possibilitar a realização de estudos, pesquisas e trabalhos de interesse científico; preservar sítios de valor histórico, arqueológico e geomorfológico; além de oferecer condições para o lazer, o ecoturismo e a realização de atividades educativas e de conscientização ecológica.

Figura 1 – Fachada do Bosque dos Namorados



Fonte: autores (2025).

O Parque das Dunas é considerado o maior parque urbano sobre dunas do Brasil, exercendo fundamental importância para a qualidade de vida da população natalense, contribuindo tanto na recarga do lençol freático da cidade, quanto na purificação do

ar. Seu ecossistema de dunas é rico e diversificado, abrigando uma fauna e flora de grande valor bioecológico, que inclui diversas espécies em processo de extinção. A fauna nativa do Parque é típica do ecossistema costeiro terrestre formado pela Mata Atlântica.

Figura 2 – Estátua dos Namorados



Fonte: autores (2025).

Em sua função social, o Parque das Dunas tem como objetivos: Garantir a preservação e conservação dos ecossistemas naturais englobados; Proteger os recursos genéticos; Possibilitar a realização de estudos, pesquisas e trabalhos de interesse científico; e Preservar sítios de valor histórico, arqueológico e geomorfológico.

Além de oferecer condições para o lazer, o ecoturismo e a realização de atividades educativas e de conscientização ecológica.

Figura 3 – Centro de Pesquisa



Fonte: autores (2025).

O Centro de Pesquisa é formado por pesquisadores e estagiários das áreas de ciências biológicas e possui dois laboratórios: um de botânica, composto por herbário, carpoteca e xiloteca, e um de zoologia, contendo exemplares de animais conservados em vidros com álcool e formol ou empalhados, viveiros com cobras e aranhas, além de informações sobre a biodiversidade do parque.

O Bosque dos Namorados também conta com uma área recreativa para crianças, aonde pode disponibilizar inúmeras práticas educativas, como:

- **Jogos de Cooperação:** Atividades que incentivem o trabalho em equipe, como caça ao tesouro em grupo ou construção de estruturas com elementos naturais encontrados no parque.

- **Aulas ao Ar Livre:** Educação ambiental, onde as crianças aprendem sobre as plantas, animais e ecossistemas presentes no parque. Elas podem coletar folhas, observar insetos e aprender sobre a importância da natureza.

- **Atividades Artísticas:** Desenho e pintura ao ar livre, usando paisagens naturais como inspiração. As crianças podem coletar materiais naturais (folhas, galhos, pedras) e criar obras de arte com eles.

- **Jogos de Movimento:** Atividades físicas como corrida, pular corda, jogar bola ou brincadeiras tradicionais que incentivem o movimento e a coordenação motora.

Também podem desenvolver suas próprias brincadeiras, já que trata-se de um ambiente livre, o que torna um grande espaço para socialização.

Figura 4 – Área Recreativa Infantil



Fonte: autores (2025).

O espaço conta com várias atrações, como a Folha das Artes, a Casa da mãe-terra, a Oficina de Educação e Artes, viveiro de mudas, Espaço para Piquenique, que são ótimos espaços para integração socioambiental, mostrando que até em ambientes simples, podemos extrair aprendizagem.

Figura 5 – A casa da Mãe-Terra



Fonte: autores (2025).

Instalada há mais de 20 anos, no coração do Parque das Dunas, a escultura, “Casa Mãe Terra”, foi concebida por Maurício Panella, tendo como inspiração as tradições indígenas e casas de adobe do Brasil e da África do Oeste. A obra foi criada em comemoração a vinda do pensador francês Edgard Morin ao Brasil, a partir de um convite do Grupo de Estudos da Complexidade (UFRN), do qual Panella foi pesquisador. A inauguração foi realizada em 12 de outubro de 2003.

O processo de construção foi colaborativo. Inicialmente erguida com varas, a estrutura ganhou vida com o acréscimo de barro, moldado não apenas por Maurício Panella, mas também

por frequentadores do Parque das Dunas. Como toque final, a Casa Mãe Terra foi revestida com um mosaico de telhas, transformando-se em uma figura completa, quase como uma pele que envolve sua essência.

Neste espaço, os alunos podem desenvolver inúmeras práticas educativas, como o incentivo a cultivar, preservar o meio ambiente, desenvolver conceitos de ecologia como: Sustentabilidade, bioma, reflorestamento, arte, natureza, até mesmo Yoga, meditação, visto que o ambiente ao ar livre propicia descontração e calma.

Podemos citar também inúmeros ambientes as quais podem explorar momentos de aprendizagem, como as Oficinas de Educação Ambiental, a Folha das Artes, O Viveiro de mudas, onde são exímios potenciais exploratórios de práticas não-escolares.

Produzimos também uma entrevista com Any Shwnayd, 34 anos, formada em relações internacionais, Any visita todos os dias o parque para a relações de atividades físicas, e Sérgio, o artista potiguar musicista conhecido mundialmente como “Serginho Groove” que fez parte por longos tempos de eventos no Parque através da banda “Som da Mata”.

A seguir as questões levantadas durante a entrevistas serão apresentadas na íntegra a fim de contribuir com as discussões e análises em torno da temática aqui dialogada.

1) Se o Bosque dos Namorados pudesse contar uma única história de sua experiência aqui, qual você acha que seria e por

quê? Any: O Bosque na minha vida conta a verdadeira história de "AMOR À PRIMEIRA VISTA", porque é um lugar incrível que me traz a paz que preciso para descarregar todo o meu Estresse diário.

2) Qual é o lugar mais curioso ou menos conhecido deste bosque que você descobriu e que a maioria das pessoas talvez nunca veja?

Any: Para mim o lugar mais curioso do Bosque é a casa da mãe Terra, lá remete um ar de mistério, cultura e Crença em um só lugar. Entrar dentro desta mãe é sentir a pulsação do cordão umbilical que nos liga a memórias incríveis.

3) Você já teve alguma interação memorável com os animais ou a natureza aqui que mudou sua perspectiva de alguma forma

Any: Sim, ao entrar no Bosque a gente já se conectar 1000% com a natureza que aqui dentro é rica em todos os sentidos nos dando o ar de uma grande escola ao lar livre.

4) Como a atmosfera do Bosque dos Namorados influencia sua música?

Sergio: A influência de uma bela paisagem sem dúvidas é uma grande fonte de inspiração para uma boa musicalidade porque um bom som é uma obra-prima para nossos ouvidos que, constantemente, sofrem com agressões através da grande poluição sonora.

5) Existe algum canto ou som da natureza deste bosque que você gostaria de incorporar ou que já incorporou em suas músicas?

Sergio: Sim, o canto dos pássaros é sem dúvida uma grande fonte de inspiração e sem dúvidas contribuem 100 % com minhas inspirações.

Assim, concluímos este trabalho sobre as práticas educativas não-escolares no Parque das Dunas, em Natal/RN. Através da análise detalhada das atividades oferecidas no parque, ficou evidente o impacto positivo que essas práticas têm na formação dos indivíduos e na conscientização ambiental. As oficinas, trilhas ecológicas e projetos de educação ambiental desenvolvidos no parque não só proporcionam aprendizado teórico, mas também experiências práticas que fortalecem o vínculo com a natureza.

Essas práticas educativas são essenciais para a construção de uma sociedade mais consciente e engajada com as questões ambientais. O Parque das Dunas, como espaço de convivência e aprendizagem, oferece uma oportunidade única de aliar conhecimento e lazer, promovendo o desenvolvimento de habilidades socioambientais que são fundamentais para a sustentabilidade.

Em suma, o trabalho evidenciou que o Parque das Dunas é um exemplo bem-sucedido de como espaços não escolares podem contribuir significativamente para a educação ambiental e para o desenvolvimento integral dos indivíduos. A

continuidade e expansão dessas práticas são essenciais para assegurar que futuras gerações continuem a valorizar e proteger nosso patrimônio natural.

REFERÊNCIAS

Parque Estadual Dunas do Natal, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica Brasileira. Natal/RN, 2024. Disponível em: www.parquedasdunas.rn.gov.br.

TAVARES, A. M. B. do N. **O Pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.** Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – 2010.

CAPÍTULO 7

O CLUBE DE DESBRAVADORES E SUA ATUAÇÃO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Evelyn Maria Nascimento da Paz

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 7 – O CLUBE DE DESBRAVADORES E SUA ATUAÇÃO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

**Evelyn Maria Nascimento da Paz¹¹ // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares¹²**

O presente capítulo foi sistematizado pela graduanda do curso de licenciatura em Letras Português e Espanhol oferecido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) no contexto dos estudos realizados no componente curricular “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente II” com a orientação da professora Andrezza Tavares.

O Clube de Desbravadores é um programa mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, oficializada mundialmente em 1950 pela Associação Geral Adventista. Presente em mais de 160 países, o clube de desbravadores trabalha com meninos e meninas com idade entre 10 e 15 anos, desenvolvendo o físico, mental e espiritual de cada criança por meio de atividades e trabalhos, seja na natureza ou na comunidade.

¹¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: evelynmaria805@gmail.com.

¹² Pós-doutora pela a Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. E-mail: andreza.tavares@ifrn.edu.br.

Figura 1 – Integrantes do Clube de Desbravadores Heróis de Judá



Fonte: Acervo do Clube de Desbravadores Heróis de Judá.

O clube de Desbravadores Heróis de Judá é um dos 193 clubes presentes no estado do Rio Grande do Norte. Atuante na cidade de Lagoa do Poço no município de Goianinha, atualmente liderado pelo Diretor Acacio Silva e sua diretoria formada por cerca de 13 pessoas, o clube hoje com cerca de 53 membros, têm auxiliado os juvenis e adolescentes da comunidade por meio de ações sociais e combate ao consumo de álcool e uso de drogas.

Pergunta 01 – Qual a finalidade do Clube de Desbravadores?

“Apesar do clube de desbravadores atuar em diversas áreas como social, inclusão, educação. A nossa principal missão é direcionar as crianças para o caminho correto, o caminho cheio de luz e felicidade. Temos como nosso objetivo salvar do pecado e guiar no serviço. Então a finalidade maior do clube é guiar cada

criança a salvação e depois de entenderem isso elas podem fazer o mesmo, continuarem cumprindo a missão. Em seus lares, escolas, comunidade em geral”.

Pergunta 02 – Como as atividades realizadas pelo programa auxiliam no desenvolvimento sócio/educacional da comunidade?

“O Clube tem atividades externas que envolvem toda a comunidade. Por exemplo, na área social desenvolvemos entregas de cestas básicas a famílias carentes, limpeza de praça e até mesmo reforma e pintura de lares”.

“Temos também programas de conscientização como foi citado anteriormente, onde saímos entregando livros, panfletos, cartazes e até mesmo providenciamos palestras com outros pedagogos ou com profissionais da área em questão. Tratando de assuntos relevantes para educação da comunidade”.

“Os desbravadores têm como objetivo trabalhar em equipe e ser úteis para a comunidade. Eles prestam socorros em desastres naturais, participam ativamente de campanhas comunitárias e de ajuda aos carentes. Visitam hospitais, abrigos, orfanatos e asilos”.

Figura 2 – Arrecadação de alimento e entrega de livros missionários no período da pandemia



Fonte: Acacio Silva (Diretor do clube de Desbravadores Heróis de Judá)

Pergunta 03 – O trabalho realizado pelo Clube de Desbravadores tem impactado de que forma os participantes do programa?

“Recebemos muitos feedbacks de pais que o comportamento dos filhos mudou, eles chegam em casa mais felizes e animados, traumas e sinais de ansiedades que eram claramente visíveis foram sumindo aos poucos. E até nas escolas recebemos comentários positivos de educadores que nem fazem parte do programa desbravadores”.

Pergunta 04 – Atualmente, existe algum pedagogo atuando no clube?

“Sim”.

Pergunta 05 – Qual a importância para as pessoas atendidas e acompanhadas por esse profissional?

“Como o pedagogo tem sua experiência com Juvenis e adolescentes em sala de aula, a presença dele(a) no clube traz aos outros responsáveis conhecimentos de como devemos lidar com essas crianças. Muitas crianças vêm até o clube com ansiedade, traumas familiares, sobrecarga de rotina. E o pedagogo auxilia no acompanhamento dessas situações. Além disso, ela ajuda o clube na organização das atividades. Tornando o ensino mais dinâmico”.

Pergunta 06 – O clube trabalha a área pedagógica em quais atividades?

“O clube de desbravadores tem uma grande grade curricular anual, chamamos de classes regulares e avançadas. Onde essas classes são respectivas conforme suas idades e que traz assuntos como: estudos da natureza, estudos recreativos, desenvolvimento da amizade e estudos espirituais. Somando também com alguns projetos chamados de quebrando silêncio, prevenção contra suicídios entre outros”.

Pergunta 07 – Como as atividades realizadas pelo programa auxiliam no desenvolvimento sócio/educacional da comunidade?

“O Clube tem atividades externas que envolvem toda a comunidade. Por exemplo, na área social desenvolvemos

entregas de cestas básicas a famílias carentes, limpeza de praça e até mesmo reforma e pintura de lares”.

Pergunta 08 – O trabalho realizado pelo Clube de Desbravadores tem impactado de que forma os participantes do programa?

“Recebemos muitos feedbacks de pais que os comportamentos dos filhos mudaram, eles chegam em casa mais felizes e animados, traumas e sinais de ansiedades que eram claramente visíveis foram sumindo aos poucos. E até nas escolas recebemos comentários positivos de educadores que nem fazem parte do programa”.

Pergunta 09 – Como o Clube de Desbravadores tem sido avaliado pela comunidade?

“Por comentários. Temos ajudado muitas famílias que precisavam de amor, alimento e ajuda. Ajudando crianças a ter um empenho melhor, tem muita criança que chega até nós e não sabe escrever nem ler, ajudamos e muitas mães e pais agradecem. A comunidade agradece pelo nosso empenho, até o momento, nunca vi falácias negativas sobre nós. Se houve, não chegou até mim!”

“Acredito que de maneira positiva. Quanto mais a gente sair para a comunidade, mais iremos ser vistos”.

Figura 3 – O Clube de Desbravadores Heróis de Judá praticando a ordem-unida



Fonte: Acacio Silva (Diretor do clube de Desbravadores Heróis de Judá)

A entrevista realizada com o Clube de Desbravadores Heróis de Judá revelou que espaços não educativos auxiliam como suportes a comunidade, trazendo acesso à educação, cultura, laser, saúde e bem-estar.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. O Pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.
Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – 2010.

CAPÍTULO 8

A PRAIA COMO ESPAÇO EDUCATIVO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

Euclides Guedes de Moura

Ellen Vitória Marreiro de Castro

CAPÍTULO 8 – A PRAIA COMO ESPAÇO EDUCATIVO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

**Euclides Guedes de Moura¹³ // Ellen Vitória Marreiro de
Castro¹⁴**

É de suma importância a busca por inovações em metodologias de ensino e aprendizagem. Esse caminho tem levado os docentes a explorarem novos espaços exteriores ao âmbito educacional tradicional, assim, optarem por iniciativas flexíveis e ideias inovadoras. Com esse viés, espaços educativos não escolares podem ser criados e explorados além dos muros da escola e proporcionarem uma nova perspectiva para a população. Para fins acadêmicos, focamos neste capítulo o ambiente público e litorâneo representado pela praia (figura 1) como espaço educativo não escolar.

Entretanto, o que seriam esses espaços educativos não escolares? São compreendidos como todo aquele ambiente localizado fora do ambiente formal da escola, onde pode ocorrer qualquer experiência educativa.

¹³ Aluno do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

¹⁴ Aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Figura 1 – Baía dos golfinhos, Pipa, Rio Grande do Norte



Fonte: Castro (2022).

Segundo a afirmação de Carvalho (2004), esses espaços possibilitam a articulação entre teoria e prática, expandindo o campo de atuação da educação para além dos muros da escola.

Sendo assim, entendemos que ambientes como zoológicos, museus, parques temáticos, comunidades, praças e praias correspondem à esta nomenclatura, uma vez que suas principais atividades tem como objetivo entreter, instruir ou educar o cidadão comum, dessa forma, contribuindo para formação integral do sujeito.

Logo, constata-se a diversidade de oportunidades de projetos de aprendizagem viáveis no espaço não escolar e que podem promover experiências presenciais de educação, interdisciplinares e contextualizadas, e além disso, permitir a convivência direta com os fenômenos naturais, sociais e culturais desse ambiente, conectando o próprio conteúdo escolar à

realidade de muitos estudantes que já o frequentam. Em seguida, a figura 2 destaca a praia da Pipa, reduto de grande fluxo turístico e de iniciativas pela preservação ambiental.

Figura 2 – Praia de Pipa, Tibau do Sul, Rio Grande do Norte



Fonte: Castro (2022).

A praia não só é um espaço público e comercial, como também um ecossistema vasto e complexo, sua natureza interdisciplinar permite a prática de atividades que podem ser integradas a distintos campos de conhecimento, como também, contribuir para a discussão na sociedade das pautas referentes ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável.

Como foi frisado anteriormente, por seus aspectos biológicos, geográficos, e culturais, a praia se torna uma grande atração para as práticas educativas. Dessa maneira, a base de análise deste estudo fundamenta-se em três pontos estruturais: o Contexto dinâmico, demonstrando que ao frequentar esse

ambiente, pode-se ter contato direto com fenômenos da natureza, projetos sociais, festivais culturais e preservação ambiental; o segundo ponto relaciona-se com a Aprendizagem, já que as experiências práticas na praia podem conectar tanto o indivíduo que já vive no litoral, quanto o indivíduo metropolitano, na relação dos estudos da escola com a realidade; e, por fim, a Interdisciplinaridade que pode envolver o estudo nas áreas biológica, geográfica, de preservação ambiental, histórica, artística e de educação física.

A praia oferece oportunidades de exploração dos ecossistemas costeiros e observação de fenômenos da natureza como: erosão, formação de dunas ou a ação das marés, cujos estudos permitem a prevenção de desastres ambientais junto às comunidades. Não só isso, mas as pesquisas como a categorização das milhares de espécies de plantas e animais nativos da região, e, também, a biodiversidade marinha tornam o aprendizado rico e preventivo para a natureza. O contato com os ecossistemas e a compreensão dos impactos geradores da destruição ambiental reitera a importância significativa que cada indivíduo deve ter para preservação e conscientização do meio ambiente. Abaixo a figura 3 apresenta a Lagoa de Guaraíras, em Tibau do Sul, composta de uma extensa área de manguezal, berçário de diversas espécies marinhas e ligada ao mar. Notadamente conhecida pelos passeios turísticos de barco e lancha e pela carcinicultura.

Figura 3 – Tibau do Sul, Rio Grande do Norte



Fonte: Castro (2022).

Na praia, as ações coletivas são de grande auxílio para a prevenção desse ambiente. É por meio da educação ambiental que é conscientizado o papel individual de cada um, pequenas ações que a princípio não são de grande impacto, mas, posteriormente, podem prevenir grandes problemas. Pequenos atos como guardar o saquinho de doces no bolso, coletar o próprio lixo e despejar no local adequado, já são de relevante importância.

Segundo Guimarães (2000), a educação ambiental deve promover a consciência crítica e a responsabilidade socioambiental. Na praia essas ações de coleta de resíduos, além de campanhas educativas e discussões sobre o impacto humano no meio ambiente, podem ser vivenciadas de forma prática e significativa e ainda divulgadas nas redes sociais. O planejamento sobre tais práticas sustentáveis, ajudam os

estudantes a compreenderem suas obrigações para com o ambiente, e a se entenderem como agentes de transformação ecológica.

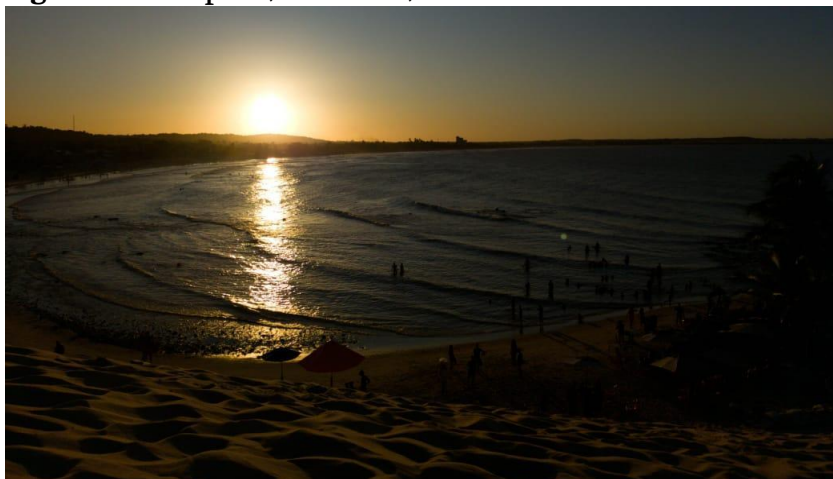
A discussão sobre a poluição dos oceanos também é essencial no âmbito da sustentabilidade ecológica. Os impactos ambientais que atingem os oceanos retornam em forma de erosão, alagamentos e deslizamentos na costa, devendo ser pontos de pauta e buscar a prevenção. A reflexão quanto às ações do ser humano sobre o ambiente marinho, matando diversas espécies e prejudicando a cadeia equilibrada da vida animal, podem ser trazidas como temas centrais de projetos ecológicos, tanto os de iniciativa de ONGs quanto da própria população. Estas são algumas alternativas viáveis no combate à degradação ao meio ambiente.

A paisagem litorânea possui uma beleza natural e atrativa, além disso é privilegiada para a execução de estudos relacionados às formações geológicas, os tipos de solo e as dinâmicas costeiras. Ideal para a prática turística, este espaço gera alta atividade comercial e movimenta a economia local, tornando-se não apenas um ponto de turismo, como também um centro comercial.

Variadas atividades podem ser realizadas para movimentar essa paisagem, tais como: leitura de mapas, coordenadas geográficas, análises topográficas do terreno e seu relevo, bem como o uso de bússola para proporcionar uma educação ativa e dinâmica. Experiências como estas ajudam a compreender

melhor as interações entre a sociedade e a natureza no espaço costeiro. Observa-se na figura 4 o pôr-do-sol visto das dunas de Genipabu, nacionalmente conhecida pelo passeio de bugre e pelo passeio de dromedário.

Figura 4 – Genipabu, Extremoz, Rio Grande do Norte



Fonte: Castro (2022).

A praia é um dos lugares mais propícios para a prática de atividades físicas ao ar livre, sendo assim, o educador pode aliar as práticas educativas aos exercícios existentes nos locais visitados e contribuir para novas vivências do aluno, colaborando para momentos saudáveis fisicamente, mentalmente e emocionalmente, visto que a exposição à estas atividades promovem o bem-estar individual e coletivo e incentivam o cuidado do corpo. Verifica-se também que a praia fornece o

espaço perfeito para práticas educativas naturais que auxiliam no desenvolvimento motor e na percepção corporal.

Entre algumas maneiras de aproveitar o ambiente destacamos: caminhada ou corrida na orla, prática de frescobol, vôlei, beach tênis, meditação, surf, kitesurf e windsurf, entre outros que sintetizam formas de integrar a participação popular à saúde e ao bem-estar. Ressalte-se que o incentivo destas práticas auxilia na promoção da inclusão das comunidades periféricas destes locais a participarem das atividades físicas, acarretando impactos positivos que favorecem a população como um todo.

Figura 5 – Praia de Areia Preta, Natal, Rio Grande do Norte



Fonte: Castro (2022).

A observação da paisagem, a coleta de elementos naturais para criação artística, o conhecimento de histórias ligadas ao mar, o estudo de tradições locais como a cultura caiçara,

enriquecem a experiência educativa com expressões culturais e sensíveis. A riqueza sensorial e simbólica do ambiente marinho pode ser explorada por meio de atividades artísticas e culturais como: fotografia, pintura de paisagens, coleta de materiais naturais e estudo das tradições culturais ligadas ao litoral, onde pode-se observar: fotografias, desenho de paisagens, pintura natural, contação de histórias ligadas ao mar, investigação sobre comunidades caiçaras e tradições locais.

Educar no espaço litorâneo também é sobre discutir sobre a disposição que se pode interferir nesses locais, as políticas públicas devem agir de forma sustentável para o cuidado e preservação dessas áreas ambientais e também na regulamentação de regras claras sobre o acesso à natureza. Além disso, debater o uso das construtoras imobiliárias no uso desses espaços para uma construção respeitável e harmônica com a praia, enfatizando o cuidado com o despejo de resíduos das edificações e o tratamento correto dos afluentes.

Em relação à utilização de espaço litorâneo como local de aprendizagem, o educador pode planejar atividades interdisciplinares e adotar um dia de conscientização ambiental em um local praia e com manguezal, por exemplo, com o objetivo de integrar os alunos de qualquer escola e incentivar a adoção de ações como esta, isto possibilita a junção de conhecimento à bagagem educacional, promovendo o conhecimento de diversas áreas e estimulando a formação de um cidadão consciente e pleno com a relação com o meio ambiente.

São inúmeros os projetos sociais e pedagógicos que podem ser efetivados no espaço litorâneo, tais como: coleta e classificação de resíduos sólidos; oficinas artísticas com materiais recicláveis ou sobre educação ambiental; produção artística com materiais reciclados; e, coleta e análise de lixo da faixa de areia. Como exemplo de trabalho esclarecedor, a figura 6 abaixo assinala a ação preventiva contra acidentes realizada pelos Bombeiros em uma praia de Natal.

Figura 6 – Praia de Areia Preta, Natal, Rio Grande do Norte



Fonte: Castro (2022).

Como espaço educativo não escolar a praia oferece diversas possibilidades de educação de forma mais livre e engajada, incorporar esse espaço no planejamento pedagógico permite aos professores transformarem a experiência de ensino em uma educação inovadora, transformadora, ativa e sustentável.

Portanto, o presente estudo corrobora a relevância da convivência com a natureza em atividades coletivas em um belo e dinâmico espaço, estimulando os alunos a olharem para o horizonte e enxergarem as incontáveis possibilidades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

GUIMARÃES, M. A. **Educação ambiental: um campo de construção socioeducacional**. São Paulo: Papirus, 2000.

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. Orientador: Adir Luiz Ferreira, 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 9

MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS (MCM) DA UFRN: UMA EXPERIÊNCIA COMO ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Alexia Pontes Viana

Júlia Helena Leandro Fagundes

Yasmin Silva Alves de Freitas

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 9 – MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS (MCM) DA UFRN: UMA EXPERIÊNCIA COMO ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Alexia Pontes Viana¹⁵ // Júlia Helena Leandro Fagundes¹⁶ //
Yasmin Silva Alves de Freitas¹⁷ // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares¹⁸

Este seguinte capítulo foi resultado de uma pesquisa de campo realizada por acadêmicas do curso de licenciatura em Letras Português e Espanhol, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Natal-Central, no cenário de estudos desenvolvidos no componente curricular “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente II”, com a orientação da professora Andrezza Tavares.

Ao pensarmos em espaços não escolares é comum associá-los, de forma simplificada, a qualquer ambiente que esteja fora da escola tradicional. No entanto, é importante compreender que esses espaços são classificados de maneiras distintas, assim como

¹⁵ Aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁶ Aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁷ Aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁸ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

é de fundamental importância identificar em qual categoria o espaço da pesquisa se insere.

A primeira categoria a ser explanada refere-se aos espaços educativos regulamentados, possuidores de CNPJ e são administrados por uma entidade. A segunda diz respeito aos espaços de circulação pública, caracterizados pela ausência de estrutura institucional e gestão. Estes locais são acessíveis a qualquer pessoa. Por fim, temos os espaços de repasse de saberes geracionais, como aldeias indígenas ou colônias de pescadores, onde o conhecimento é repassado por meio da convivência e da tradição oral entre gerações. A pesquisa em questão se desenvolve dentro da primeira categoria, uma vez que ocorre em um espaço regulamentado e administrado por uma instituição formal, neste caso, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O Museu de Ciências Morfológicas (MCM), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), observado na figura 1 abaixo, configura-se como um museu universitário voltado ao ensino, pesquisa e extensão. Possui exposições permanentes relacionadas à Morfologia Geral, Anatomia Humana, Fisiologia, Saúde e Vida Marinha, e está vinculado ao Centro de Biociências da UFRN. Além disso, o MCM integra um dos mais relevantes guias de museus da América Latina, o *Guide Centres and Science Museums in Latin America and the Caribbean*.

Figura 1 – Entrada do Museu



Fonte: Freitas (2025).

O museu localiza-se no campus da UFRN, na cidade de Natal/RN, com exposições de segunda a sexta-feira, no turno matutino, das 7h30 às 11h30, e no turno vespertino funciona das 13h às 17h, com entrada gratuita. Sua criação foi fruto de um projeto institucional que visava ao fortalecimento dos museus vinculados ao Centro de Biociências da UFRN, os quais incluem: o Museu de Anatomia Humana “Professor Hiran Diogo Fernandes”, o Museu de Anatomia Comparada e o Museu do Mar “Onofre Lopes”. Juntos, desempenham um importante papel na divulgação científica voltada às Ciências Biológicas.

O projeto de criação do MCM foi idealizado em 2005 por um grupo de professores, com apoio do então chefe do Departamento de Morfologia, Prof. Osiel Benedito de Almeida, do diretor do Centro de Biociências, Ranke dos Santos, e do reitor da época, Prof. José Ivonildo Rêgo. A proposta foi aprovada pela Secretaria Nacional de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, do Ministério da Ciência e Tecnologia. Assim, em 2009, o Museu de Ciências Morfológicas foi inaugurado, consolidando-se como um espaço de ensino não formal das Ciências.

O MCM possui um amplo acervo, dividido em três salas expositivas principais. A primeira sala abriga o acervo do Museu do Mar, composto por diversas espécies marinhas, desde invertebrados até grandes cetáceos, vistos na figura 2 que se segue. A segunda é voltada à Anatomia Comparada, com exposição de animais da fauna do Rio Grande do Norte (RN), organizados de acordo com critérios evolutivos. Por fim, a terceira é dedicada à Anatomia Humana, contendo representações de todos os sistemas do corpo humano, bem como do desenvolvimento embrionário.

Figura 2 – Sala museu do mar



Fonte: Freitas (2025).

A primeira sala corresponde à fauna marinha (figura 3) e apresenta os animais integrantes desse ecossistema, tais como: tartarugas, caranguejos e baleias, e seus respectivos hábitos alimentares e reprodutivos. A segunda sala é denominada Anatomia Comparativa, evidente na figura 4, a qual expõe o desenvolvimento da divisão taxonômica e filogenética dos seres irracionais, e o tipo de predação, utilizando para análise os diversos moldes da caixa óssea dos animais.

Figura 3 – Sala museu do mar



Fonte: Freitas (2025).

Figura 4 – Sala de Anatomia Animal Comparada



Fonte: Freitas (2025).

Na última sala, destaca-se a anatomia humana. Diferente das outras, ela se detém em explorar a estrutura física do ser humano, categorizando os órgãos e sistemas, tais quais o sistema

nervoso e esquelético. Desse modo, por meio de classificação, são expostas as funções e a evolução do corpo desde o desenvolvimento do embrião até a fase adulta. O museu exibe em todas as salas representações verdadeiras sobre os indivíduos, além dos modelos educativos, ver figuras 6 e 7. Importante esclarecer que os órgãos exibidos não podem ser fotografados, visto que são enviados anonimamente pelo programa de doação de corpos da própria UFRN.

Figura 5 – Sala de Anatomia humana



Fonte: Freitas (2025).

Figura 6 – Sala de Anatomia humana



Fonte: Freitas (2025).

Atualmente, o MCM é coordenado pela Dra. Simone Almeida Galivan, Licenciada em Ciências Biológicas e Bacharel em Ciências Biológicas, na área de Zoologia, pela UFRN, Mestre e Doutora pelo Departamento de Psicobiologia e Pós Doutora em Ecologia pela UFRPE. A vice-coordenação é ocupada pela Dra. Christina da Silva Camilo, Licenciada em Ciências Biológicas pela UFSM, Mestre e Doutora em Psicobiologia pelo Depto Fisiologia pela UFRN. Além de professores especializados trabalhando no museu, existem graduandos voluntários da área de Ciências Biológicas e da Saúde que contribuem na orientação e preparação do museu para o atendimento ao público.

Os visitantes do MCM da UFRN são diversos, incluindo alunos e professores de escolas públicas e privadas, dos ensinos

fundamental e médio, bem como alunos e pesquisadores da própria UFRN. A visita deve ser compreendida como uma extensão da sala de aula, um momento em que os alunos podem aplicar e aprofundar os conhecimentos adquiridos.

Por meio desta pesquisa entendemos que o museu se configura como um espaço educativo não escolar, principalmente, pelo propósito pedagógico de divulgação científica na área da biologia, e também pela conscientização da preservação da fauna brasileira e, assim, contribuir para o meio ambiente. Ademais, constatamos que a visita proporciona momentos interativos que favorecem a aprendizagem, em que são expostos temas relativos à sustentabilidade e algumas áreas da biologia, no contexto fora de sala de aula e de forma mais dinâmica. A experiência no museu tem como ponto culminante para os visitantes a observação dos exemplares expostos, já que a apreciação se torna mais atrativa e sensível, ao invés de aprender por meio de imagens em livros ou por vídeos.

Nesse sentido, buscamos evidenciar a relevância das práticas educativas realizadas em espaços pedagógicos não escolares, tendo por referência a investigação realizada no MCM, pertencente à UFRN. A pesquisa neste local demonstrou-se uma experiência enriquecedora ao possibilitar a integração entre teoria e prática, e também proporcionou um aprendizado mais dinâmico, significativo e contextualizado. Ao apresentar conteúdos científicos de forma acessível, visual e interativa, o museu estudado se consolida como um espaço de educação não

formal que complementa o ensino tradicional, estimulando o interesse dos estudantes pelas Ciências Biológicas, pela preservação ambiental e pelo pensamento crítico diante das questões sociais e ecológicas da atualidade.

Portanto, concluímos que a visita ao Museu de Ciências Morfológicas contribuiu para ratificar que se trata de um espaço educativo não escolar, com elevado potencial de aprendizagem para a sociedade, bem como para a formação do professor, uma vez que amplia seu olhar pedagógico e enseja novas reflexões sobre o ensino e metodologias ativas. Deste modo, o museu examinado se revelou não apenas como espaço de aprendizado científico, mas como significativo instrumento didático para uma prática docente crítica, inovadora e interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

UFRN. Centro de Biociências. **Museu de Ciências Morfológicas (MCM)**. Visita virtual. *CEMAM*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cemam.org/mcmvirtual>. Acesso em: 20 jun. 2025.

UFRN. Centro de Biociências. O Museu de Ciências Morfológicas da UFRN está entre os melhores da América Latina. **Centro de Biociências – UFRN**, 5 jun. 2024. Disponível em: https://cb.ufrn.br/sala_imprensa/noticias/20149983/o-museu-de-ciencias-morfologicas-da-ufrn-esta-entre-os-melhores-da-america-latina. Acesso em: 20 jun. 2025.

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

TRIBUNA DO NORTE. Museu da UFRN está entre os melhores da América Latina. **Tribuna do Norte**, 3 jun. 2024. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/natal/museu-da-ufrn-esta-entre-os-melhores-da-america-latina/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

UFRN. Museu de Ciências Morfológicas é reinaugurado com novo acervo. **UFRN**, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/90452/museu-de-ciencias-morfologicas-e-reinaugurado-com-novo-acervo>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CAPÍTULO 10

O SEBO COMO UMA AULA VIVA FORA DA ESCOLA

Ana Beatriz Shammar Lima da Silva

Hudson Gabriel Rocha de Almeida

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 10 – O SEBO COMO UMA AULA VIVA FORA DA ESCOLA

**Ana Beatriz Shammar Lima da Silva¹⁹ // Hudson Gabriel Rocha
de Almeida²⁰ // Andrezza Maria Batista do Nascimento
Tavares²¹**

O capítulo objetiva pesquisar o Sebo “Cata Livros” como espaço educativo não escolar, tendo como responsáveis alunos de licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), vinculada à disciplina “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”, sob orientação da profa. Andrezza Tavares. Abaixo, observa-se na figura 1 uma das unidades do sebo, situada na Av. Prudente de Moraes.

O capítulo corresponde à uma pesquisa de campo, realizada no sebo Cata Livros, localizado na Av. Prudente de Moraes, em Lagoa Seca, e busca demonstrar a relevância que o empreendimento possui como espaço educativo não escolar, visto que viabiliza o acesso da sociedade à uma diversidade de livros, bem como, possibilita a aquisição de obras clássicas, raras

¹⁹ Aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

²⁰ Aluno do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

²¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

ou para colecionadores, como também, a oportunidade de compra a preços atrativos.

Figura 1 – Fachada do sebo Cata Livros



Fonte: Almeida (2025).

O capítulo corresponde à uma pesquisa de campo, realizada no sebo Cata Livros, localizado na Av. Prudente de Moraes, em Lagoa Seca, e busca demonstrar a relevância que o empreendimento possui como espaço educativo não escolar, visto que viabiliza o acesso da sociedade à uma diversidade de livros, bem como, possibilita a aquisição de obras clássicas, raras ou para colecionadores, como também, a oportunidade de compra a preços atrativos.

A história do sebo Cata Livros no comércio de livros e discos usados começa nos anos 70, quando Jácio Torres e seu tio montaram uma tenda no bairro do Alecrim com a finalidade de trocar livros, ato que nomearam de “transação literária”. O estabelecimento então passa a ser gerenciado por Jácio e sua esposa Vera Torres, que o nomearam “Cata Livros” e contribuíram para a formação de um espaço de estímulo à cultura e educação da capital potiguar.

Em fevereiro de 2011, devido à uma falha em cabos de energia, o sebo se viu em chamas. Todo material foi tomado pelo fogo e o casal teve que fechar as portas. Entretanto, resolveram somar forças e continuar o ofício de sebastas, para isto, contaram com auxílio de amigos, artistas e frequentadores com doações.

A fim de explorar com mais detalhes o episódio, convidamos a proprietária do sebo Cata Livros, Verônica Torres, para trazer sua narrativa sobre o triste dia em que ocorreu o incêndio. Em seguida, a entrevista explora outros aspectos marcantes deste emblemático espaço e sua contribuição para a sociedade.

Pergunta 1 - Como conseguiram continuar depois do incêndio?

Resposta: “A gente perdeu o material todo. Mas, ao mesmo tempo que foi uma coisa muito cruel, porque do Sebo só restou eu e meu marido. Então, quando aconteceu isso, foi bem bonito também porque Natal se mobilizou para fazer eventos, os artistas daqui da terra, como Babal, Cida Lobo, fizeram um evento na

Pinacoteca para o Cata Livro. E a entrada era livro. Então, neste momento a gente teve um apoio muito grande deles e da população de Natal também. O pessoal doou muita coisa. Foi um momento triste, mas ao mesmo tempo emocionante, porque a gente viu como sebo era querido. As pessoas queriam que ele continuasse. Até criança chegava com revistinha e quadrinhos. Foi um momento gratificante também.”

Pergunta 2 – Como você acredita que o Sebo influencia na cultura e educação das pessoas?

Resposta: “Olha, desenvolve o amor à literatura. Porque a pessoa, para um estudante de Segundo Grau, para se fazer uma boa redação tem que ser um leitor. Então, isso eu acho muito vital. Porque dá acesso mais econômico, vamos dizer assim, a essas pessoas, né? A maioria é estudante. Como a gente tem mais de 40 anos de sebo Cata Livro, a gente tem clientes que compraram livros que eram do Segundo Grau. Hoje é médico, hoje é advogado, hoje é juiz. Temos muitos clientes que começaram com a gente, temos 40 anos de sebo, vieram como estudantes e hoje são profissionais. Então, eu acho que isso é uma parte muito importante do sebo na vida das pessoas. Como eu acho que vocês viram, a gente tem um cliente aqui que é professor e hoje trouxe os netos para conhecer. Tanto um maiorzinho quanto um menor já estão querendo um livro. Então, eu vejo o sebo como algo essencial na vida de uma cidade. Muito importante.”

Pergunta 3 – Como o Sebo se vê frente ao avanço tecnológico que promove o uso dos livros digitais?

Resposta: “Isso eu acho muito... Eu acho que é necessário a tecnologia. É uma coisa muito boa. Mas eu vejo que o livro tem o seu espaço. Então, eu vejo que tem como caminhar a tecnologia e o livro. E eu tenho clientes que têm o livro digital, mas que lê e preferem o livro físico. Porque também tem a questão da visão e a saúde, afeta também. Então eu vejo que o livro físico tem o lugar dele junto com essa nova tecnologia, os e-books.”

Figura 2 – Interior do sebo Cata Livros



Fonte: Almeida (2025).

O local conta com dois andares recheados de arte. No primeiro andar, fica a maior parte do acervo literário, desde clássicos até contemporâneos. Enquanto no segundo andar, localizam-se quadros, DVDs e uma quantidade maior dentre as outras linguagens da arte.

O processo de educação tão interligado ao meio acadêmico escolar mostra, por sua vez, que não se prende apenas ao ambiente formal. Ensinar é uma arte e ser lecionado é inato do ser ao perceber o mundo com seus sentidos. Logo, o sebo se torna um local de aprendizado e educação, mesmo sem carteira, professor ou lousa.

Além disso, compreendemos que este espaço equivale a um museu vivo, uma vez que dispõe de peças, artefatos, livros, vinis, entre outros, assim, demonstrando o potencial que o sebo possui como portador de conhecimento e cultura. O ato de educar é inerente ao ambiente, seja pelo material literário, pelas obras artísticas, pela história que possui ou até mesmo as interações sociais no local.

Figura 3 – Interior do sebo Cata Livros



Fonte: Almeida (2025).

Atualmente, o sebo Cata Livros tem duas unidades, uma na Av. Prudente de Moraes, em Lagoa Seca, e outra no Mercado de Petrópolis, ambas administradas por Vera Torres e seu filho, Ramon, que organizam um vasto acervo literário, além de discos, alguns raros.

O Cata Livros se mostra um ambiente educacional não escolar extremamente proativo, uma vez que os livros são porta-chave para uma melhor escrita, percepção de mundo e interpretação de problemas complexos. Com um acervo tão extenso, desde crianças até idosos se identificam com algum gênero literário e vivenciam a educação como forma de entretenimento.

Entretanto, como dizia Cazuzu: “o tempo não pára”, e com ele trouxe um avanço tecnológico à porta do Cata Livros. Os E-books foram difundidos em maior escala nos anos 2000 e tornaram-se cada vez mais acessíveis para adquirir conteúdo literário, deixando os livros físicos em segundo plano, àquela época, e revelando-se como um novo mercado em crescimento.

O sebo é uma demonstração clara de um espaço educativo não escolar de grande excelência, em determinado momento, todos ficamos fascinados com uma boa história, seja oralizada ou literária. Guardamos esse fascínio para nós e puxamos traços dessas histórias para nosso cotidiano, tal qual fazemos com uma aula didática na escola. O sebo se torna então uma fonte de artes e costumes, moldando o ser que visita seu espaço.

Diante disso, concluímos que o sebo Cata Livros contribui para a formação cultural do cidadão, bem como demonstra-se como um relevante espaço educativo não escolar, permitindo maior acesso aos livros. Embora tenha vivido momentos difíceis, o sebo continua atrativo para toda a sociedade, estimulando e possibilitando o acesso à cultura, arte e educação.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.
Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 11

EDUCAÇÃO PELA ARTE: A CASA DA RIBEIRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Camilly Fernanda da Silva Cunha

Vitória Oliveira da Silva

João Victor Silva da Costa

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 11 – EDUCAÇÃO PELA ARTE: A CASA DA RIBEIRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Camilly Fernanda da Silva Cunha²² // Vitória Oliveira da Silva²³

// João Victor Silva da Costa²⁴ // Andrezza Maria Batista do

Nascimento Tavares²⁵

O ensino por meio dos movimentos artísticos tem ampliado horizontes ao revitalizar o ambiente educativo, tornando-o mais didático e prático. Nessa perspectiva, a formação de profissionais e estudantes tem se qualificado cada vez mais, especialmente ao se considerar a arte como uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e racionais do indivíduo. Com isso, o crescimento de espaços que formalizam essa abordagem didática tem aberto novas possibilidades para aqueles que desejam expandir seu conhecimento cultural.

²² Graduanda em Licenciatura em Português e Espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: camilycunha509@gmail.com.

²³ Graduanda em Licenciatura em Português e Espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: vo8207293@gmail.com.

²⁴ Graduando em Licenciatura em Português e Espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: silvadacostajoaovictor@gmail.com.

²⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, docente no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

Neste capítulo, seguindo essa ideia, abordamos a Casa da Ribeira como um importante espaço cultural e educativo não escolar, localizado no bairro da Ribeira, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. A análise parte de uma visita técnica realizada por estudantes do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Natal-Central, no contexto da disciplina “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”. O espaço escolhido destaca-se por sua atuação no fomento à arte, à cultura e à formação cidadã, funcionando como um equipamento cultural comprometido com a democratização do acesso à arte e à educação.

Durante nossa visita, Alessandra Augusta, gestora cultural e mestrandia em Artes Cênicas pela UFRN, nos recebeu em uma roda de conversa e compartilhou a trajetória histórica, pedagógica e cultural do local. Mais do que uma troca de informações, o encontro se transformou em uma rica experiência de aprendizado. A gestora destacou que o espaço, situado na Ribeira, é muito mais do que uma estrutura física: é um território de liberdade, pertencimento e expressão de vida. O prédio da figura 1 corresponde à sua fachada

Figura 1 – Fachada da Casa da Ribeira



Fonte: Acervo da Casa da Ribeira.

A Casa da Ribeira, fundada em 2001 no bairro histórico da Ribeira, em Natal/RN, é um centro cultural independente que, há mais de duas décadas, promove a formação humana por meio da arte. Instalada em um casarão centenário às margens do Rio Potengi, a instituição foi criada por artistas, educadores e produtores culturais com o objetivo de democratizar o acesso à cultura e oferecer oportunidades de desenvolvimento a populações historicamente excluídas dos circuitos artísticos formais.

Com uma estrutura que abriga teatro, sala multiuso, café cultural e laboratório de comunicação, a Casa da Ribeira mantém uma gestão autônoma e sem fins lucrativos. Seu compromisso é com a valorização da diversidade, a formação cidadã e o reconhecimento da cultura como um direito. Reconhecida por

sua atuação consistente, já recebeu prêmios como Escola Viva, ASAS e Top Blog Cultura, além de ser considerada de utilidade pública estadual e municipal.

Ao longo de sua trajetória, a Casa consolidou-se como um espaço educativo não escolar, onde a arte é meio e fim no processo de construção do conhecimento. Seus projetos não têm como meta principal a formação técnica de artistas, mas sim a ampliação do olhar, da escuta e da imaginação, provocando transformações reais na vida de jovens e adultos. Dentre as muitas ações desenvolvidas nesse percurso, merece destaque dois projetos promovidos pelo espaço, que também sintetizam essa proposta: “ArteAção” e “Escola de Criação”.

A seguir, apresentamos uma síntese sobre o que são e como funcionam os projetos desenvolvidos no espaço. As informações foram detalhadamente explicadas pela direção aos estudantes durante a visita.

ArteAção: Formação, Criatividade e Cidadania

O projeto ArteAção foi uma das experiências mais longevas e impactantes da Casa da Ribeira. Criado em 2005, permaneceu em atividade até 2013, formando mais de 200 jovens da rede pública de ensino de Natal, especialmente oriundos de comunidades periféricas. Com patrocínio do Ministério da Cultura, Instituto Ayrton Senna, COSERN (Companhia Energética do Rio Grande do Norte) e outros parceiros, o projeto

teve como foco o desenvolvimento humano por meio das artes cênicas.

A metodologia do ArteAção foi estruturada em itinerários formativos que incluíam núcleos de interpretação, iluminação, cenografia, figurino e vídeo. Os jovens participavam de oficinas teóricas e práticas, construindo espetáculos que expressavam suas vivências, memórias, questionamentos e afetos. Os textos montados incluíam tanto obras clássicas, como *Lisístrata*, *Rinocerontes* e *Memórias de um Sargento de Milícias*, quanto criações coletivas, como *Meu Nome e Destrilhados*, nas quais os educandos encenavam suas próprias histórias. A figura 2 apresenta o interior da sala de exibição dos espetáculos.

Figura 2 – Sala de exibição de espetáculos da Casa da Ribeira



Fonte: Acervo da Casa da Ribeira.

O projeto funcionava em articulação com as escolas públicas, como o Atheneu Norte-Riograndense, Ulisses de Góis e Padre Monte. Em 2009, a Casa passou a ter uma sala dentro do Atheneu, onde promoveu oficinas, ensaios, cineclubes e ações com professores e familiares. Esse ambiente de convívio e escuta se tornou um verdadeiro polo de formação crítica, artística e cidadã.

O projeto ArteAção propunha uma reflexão identitária aos jovens, incentivando-os a reconhecer suas origens e projetar seus caminhos. Ao escolherem o núcleo com que mais se identificavam, desenvolviam autoestima, autonomia e expressão. Muitos se tornaram profissionais da cultura — atuando como artistas, técnicos, produtores, educadores ou agentes culturais. Seu impacto foi reconhecido nacionalmente, ao representar o Rio Grande do Norte na 29ª Bienal de São Paulo, em 2011.

Mais do que um curso ou oficina, o ArteAção foi um espaço educativo não escolar de transformação coletiva, onde se aprendia a conviver, criar, pensar e agir. Seu legado é um exemplo de como a arte pode ampliar horizontes e criar futuros possíveis.

Escola de Criação: Experimentação, Inclusão e Futuro

Lançada em 2024, a Escola de Criação reafirma o compromisso da Casa da Ribeira com a educação pela arte.

Voltada à artistas e não artistas, propõe uma aprendizagem horizontal e contemporânea, promovendo processos criativos por meio de oficinas, encontros formativos e vivências coletivas. Podemos visualizar a capa do projeto na figura 3, logo abaixo.

Figura 3 – Capa de apresentação do projeto “Escola de Criação”



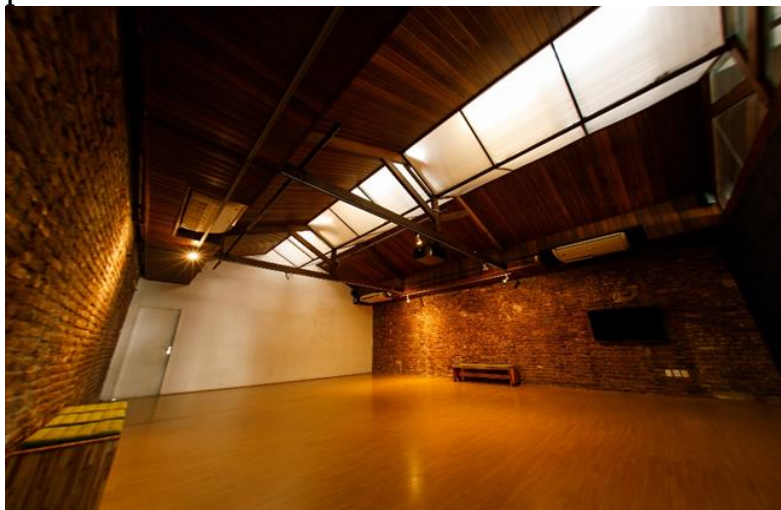
Fonte: Acervo da Casa da Ribeira.

O diferencial da Escola está em seu foco no processo, não no produto. Ao invés de perseguir resultados estéticos fechados, a proposta é provocar a escuta, o corpo, a memória, o território e as subjetividades dos participantes. Os educandos são convidados a entrar em contato com sua própria história, suas

referências culturais, seus afetos e inquietações. O objetivo não é formar artistas profissionais, mas sim ativar potências criativas e fomentar o pensamento crítico.

As oficinas abordam temas como: “Moinhos de Ideias” e “Dramaturgia Clássica e Documental/Ancstralidade como Potência”, com enfoque em autoras negras e processos de escrevivência. Como resultado do primeiro laboratório dramático da Escola de Criação, foi lançado o livro “Escola de Criação – Primeiras Dramaturgias”, que reúne sete dramaturgias autorais escritas pelos participantes. As dramaturgias foram construídas com base no “mito de origem” de cada participante, que elaboraram narrativas diaspóricas, ficcionais e ancestrais, com perspectivas de luta, de amor e de corpos diversos.

Figura 4 – Espaço da Casa da Ribeira para ensaios, localizado no primeiro andar



Fonte: Acervo da Casa da Ribeira.

A Escola de Criação também tem uma forte responsabilidade social e ambiental, promovendo práticas sustentáveis, inclusão de novas tecnologias e ações educativas com compromisso ético. Mais de 50% das vagas são destinadas a pessoas negras, pardas e LGBTQIAPN+, reafirmando o papel da Casa da Ribeira como espaço de justiça cultural e equidade no acesso à formação.

Além das oficinas, a Escola oferece certificação própria e incentiva a circulação das criações produzidas. Ao invés de uma formação tradicional, o que se propõe é uma trilha criativa sensível, em que o educador é também aprendiz, e o educando, também protagonista. O fluxo de ensino-aprendizagem é entendido como troca, escuta e invenção: educador $\longleftrightarrow$ educando.

Com base nos princípios de entusiasmo, ética, sensibilidade e pluralidade, a Escola de Criação se consolida como um modelo de espaço educativo não escolar inovador e necessário, especialmente em um contexto social de crescentes desigualdades e apagamentos culturais. Ali, o saber nasce do encontro e da escuta, e a arte é entendida como linguagem de existência, resistência e reinvenção.

Diante do exposto, a Casa da Ribeira se consolida como um espaço educativo não escolar essencial, cuja proposta pedagógica pela arte transcende os limites tradicionais da educação formal. Por meio de iniciativas como o ArteAção e a Escola de Criação, o centro cultural reafirma a potência da arte como ferramenta de

transformação social, estimulando o pensamento crítico, a escuta sensível e o protagonismo dos sujeitos. Ao valorizar a diversidade, a memória e as subjetividades, a Casa da Ribeira promove uma formação cidadã comprometida com a justiça cultural, atuando como um território vivo de aprendizagem, criação e pertencimento. Nessa perspectiva, reafirma-se a importância dos espaços alternativos como agentes de resistência e reinvenção, capazes de gerar impactos profundos e duradouros na vida de indivíduos e comunidades.

REFERÊNCIAS

CASA DA RIBEIRA. Currículo Casa da Ribeira 2024. Natal: Casa da Ribeira, 2024. Disponível em:

<https://www.casadaribeira.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2025.

CASA DA RIBEIRA. Portfólio Educação pela Arte – Casa da Ribeira. Natal: Casa da Ribeira, 2024. Disponível em:

<https://www.casadaribeira.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2025.

CASA DA RIBEIRA. Relatório de atividades: Educação pela Arte. Natal, 2024. Disponível em: <http://www.casadaribeira.com.br>.

Acesso em: 5 jul. 2025.

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.

Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 12

A FUNDAÇÃO CULTURAL DONA MILITANA (FCDM) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Ellen Cristina Ramos da Rocha

Jessica Natalia Lima Ferreira

Stênia Raquel da Silva Câmara

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 12 – A FUNDAÇÃO CULTURAL DONA MILITANA (FCDM) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

**Ellen Cristina Ramos da Rocha²⁶ // Jessica Natalia Lima
Ferreira²⁷ // Stênia Raquel da Silva Câmara²⁸ // Andrezza Maria
Batista do Nascimento Tavares²⁹**

Este capítulo objetiva investigar a Fundação Cultural Dona Militana (FCDM), na perspectiva de demonstrar sua relevância como um espaço educativo não escolar. O trabalho acadêmico foi proposto pelo componente curricular “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”, disciplina do período 2025.1, sob a orientação da Profa. Dra. Andrezza Tavares. A pesquisa tem como ponto de partida a figura da romaneira Dona Militana, cujo saber popular, cultivado inteiramente fora da educação escolar, inspira a missão da instituição. Sediada no prédio do Museu Municipal Séphora Maria Alves Bezerra, centro de São Gonçalo do Amarante/RN, a

²⁶ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ellenrocha1479@gmail.com.

²⁷ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: jessicanatlim@gmail.com.

²⁸ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: steniaraquel2232@gmail.com.

²⁹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

FCDM se destaca como um polo de fomento da cultura popular. A figura 1 apresenta a seguir a fachada principal do museu.

Figura 1 – Museu Municipal Séphora Maria Alves Bezerra



Fonte: Autores (2025).

Nascida em 19 de março de 1925, Militana Salustino do Nascimento é considerada a maior romanceira do Brasil. Filha do mestre de Boi de Reis, Atanásio Salustino do Nascimento, ela cresceu imersa na cultura popular, aprendendo e memorizando romances que ouvia de seu pai. Sua infância foi marcada pelo trabalho na agricultura desde os sete anos, o que a privou, assim como a seus irmãos, do convívio no ambiente escolar. Contrariando as restrições sociais da época, que desencorajavam o canto feminino, ela se dedicou a memorizar as histórias e melodias medievais. Para ela, cantar os romances tornou-se uma forma de enfrentar as adversidades da vida. Essa sabedoria foi revelada ao Brasil no início da década de 1990 pelo folclorista

Deífilo Gurgel. Seu reconhecimento nacional foi consolidado em 8 de novembro de 2005, quando recebeu em Brasília a Comenda da Ordem do Mérito Cultural. Ela faleceu anos depois, em 19 de junho de 2010. Abaixo visualizamos a figura 2, composta por alguns registros fotográficos seus.

Figura 2 – Exposição fotográfica de Dona Militana



Fonte: Autores (2025).

Em homenagem à romanceira, para garantir que seu legado permaneça vivo, foi criada a Fundação Cultural Dona Militana, instituída pela Lei nº 1.181, de 16 de novembro de 2009. Na recepção do Museu Municipal Séphora Bezerra, que serve de sede para a Fundação, os visitantes são recebidos pelo Espaço Romanceira (figura 3), onde é possível contemplar uma exposição de fotografias, pinturas e esculturas que narram a vida de Dona Militana, retratada em em tela na figura 4 abaixo.

Figura 3 – Espaço Romanceira



Fonte: Autores (2025).

Figura 4 – Pintura de Dona Militana



Fonte: Autores (2025).

Além dessa iniciativa, o compromisso da FCDM se manifesta de formas concretas, como no apoio aos “mestres de cultura popular” de São Gonçalo do Amarante, que, assim como Dona Militana, transmitem os saberes que aprenderam com a vida. Além disso, a memória da romanceira é celebrada por meio de iniciativas, tais como: a Biblioteca Pública Municipal Romanceira Dona Militana, vinculada à Fundação, desde 2011, e o Ano Jubilar “Dona Militana: rumo aos 100”, lançado em 2024 para comemorar seu centenário. Na figura 5, pode-se observar a homenageada representada artisticamente em tamanho real.

Figura 5 – Escultura de Dona Militana



Fonte: Autores (2025).

Em visita à FCDM para elaboração deste capítulo, foi realizada uma entrevista com o atual Diretor-presidente, José Gleydson Oliveira de Almeida, que definiu a missão principal da Fundação como a de “manter a cultura viva: fomentar, promover e incentivar as manifestações tradicionais que passam de geração em geração”. Para ele, a Fundação é um espaço educativo não escolar pois valoriza os “mestres de cultura popular” - os oficineiros e as pessoas da comunidade que detém um saber prático e o transmite sem a necessidade de uma certificação formal. “Dona Militana é o nosso maior exemplo disso”, ele pontua. “Ela é a prova viva de que a educação não está restrita aos muros escolares”. Entretanto, Gleydson Almeida também destaca a importância das parcerias com instituições de ensino, citando projetos como a circulação de espetáculos em escolas do município, além de uma colaboração com o IFRN, campus São Gonçalo do Amarante, que possibilita a oferta de uma escola de música aberta à comunidade. Vejamos na figura a seguir a indumentária utilizada na manifestação cultural Boi de Reis.

Figura 5 – Vestimenta do grupo de manifestação cultural Boi de Reis



Fonte: Autores (2025).

Questionado sobre as atividades da FCDM, o diretor-presidente explicou que promovem cursos e oficinas de dança, música e artesanato, por meio de editais públicos fomentados por leis de incentivo, como a Política Nacional Aldir Blanc (PENAB). Segundo ele, essas ações proporcionam um grande impacto, pois

“movimenta a ‘economia criativa’, fortalece a identidade local e projeta a cidade”, além de ser uma “ferramenta de desenvolvimento social gigantesca” ao engajar positivamente a juventude.

Ao final, o representante da Fundação deixou uma mensagem direcionada aos futuros educadores, aconselhando-os para que “tenham sempre a sensibilidade de entender que a sociedade e o aprendizado não se limitam aos muros da escola. Minha própria experiência com a arte veio das oficinas, dos cursos práticos, não apenas da sala de aula. A maioria dos nossos grandes mestres culturais não tem formação acadêmica na área. Portanto, independentemente da disciplina que lecionem, tragam a realidade do aluno para perto. Uma aula não pode ser apenas técnica e fria, com papel e caneta; isso afasta o jovem. O caminho é entender o contexto dele e, principalmente, estar aberto para aprender com ele também. O ensino é sempre uma troca. Um verdadeiro mestre não é definido apenas pelo conhecimento teórico que possui. A letra pura e seca não é nada sem a energia, a vontade, a paixão e a compreensão de que a vida real e a sala de aula precisam caminhar juntas”. Seguindo adiante, vemos na figura 7 o diretor-presidente da Fundação Gleydson Almeida.

Figura 6 – Gleydson Almeida, diretor-presidente da Fundação Cultural Dona Militana



Fonte: Autores (2025).

Em suma, a visita à Fundação Cultural Dona Militana e a entrevista ao seu presidente permitiram que as autoras constatassem na prática a relevância dos espaços educativos não escolares. A FCDM se firma como um espaço de aprendizado, onde o saber popular é validado e a cultura é a principal ferramenta de ensino, rompendo uma “monocultura do saber” que, por vezes, desvaloriza o conhecimento popular. Concluimos que a experiência reforçou a lição deixada por Dona Militana: a educação mais rica é aquela que reconhece e valoriza as múltiplas formas de conhecimento.

Lá em Barreiro, onde eu nasci,
Em São Gonçalo aonde eu me criei,
Eu vou embora pra meu Sítio Oiteiro,
Adeus velha gravadora adeus.
O sinhô Dácio, meu maior amigo,
Que sempre segue os passos meu,
Eu vou embora pra meu Sítio Oiteiro,
Adeus Candinha Bezerra adeus.
Pai de família que mandei matar
Tanta criança que por mim sofreu,
Eu vou embora pra meu Sítio Oiteiro,
Adeus meu pessoal adeus.
Adeus velha gravadora adeus,
Adeus vou embora,
Jesus Cristo me acompanhe,
Fiquem com Nossa Senhora.
E o mais fiquem desculpando que eu vou já embora.
Vou sair seja lá por onde for
(JORNADA DE DESPEDIDA, 2002).³⁰

³⁰ 54ª e derradeira faixa do CD "Cantares Dona Militana" (2002), o último de sua carreira.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Maria Tereza de. **Militana Salustino, romanceira centenária: alamanque histórico**. 1. ed. Natal/RN: RN Editora, 2025.

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

JORNADA de Despedida. Intérprete: Dona Militana. Compositor: Dona Militana. *In*: **CANTARES Dona Militana**. Intérprete: Dona Militana. Natal/RN: Nação Potiguar, 2002. Faixa 54.

CAPÍTULO 13

PATRIMÔNIO, CULTURA E CONHECIMENTO: A CATEDRAL DE SAL DE ZIPAQUIRÁ COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO

Maria Emanuele dos Santos Faustino

Nariele Valéria da Silva

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 13 – PATRIMÔNIO, CULTURA E CONHECIMENTO: A CATEDRAL DE SAL DE ZIPAQUIRÁ COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO

Maria Emanuele dos Santos Faustino³¹ // Narielle Valéria da Silva³² // Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares³³

A concepção norteadora neste estudo amplia o entendimento da prática educativa para além da escola formal, articulando-se diretamente com os objetivos da disciplina de “Práticas Educativas”, ao valorizar contextos pedagógicos diversos onde o educador atua como agente de transformação social. Segundo Tavares (2010, p. 20), “os espaços não escolares de educação social são os ambientes de contribuição de aprendizagens sócio-culturais relevantes, adequados para a operacionalização do modelo teórico-prático da Educação Social e da Pedagogia Social.” A tese “O Pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares”, da profa. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, investiga a atuação do pedagogo em espaços não escolares, com foco na

³¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: sfmariaemanuele@gmail.com.

³² Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: nariellevaleria12@gmail.com.

³³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (SEMTAS), de Natal-RN. A autora defende que o pedagogo tem papel fundamental na promoção da inclusão social, atuando em contextos de vulnerabilidade por meio de práticas pedagógicas que ultrapassam os limites da escola tradicional. A partir de uma abordagem qualitativa e etnográfica, a pesquisa destaca a importância da formação crítica e reflexiva do pedagogo para mediar aprendizagens voltadas à emancipação dos sujeitos sociais excluídos, apontando os desafios estruturais e institucionais enfrentados e propondo caminhos para uma educação social mais efetiva e transformadora.

A Catedral de Sal de Zipaquirá, localizada na Colômbia, é muito mais do que um templo religioso. É um monumento que representa a conexão entre espiritualidade, história, ciência, arte, cultura e patrimônio.

Construída no interior de uma mina de sal, a cerca de 180 metros abaixo da superfície, a catedral é considerada uma das maiores obras de arquitetura subterrânea do mundo, além de ser um exemplo notável de como os espaços podem se transformar em ambientes pedagógicos não escolares, oferecendo experiências de aprendizado que vão muito além das paredes da sala de aula tradicional.

A história da Catedral começa muito antes da sua construção física. A cidade de Zipaquirá tem uma relação ancestral com o sal. Os povos indígenas Muiscas já extraíam esse mineral há mais de 1.200 anos. Para eles, o sal não era apenas um

recurso econômico, mas também espiritual, considerado um presente sagrado da terra. O sal era usado como moeda, instrumento de troca e fonte de riqueza, o que demonstra que a mineração na região está diretamente ligada à história e à formação cultural da Colômbia. Quando os espanhóis chegaram, eles passaram a explorar esse recurso em maior escala, tornando a mina um dos principais motores econômicos da região.

A primeira versão da Catedral de Sal foi construída em 1953 pelos próprios mineiros, que esculpiram uma capela como forma de agradecer a proteção divina durante as atividades, que eram extremamente perigosas. Esse espaço, no entanto, teve que ser fechado devido a problemas estruturais, dando origem ao projeto de uma nova catedral, iniciada em 1991 é inaugurada em 1995, com uma estrutura muito mais segura e grandiosa, situada abaixo da antiga.

Ao visitar a Catedral, percebe-se que ela não é apenas um templo, mas uma obra-prima que integra arquitetura, engenharia, geologia e expressão artística. Seus túneis e galerias são formados por sal-gema, um mineral que reflete luz e cria ambientes de beleza indescritível. A iluminação colorida, as esculturas talhadas diretamente na rocha e os espaços simbólicos proporcionam uma experiência sensorial e imersiva que vai além da contemplação estética. Cada espaço dentro da catedral conta uma história, representa uma ideia, carrega um significado e provoca reflexões.

Do ponto de vista educacional, a Catedral de Sal se apresenta como um espaço pedagógico não escolar de imenso valor. Isso porque permite a integração de múltiplas áreas do conhecimento de forma concreta, prática e sensível. O visitante aprende não apenas por meio da observação, mas pela vivência, pelo toque, pela interação e pela reflexão. É um tipo de aprendizagem que ativa todos os sentidos, que conecta teoria e prática, que transforma o conteúdo acadêmico em algo vivido e experimentado.

Um dos primeiros aspectos que a Catedral ensina é sobre geologia. Ao caminhar por seus túneis, o visitante tem contato direto com as formações rochosas de sal, podendo entender como essas estruturas foram formadas ao longo de milhões de anos, quando antigos mares evaporaram, deixando depósitos de sal que foram, posteriormente, cobertos por sedimentos e rochas. Isso permite discutir processos geológicos, mudanças climáticas, ciclos naturais da Terra e o impacto do tempo na formação dos elementos. A figura 1 abaixo retrata a Via Sacra, um dos ambientes da Catedral de Sal.

Figura 1 – Vía sacra da Catedral de Sal de Zipaquirá



Fonte: Autores (2025).

Além disso, este espaço corresponde à uma aula viva de engenharia e arquitetura. A manutenção da mina e a construção da catedral só foram possíveis graças ao método de Câmaras e Pilares, que garante a estabilidade das estruturas subterrâneas. Isso possibilita que o visitante compreenda conceitos como resistência dos materiais, distribuição de peso, cálculos estruturais, segurança em obras subterrâneas e soluções arquitetônicas para espaços não convencionais.

No campo das artes, a Catedral de Sal é um verdadeiro museu a céu (ou solo) fechado. As esculturas, cruzes, altares e relevos talhados diretamente no sal são manifestações artísticas

de enorme valor, que unem técnica, criatividade e simbolismo. Cada obra representa uma cena bíblica, uma reflexão espiritual ou uma homenagem a aspectos culturais da Colômbia. A iluminação, cuidadosamente projetada, realça as texturas do sal, criando jogos de luz e sombra que transformam o ambiente em uma experiência estética e sensorial inesquecível.

A dimensão religiosa também é um componente formativo. Mesmo para quem não professa a fé católica, o percurso pela Via Sacra, com suas quatorze estações, oferece reflexões sobre vida, morte, superação, sacrifício e transcendência. Isso proporciona uma oportunidade de discutir temas ligados à filosofia, espiritualidade, ética, empatia, valores humanos e sentido da existência.

Outro ponto fundamental que torna esse espaço educativo é a presença do Museu das Esmeraldas (figura 2), que amplia a experiência para além do sal. Nesse espaço o visitante aprende sobre a formação das esmeraldas, sua importância econômica, histórica e cultural para a Colômbia, além de discutir os impactos da mineração, os desafios da sustentabilidade e as práticas de preservação do meio ambiente. O museu oferece atividades interativas, como simulações de garimpo, que ajudam a compreender os processos de extração, seleção e lapidação das pedras preciosas.

Figura 2 – Esmeraldas expostas nas paredes da mina de esmeraldas



Fonte: Autores (2025).

O potencial pedagógico da Catedral se intensifica por proporcionar uma aprendizagem que é, ao mesmo tempo, interdisciplinar, ativa, sensível, experiencial e transformadora. É um espaço onde história, geografia, física, química, biologia, arte, filosofia, engenharia e espiritualidade se encontram, se cruzam e

se complementam, oferecendo uma visão integrada e complexa do mundo.

A aprendizagem que ocorre na Catedral de Sal é profundamente significativa, pois não se dá de forma abstrata ou descontextualizada, como muitas vezes acontece no ambiente escolar tradicional. Ao contrário, ela acontece no contato direto com o objeto de estudo, na vivência prática dos fenômenos, na observação sensível do ambiente e na reflexão que surge das experiências (Tavares, 2010).

A pedagogia que se realiza nesse espaço vai ao encontro das metodologias contemporâneas que valorizam o protagonismo do aprendiz, a construção ativa do conhecimento e a valorização das experiências como motor do desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Tavares, 2010). O visitante não é um receptor passivo de informações, mas um agente ativo, que interage com o ambiente, questiona, descobre, investiga e, a partir disso, aprende.

Essa vivência também contribui para o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, como pensamento crítico, resolução de problemas, criatividade, empatia, colaboração, comunicação e consciência socioambiental. Além disso, fortalece a valorização do patrimônio cultural e natural, elemento fundamental para a formação de cidadãos conscientes, responsáveis e comprometidos com a preservação da memória, da cultura e do meio ambiente.

O aspecto de educação patrimonial também se faz muito presente na Catedral de Sal de Zipaquirá. Ao visitar o espaço, o indivíduo não apenas observa uma obra física, mas entende a importância de preservar não só os monumentos materiais, mas também a história, a memória coletiva, os saberes ancestrais e os recursos naturais. A percepção de que aquele ambiente só existe graças à interação do ser humano com a natureza, durante milhares de anos, gera reflexões sobre como a humanidade se relaciona com os bens naturais e culturais, e como é fundamental preservá-los para as gerações futuras.

A catedral também ensina sobre sustentabilidade. Ao mesmo tempo em que a mineração é uma atividade essencial para a vida moderna - afinal, praticamente tudo que usamos deriva direta ou indiretamente da extração de minerais - ela também traz desafios ambientais. A visita ao complexo permite que os visitantes compreendam essa dualidade: como extrair recursos sem comprometer os ecossistemas, como aplicar práticas de mineração consciente, e qual o papel de cada cidadão na preservação dos recursos naturais. A exposição sobre o método de Câmaras e Pilares, bem como as informações sobre processos de extração sustentável, transformam o passeio em uma verdadeira aula de educação ambiental.

Além do conhecimento científico e técnico, o ambiente da catedral favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem sensível e afetiva. O fato de estar em um espaço subterrâneo, cercado por formações naturais milenares e obras artísticas

feitas pelo ser humano, provoca sensações que dificilmente seriam despertadas em um ambiente de ensino tradicional. A percepção do silêncio, da acústica do espaço, da iluminação que muda conforme o percurso, tudo isso contribui para gerar uma conexão emocional que potencializa o processo de aprendizagem.

Outro fator que destaca a Catedral de Sal como espaço pedagógico é a possibilidade de trabalhar temas contemporâneos, como mudanças climáticas, exploração dos recursos naturais, patrimônio material e imaterial, espiritualidade, diversidade cultural e desenvolvimento sustentável. Esses temas são fundamentais para uma educação crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social.

Do ponto de vista da interdisciplinaridade, a Catedral de Sal permite construir pontes entre conhecimentos que, muitas vezes, estão separados no currículo escolar (Tavares, 2010). Ao visitar esse espaço, é possível, por exemplo, compreender como os processos geológicos estão diretamente relacionados aos aspectos econômicos e culturais de uma região. Ou perceber como a engenharia e a física estão presentes na construção de espaços seguros e funcionais dentro de uma mina. Ou ainda refletir sobre como a arte e a espiritualidade se expressam nas representações visuais e simbólicas encontradas ao longo do percurso.

A Catedral também oferece uma oportunidade de discutir identidade e pertencimento. Ao conhecer a história da mineração

de sal na Colômbia e a importância desse recurso para os povos originários, os visitantes podem refletir sobre sua própria história, sua cultura e sua relação com os recursos naturais e com o patrimônio. Essa reflexão amplia a consciência de que o desenvolvimento social e cultural de uma comunidade está profundamente conectado ao ambiente onde ela se insere e aos recursos que ela aprende a manejar e preservar.

Do ponto de vista prático, a experiência na Catedral de Sal também trabalha conceitos fundamentais das ciências naturais, como a composição dos minerais, os ciclos da natureza, a transformação da matéria e os impactos da ação humana sobre o meio ambiente. Esses conteúdos, muitas vezes vistos de forma abstrata nos livros, tornam-se concretos, palpáveis e visíveis no percurso pelo espaço.

Por fim, a Catedral de Sal de Zipaquirá não é apenas um lugar de contemplação. É um espaço que provoca, que ensina, que estimula, que questiona e que transforma. Ela oferece uma aprendizagem que não se limita ao acúmulo de informações, mas que promove uma compreensão ampla, profunda e sensível sobre o mundo, sobre a relação do ser humano com a natureza, com a história, com a cultura e com o sagrado.

Portanto, compreender a Catedral de Sal como um espaço pedagógico não escolar é reconhecer que a educação não acontece apenas dentro das salas de aula, mas em todos os ambientes que possibilitam ao ser humano refletir, experimentar, sentir e construir conhecimentos a partir da sua interação com o mundo.

É entender que aprender é um processo que envolve razão, emoção, experiência, sensibilidade e conexão com tudo que nos cerca.

A visita a esse espaço é, sem dúvida, uma oportunidade de desenvolvimento integral, que contempla o saber científico, técnico, histórico, artístico, cultural, social, ambiental e espiritual. Ao integrar esses diferentes saberes, a Catedral se consolida como um exemplo potente de como os espaços culturais e naturais podem - e devem - ser utilizados como recursos educativos, capazes de enriquecer, ampliar e transformar os processos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

PROJETO EX-VOTOS DO BRASIL. **Catedral de Sal – Zipaquirá – Cundinamarca**. Disponível em: <https://projetoex-votosdobrasil.net/catedral-de-sal-zipaquirá-cundinamarca/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

VIDA sem paredes. **Catedral de Sal da Colômbia – Zipaquirá**. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/catedral-de-sal-da-colombia/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CAPÍTULO 14

EXPLORANDO A PINACOTECA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Evellyn Monique Araújo de Lima

Maria Heloyza Dias de Souza

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 14 – EXPLORANDO A PINACOTECA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

**Evellyn Monique Araújo de Lima³⁴ // Maria Heloyza Dias de
Souza³⁵ // Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares³⁶**

A Pinacoteca do Rio Grande do Norte já funcionou como o Palácio do Governo Estadual. Construída entre 1866 e 1873, ela é a maior expressão da arquitetura neoclássica em Natal e foi inaugurada no ano de 1873. Em 1902, durante uma cerimônia com o governador Alberto Maranhão, em seu mandato de 1900 a 1904, passou a ser a sede do Governo Estadual, permanecendo como o coração da vida política do RN até 1995. Localizada na Praça Sete de Setembro, s/n - Cidade Alta, Natal - RN, ao lado da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Hoje, ela atua como um espaço cultural, com exposições permanentes das principais obras do acervo da Pinacoteca Potiguar.

³⁴ Aluno de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: evllynm18@icloud.com.

³⁵ Aluno de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: mheloyza146@gmail.com.

³⁶ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

A instituição é administrada pela Fundação José Augusto do Rio Grande do Norte e possui um papel fundamental na educação, oferecendo uma variedade de programas educativos e garantindo que diferentes públicos tenham acesso ao seu acervo e às exposições. A Pinacoteca busca criar um espaço de diálogo entre a arte, a história, o patrimônio e a cultura, ajudando a promover a construção do conhecimento, da diversidade e do desenvolvimento social.

Através do conjunto de 580 obras, a Pinacoteca apresenta uma visão abrangente da pintura no Rio Grande do Norte, além de tais, o local ainda dispõe de temporadas exclusivas com exposições especiais, destacando artistas como Thomé, Newton Navarro, Tarsila do Amaral e Dorian Gray, além de incluir trabalhos de Alfredo Volpi, Cícero Dias, Fayga Ostrower, Maria do Santíssimo, Moura Rabello e Hostílio Dantas. Entre as peças mais notáveis do acervo, encontra-se a escultura do Buda de Laos, uma obra rara datada do final do século XII, procedente do Laos, na Ásia. A peça, em chumbo e banhada em ouro, foi doada pelo colecionador suíço Fritz Alain Gegauf, que morou em Natal.

A presença de acervos que abordam a história e a cultura em contextos não escolares enriquecem a experiência do visitante, proporcionando uma compreensão mais profunda das influências que moldaram a sociedade. Assim, a Pinacoteca, ao reunir obras de artistas renomados e temporários, não apenas preserva a memória cultural, mas também inspira novas

gerações a se engajar com a arte, criando um legado que transcende o espaço físico do museu.

Além disso, ela serve como um ponto de encontro para a comunidade, onde diferentes narrativas e experiências podem ser compartilhadas. Ao promover exposições e atividades que refletem a diversidade cultural, esses museus destacados para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de suas raízes históricas, estimula a reflexão crítica e a valorização da identidade cultural.

Os espaços não escolares desempenham um papel vital na educação e no desenvolvimento social, oferecendo oportunidades de aprendizado fora do ambiente formal das salas de aula. Além disso, podem promover a inclusão e a diversidade, ocasionalmente como pontos de encontro para pessoas de diferentes origens e culturas. Assim, esses espaços não apenas complementam a educação formal, mas também desempenham um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e engajados.

Espaços educativos não escolares: contextualizando o tema

Os espaços educativos não escolares são aqueles que não fazem parte do sistema formal de ensino, como escolas, universidades e cursos (Tavares, 2010). Mesmo não sendo voltados diretamente para a educação, esses ambientes também exercem um papel importante na formação dos indivíduos, uma

vez que permitem aprendizados informais e experiências. Entre os principais exemplos de espaços não educacionais estão a família, o trabalho, a religião, as redes sociais, espaços culturais e comunidades (Tavares, 2016). Esses ambientes são importantes porque ajudam na construção de identidade, na convivência em sociedade e na formação de valores. A educação, portanto, vai além da escola e faz ver que a aprendizagem ocorre em todos os lugares onde há interação, vivência e reflexão. Vejamos na figura 1, logo abaixo, a fachada da Pinacoteca.

Figura 1 – Pinacoteca do Estado



Fonte: Lima (2025).

Serviços prestados à população

A Pinacoteca do Estado desempenha um papel crucial na democratização do acesso à arte e à cultura, permitindo que pessoas de diferentes origens e idades possam interagir com obras significativas. Através de programas educativos e eventos, esses espaços não apenas atraem visitantes, mas também incentivam a participação ativa da comunidade, promovendo um ambiente onde a arte se torna uma ferramenta de transformação social. E ainda oferece diversos serviços, para diferentes públicos e faixas etárias. Dentre eles estão:

- Oferta de programas para diferentes idades e públicos, incluindo escolas e a comunidade em geral, sempre pensando em ampliar o contato das pessoas com a arte e a cultura. Isso possibilita a visitação entre as escolas de todo o Rio Grande do Norte;

- Incentivo o acesso às obras e exposições (ver figuras 2 a 5), estimulando o interesse e a apreciação artística, levando em conta que o espaço possui uma coleção de arte local, nacional e internacional.

- Realização de ações de mediação cultural: Facilita a compreensão e a interpretação das obras para que todos possam aproveitar ao máximo o que o local tem a oferecer.

Figura 2 – Exposição “Cascudo e a Academia de Letras”³⁷



Fonte: Lima (2025).

Figura 3, 4 e 5 – Exposição “Cascudo e a Academia de Letras”³⁸



Fonte: Lima (2025).

³⁷ Uma homenagem ao folclorista Luís da Câmara Cascudo, como uma declaração de amor - a Cascudo, à Academia e à cultura potiguar - expressa por meio de uma poderosa poesia visual coletiva (Manoel Onofre Neto).

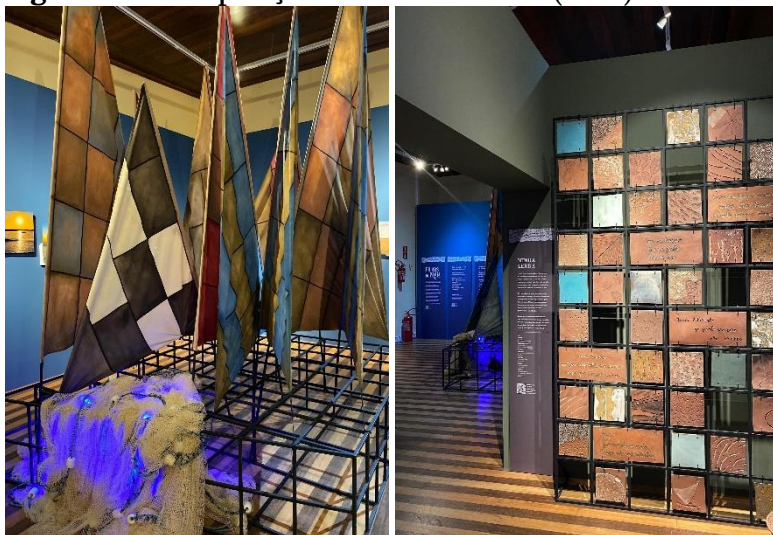
³⁸ Uma homenagem ao folclorista Luís da Câmara Cascudo, como uma declaração de amor - a Cascudo, à Academia e à cultura potiguar - expressa por meio de uma poderosa poesia visual coletiva (Manoel Onofre Neto).

Um mosaico de vidas e memórias: exposição faces do reduto

No espaço expositivo, o público é convidado a conhecer três salas temáticas, cada uma dedicada a explorar novas histórias e cultura. As salas destacam a força, simplicidade e a resistência do povo potiguar, apresentando narrativas que unem histórias de luta, de resistência cultural e de muita resiliência, quase sempre forjadas nos domínios da fé e da devoção.

A inspiração para a exposição vem da Trilogia Poética do Reduto, a Comunidade do Reduto, encravada no município de São Miguel do Gostoso / RN, seus personagens e narrativas composta pelos três curtas-metragens potiguares, dirigidos por Mônica Mac Dowell, “A Deus querer” de 2022, narra a jornada do Senhor Dadá, que é agricultor do comunidade. Logo abaixo apresentam-se algumas das exposições realizadas pela Pinacoteca (figuras 6 a 9).

Figura 6 e 7 – Exposição “Rosa de Aroeira” (2020)³⁹



Fonte: Lima (2025).

Em Faces do Reduto, Mônica Mac Dowell cumpre um papel que extrapola e muito a de uma artista multifacetada que transita com competência entre o cinema e a fotografia. Ela constrói narrativas visuais de modo que contemplar as "Faces do Reduto" e suas inúmeras possibilidades e leituras poéticas é, seguramente, uma das experiências artísticas mais encantadoras, inspiradoras e afetuosas, uma verdadeira declaração de amor ao Reduto e à sua gente.

O resultado é uma experiência única, por misturar diferentes elementos das expressões culturais. São usadas múltiplas linguagens visuais, como: cinema, fotografias, trilha

³⁹ “Rosa de Aroeira” (2020) retrata a vida de quatro mulheres do reduto

sonora, e etc., ampliando as experiências vivenciadas no espaço, emocionando o público com as histórias retratadas.

Portanto, a Pinacoteca como espaço educativo não escolar propicia uma experiência única de aprendizado, através de exposições e atividades educativas, ela não apenas preserva a memória cultural, mas também estimula a reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea. Ao integrar diferentes linguagens artísticas e históricas, ela se torna um ponto de encontro para a diversidade de vozes e narrativas, permitindo que cada visitante se sinta parte de um contexto mais amplo.

Assim, adotar uma abordagem inclusiva é essencial para a construção do conhecimento, pois promove a valorização das múltiplas identidades que compõem a sociedade, contribuindo para um ambiente mais diverso, coeso e respeitoso.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.** Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

POTIGUARTE. **Pinacoteca Potiguar: Uma herança cultural (2017).** Disponível em: <https://potiguar.te.blogspot.com/2017/09/pinacoteca-potiguar-uma-heranca-cultural.ht ml>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CAPÍTULO 15

**O PARQUE DAS DUNAS, EM NATAL-
RN, COMO ESPAÇO MEDIADOR NO
DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS
EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES:
CONTRIBUIÇÕES DE CARÁTER
EDUCATIVO, CULTURAL E SOCIAL
PARA O POVO POTIGUAR**

Gabriel José Gomes Peixoto

Maria Eduarda Bezerra de Medeiros

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 15 – O PARQUE DAS DUNAS, EM NATAL-RN, COMO ESPAÇO MEDIADOR NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES DE CARÁTER EDUCATIVO, CULTURAL E SOCIAL PARA O POVO POTIGUAR

**Gabriel José Gomes Peixoto⁴⁰ // Maria Eduarda Bezerra de
Medeiros⁴¹ // Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares⁴²**

O presente capítulo intitulado “O parque das Dunas, em Natal/RN, como espaço mediador no desenvolvimento de práticas educativas não escolares” foi sistematizado por acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Natal-Central, no contexto dos estudos realizados no componente curricular

⁴⁰ Discente do curso de Licenciatura em Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: gabrielgomes.peixoto042@gmail.com.

⁴¹ Discente do curso de Licenciatura em Português e Espanhol, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: maredmedeiros.17@gmail.com

⁴² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

“Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”, sob orientação da profa. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares.

Esta pesquisa objetiva analisar o Parque das Dunas como um espaço educativo não escolar, considerando sua atuação enquanto ambiente de circulação pública e enquanto local mediador de produção de saberes científicos, tradicionais e geracionais. Nesta perspectiva, busca-se compreender como o parque contribui para o desenvolvimento de práticas educativas de caráter informal que favorecem a consciência socioambiental, o enriquecimento cultural e a formação cidadã dos potiguares, consolidando-se como um espaço de mediação entre a comunidade, o meio ambiente e o conhecimento. Abaixo, a figura 1 apresenta a entrada do local.

Figura 1 – Fachada do Parque das Dunas



Fonte: Autores (2025).

Criado por meio do Decreto Estadual nº 7.237, de 22 de novembro de 1977, o Parque Estadual Dunas do Natal “Jornalista Luiz Maria Alves” - popularmente conhecido como Parque das Dunas - configura-se como a primeira Unidade de Conservação do Estado do Rio Grande do Norte, consolidando-se, assim, como uma das mais relevantes áreas de preservação ambiental da região Nordeste. Localizado na cidade de Natal/RN, o parque possui uma área de 1.172 hectares e abriga inúmeras espécies de plantas e animais que fazem parte da rica biodiversidade da Mata Atlântica brasileira, resguardando as riquezas da fauna e da flora nativas para as próximas gerações.

Sob a gestão do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (IDEMA), o parque registra uma média anual de 150.000 visitantes, os quais utilizam o espaço não apenas para a prática de atividades físicas e de lazer, mas também para participar de iniciativas educacionais e culturais que são oferecidas à população. Dentre essas atividades, destacam-se shows, peças teatrais, apresentações musicais, palestras, oficinas e exposições, que favorecem a socialização de conhecimentos que são compartilhados entre população, instituições de ensino e as diferentes comunidades que frequentam o espaço.

Embora o seu foco seja a conservação e a educação ambiental, o Parque das Dunas também oferece um setor de uso público, o Bosque dos Namorados, onde encontram-se importantes ambientes de aprendizagem e pesquisa, como laboratórios utilizados pelo IDEMA e pesquisadores de

universidades, acadêmicos dos cursos de Biologia, Engenharia Florestal, Geologia, entre outros, que realizam pesquisas, coletas e atividades que complementam seus estudos em sala de aula. Há também uma sala de exposição (como demonstra a figura 2) com um vasto acervo de animais empalhados, exemplares de plantas, sementes, caixas entomológicas, fotografias, maquetes e banners que ilustram a biodiversidade do parque e conscientizam sobre a importância da preservação.

Figura 2 – Sala de Exposição do Parque das Dunas



Fonte: Azevedo (2025).

O Bosque dos Namorados funciona como a principal porta de entrada do Parque das Dunas. Além dos laboratórios de pesquisa e da sala de exposições, o lugar oferece uma ampla estrutura, organizada em diferentes espaços que podem ser utilizados para uma pluralidade de atividades educacionais. Um desses espaços é o Anfiteatro Pau-Brasil, como apresentado na figura 3, que se destaca por ser palco de apresentações culturais

como o Som da Mata, projeto de apresentações de música instrumental; e o Bosque Encena que traz apresentações teatrais realizadas por artistas potiguaras.

Figura 3 – Apresentação do Som da Mata no Anfiteatro Pau-Brasil



Fonte: Lima (2024).

Outro espaço amplamente utilizado pelos visitantes para práticas educacionais no Parque das Dunas é o Folha das Artes (apresentado na figura 5), uma estrutura que funciona como uma grande tenda destinada à realização de eventos. O local frequentemente abriga exposições, palestras, oficinas e feiras literárias, proporcionando aos visitantes a troca de experiências e novas vivências educativas. Nesses eventos, há a participação constante de projetos de extensão que são promovidos por

instituições de ensino, como o Planetário Barca dos Céus, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e o Clube de Ciência do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), que utilizam recursos lúdicos e dinâmicas interativas para disseminar conhecimentos científicos. Tais iniciativas ampliam as possibilidades de aprendizagem ao estimular a curiosidade e o pensamento crítico de maneira não convencional, consolidando o espaço como uma alternativa eficaz e complementar à educação formal em sala de aula.

Além de promover atividades culturais e educativas, espaços como o Anfiteatro Pau-Brasil e o Folha das Artes também funcionam como mediadores na transmissão de saberes tradicionais e geracionais, fortalecendo a identidade cultural do povo potiguar.

No projeto Bosque Encena, por exemplo, artistas locais apresentam peças que resgatam narrativas populares, como a encenação de “O Reizinho Mandão”, inspirada na obra de Ruth Rocha, que desperta reflexões sobre cidadania e consciência crítica.

Já no Som da Mata, músicos como Tiquinha Rodrigues apresentam repertórios que dialogam com expressões da cultura regional nordestina, como o uso da rabeca e de ritmos ancestrais. Além disso, o espaço Folha das Artes já sediou feiras de artesanato promovidas pela Sethas/RN, nas quais mestres artesãos compartilham saberes tradicionais em oficinas de crochê, costura criativa, pintura e outras expressões manuais,

consolidando o parque como um ambiente de troca intergeracional e valorização do patrimônio cultural.

Figura 4 – Espaço Folha das Artes, no Parque das Dunas



Fonte: ASCOM/IDEMA (2024).

O Parque das Dunas representa uma síntese viva entre natureza, cultura e educação, revelando-se como um agente ativo na promoção do saber fora dos ambientes escolares formais. Sua estrutura, cuidadosamente planejada para acolher a diversidade de práticas educativas, contribui para que o conhecimento seja compartilhado de forma acessível, lúdica e significativa.

Integrando manifestações artísticas, atividades científicas e ações voltadas à valorização das tradições locais, o parque rompe com os limites físicos da sala de aula e se afirma como território fértil para a construção de cidadanias múltiplas e para o fortalecimento da identidade potiguar.

As vivências proporcionadas nesse espaço reafirmam a importância dos ambientes públicos como aliados na democratização do conhecimento. A presença de projetos que dialogam com os saberes geracionais e comunitários, como oficinas, feiras culturais e apresentações voltadas ao resgate das narrativas populares, amplia as possibilidades de formação integral dos indivíduos (Tavares, 2010). Ao valorizar os saberes tradicionais e estimular a consciência crítica através da experiência sensível com a natureza e com os diversos agentes sociais que ali atuam, o Parque das Dunas consolida-se como referência em práticas educativas não escolares de impacto social duradouro.

Em suma, este capítulo reafirma que o Parque das Dunas transcende sua função ecológica e recreativa, posicionando-se como espaço educativo dinâmico, plural e transformador (Tavares, 2025). Sua contribuição para a educação informal se mostra fundamental na construção de uma sociedade mais justa, consciente e conectada com sua história e território. Almejamos que este estudo sirva de inspiração para novas pesquisas e ações que reconheçam o potencial dos espaços não escolares na formação de sujeitos críticos e sensíveis ao mundo que habitam.

Um último aspecto que merece destaque é a maneira como os moradores de Natal valorizam o Parque das Dunas enquanto patrimônio coletivo e espaço educativo vivo. Para muitos potiguaras, o parque vai além de um ponto turístico ou espaço de lazer: ele é percebido como extensão da própria cidade, um lugar

de pertencimento, memória afetiva e aprendizado. A participação ativa da comunidade nos eventos culturais, nas ações ambientais e nos projetos educativos realizados no local revela o forte vínculo afetivo e o reconhecimento da importância desse espaço para a formação de uma sociedade mais consciente, sustentável e culturalmente rica. Tal valorização comunitária reforça o papel social do Parque das Dunas, legitimando-o como parte essencial do cotidiano natalense e consolidando sua missão como espaço educacional não escolar de referência no estado do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Parque das Dunas. **Home**. 2025. Disponível em:

<http://www.parquedasdunas.rn.gov.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

POR DENTRO DO RN. **Por Dentro do RN**, Natal, 8 jul. 2025.

Disponível em: <https://pordentrodoRN.com.br/2025/07/08/o-reizinho-mandao-no-bosque-encena/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

PENSE! NUMA NOTÍCIA. **Pense! Numa Notícia**, Natal, 11 jul.

2025. Disponível em:

<https://pensenumanoticia.com.br/tiquinha-rodrigues-se-apresenta-no-som-da-mata-no-domingo-13/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

G1 RIO GRANDE DO NORTE. **G1 RN**, Natal, 24 jun. 2025.

Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/sao-joao-no-rn/noticia/2025/06/24/no-dia-de-sao-joao-feira-reune-artesaos-potiguares-em-natal.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2025.

PORTAL N10. **Portal N10**, Natal, 23 jun. 2016. Disponível em:

<https://portaln10.com.br/agenda-cultural/artesanato-musica-e-teatro-sao-destaques-no-fim-de-semana-do-parque-das-dunas-48657/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

AZEVEDO, Fernando. **Saiba Mais**, Natal, 26 jan. 2025. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2025/01/parque-das-dunas-refugio-da-mata-atlantica-na-capital-potiguar/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **Pesquisa sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares**. Natal: Famen, 2025.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros**

escolares. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 16

A CATEQUESE DA IGREJA CATÓLICA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Ingryd Yasmin Pereira Soares da Silva

Maria Suelane Andrade dos Santos

Mateus Alves Faustino

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 16 – A CATEQUESE DA IGREJA CATÓLICA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

**Ingyrd Yasmin Pereira Soares da Silva⁴³ // Maria Suelane
Andrade dos Santos⁴⁴ // Mateus Alves Faustino⁴⁵ // Andrezza
Maria Batista do Nascimento Tavares⁴⁶**

Este capítulo foi produzido por acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras – Português/Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). A pesquisa foi desenvolvida na disciplina “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”, sob a supervisão da Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma pesquisa de campo sobre ambientes não escolares, nos quais a prática educativa transcende os limites da escola e se materializa em diferentes ações formativas. O espaço investigado foi a catequese

⁴³ Graduanda em Licenciatura em português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ingyrdyasmin843@gmail.com.

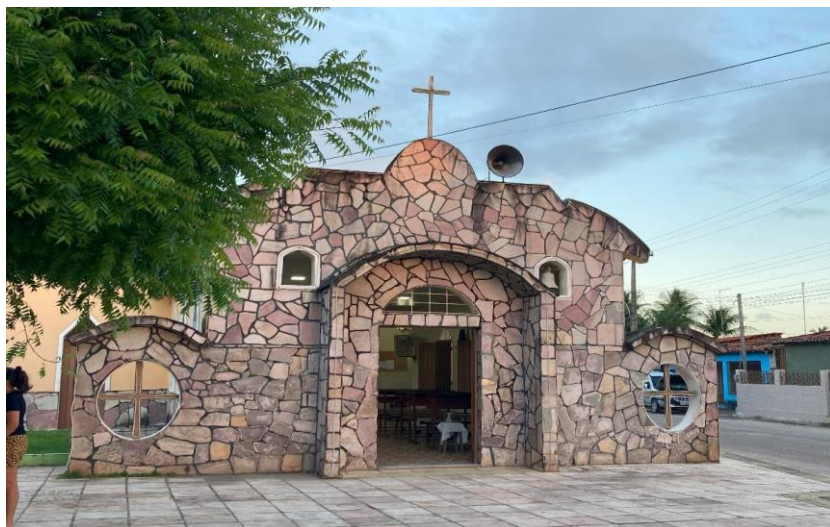
⁴⁴ Graduanda em Licenciatura em português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: mariasuelane24@gmail.com.

⁴⁵ Graduando em Licenciatura em português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: alvesfaustinomateus@gmail.com.

⁴⁶ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, localizada na Rua Santa Luzia, 440 – Carnaúba, Senador Georgino Avelino – RN, CEP 59168-000.

Figura 1 – Fachada da Sede da Igreja de Nossa Senhora do Desterro



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

A interseção entre fé, cultura, tradição e educação revela-se de forma significativa quando observamos as práticas religiosas como instâncias de formação que ultrapassam os muros escolares. Assim, este capítulo resulta de uma investigação de campo realizada com foco na Igreja de Nossa Senhora do Desterro, a qual se destaca pela contribuição à formação humana, social, cultural e espiritual por meio da catequese.

A igreja de Nossa Senhora do Desterro: história e pertencimento comunitário

Localizada no município de Senador Georgino Avelino – RN, a Igreja de Nossa Senhora do Desterro carrega em sua história muito mais do que símbolos religiosos. Ela se constitui como referência de fé, tradição, resistência e identidade local, sendo ponto de encontro para celebrações, festividades religiosas, momentos de oração e atividades formativas, como a catequese.

A catequese não se limita a preparar crianças, jovens e adultos para os sacramentos; configura-se como uma verdadeira escola da vida. Nesse contexto, os encontros catequéticos na Igreja de Nossa Senhora do Desterro representam momentos de aprendizado que vão além do conteúdo religioso. Entre os principais valores e temas trabalhados, destacam-se: o amor ao próximo; a solidariedade e o serviço; o respeito às diferenças; a importância da família e da comunidade; a responsabilidade social e o cuidado com a criação; a construção da paz e da fraternidade.

A Igreja de Nossa Senhora do Desterro não é apenas um espaço de oração, mas também um lugar simbólico, cultural e educativo. Seu papel ultrapassa as paredes físicas, tornando-se um ambiente de transmissão da memória, da cultura, da espiritualidade e dos valores que estruturam a vida da comunidade. Além disso, destaca-se como espaço acessível e

acolhedor, que possibilita a participação ativa de todos, desde crianças até idosos, promovendo integração social e crescimento espiritual.

No ambiente catequético, o catequista exerce papel fundamental: é ele quem acolhe, orienta e motiva os catequizandos em sua caminhada de fé. Além do catequista, a participação da família é indispensável, uma vez que a educação cristã começa em casa e se fortalece na comunidade paroquial, a qual oferece apoio e estrutura para encontros semanais, celebrações e vivências significativas.

A Igreja de Nossa Senhora do Desterro foi inaugurada na década de 1960. Sua estrutura arquitetônica é composta por cinco cômodos principais, organizados de maneira funcional para atender às demandas das atividades litúrgicas e pastorais desenvolvidas pela comunidade local.

Figura 2 – Salão Principal da Igreja de Nossa Senhora do Desterro



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

O salão principal, conforme evidenciado nas imagens apresentadas, constitui-se como o espaço central e mais amplo da igreja. Nesse ambiente, encontram-se dispostos os bancos destinados aos fiéis, organizados em fileiras paralelas ao longo de um corredor central. O salão dispõe de seis janelas laterais, responsáveis por assegurar ventilação e iluminação natural adequadas. Ao término do corredor localiza-se o altar, espaço litúrgico central onde são realizadas as celebrações religiosas.

À direita do altar, situa-se uma área com bancos dispostos lateralmente, destinada a participantes específicos das celebrações. À esquerda, encontra-se o espaço reservado à orquestra, equipado com instrumentos musicais, caixas de som, microfones e bateria eletrônica, utilizados durante as celebrações e demais eventos de caráter religioso.

Já a sacristia configura-se como o espaço reservado ao preparo das celebrações litúrgicas. Nela, o padre realiza a paramentação adequada antes das missas, pois este local é destinado à guarda das vestes litúrgicas, objetos sagrados e demais materiais necessários à celebração. Mais do que sua função prática, esse espaço evidencia a organização ritualística da Igreja, reforçando a importância da preparação simbólica para o exercício da fé, o que também constitui uma dimensão educativa na transmissão de tradições religiosas.

No interior da igreja, identifica-se ainda uma sala de apoio, concebida como ambiente auxiliar. Esse espaço é equipado com bebedouro e mesa de apoio, sendo utilizado como suporte para

atividades pastorais, encontros comunitários e pequenas confraternizações. Esse ambiente revela como a dimensão material da igreja se articula com sua função social, servindo de suporte à convivência comunitária e favorecendo práticas educativas informais que fortalecem os laços de pertencimento.

Figura 3 – Sala de apoio da Igreja de Nossa Senhora do Desterro



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

O quarto de limpeza é o espaço destinado ao armazenamento de materiais de higienização, utensílios de manutenção e artigos de decoração empregados em festas religiosas e celebrações litúrgicas especiais, como o Natal, a Semana Santa e as festividades em honra ao padroeiro. Ainda que seja um espaço secundário, ele evidencia a dimensão organizacional e coletiva do trabalho religioso, na qual a

preparação dos ambientes também se configura como parte do processo educativo, envolvendo a comunidade na preservação e valorização das tradições.

A comunidade religiosa se distingue pelas ações e atividades que promove em benefício dos fiéis e da vida comunitária. Nesse sentido, desenvolve um conjunto de iniciativas que contribuem de maneira significativa para o fortalecimento espiritual, social e humano de seus membros. Entre essas, destacam-se: Terço dos Homens, Adoração ao Santíssimo Sacramento, Crisma, Catequese, Terço das Mães que Oram pelos Filhos, Pastoral da Comunicação, Pastoral do Dízimo e Legião de Maria.

Essas práticas ultrapassam a dimensão estritamente religiosa e configuram-se como processos educativos não formais, uma vez que não estão vinculadas ao sistema de ensino regular, mas desempenham relevante função formadora. Como destaca Tavares (2010), a educação não formal possibilita a construção de vínculos sociais e identitários, reafirmando a importância da comunidade como espaço privilegiado de aprendizagem.

A partir da recepção dos sacramentos, especialmente a Primeira Eucaristia e a Crisma, a comunidade incentiva crianças e adolescentes a permanecerem ativamente inseridos no caminho da fé. Para isso, são direcionados à participação em atividades pastorais e ações que os engajam de forma concreta na vida comunitária. Essas experiências não apenas reforçam o

vínculo com a Igreja, mas também estimulam o desenvolvimento da responsabilidade, do comprometimento e da solidariedade.

Além das pastorais específicas, a comunidade promove momentos de espiritualidade abertos a todos, como a missa dominical e a adoração semanal ao Santíssimo Sacramento. Tais atividades exercem papel formativo relevante, contribuindo para a construção de uma convivência mais fraterna e fundamentada em princípios éticos e cristãos.

Entrevista com a Catequista: perspectiva sobre a prática catequética

Com o intuito de aprofundar a compreensão acerca da catequese como prática educativa não escolar, realizou-se uma entrevista com a catequista Stefanny Dias, integrante da Igreja de Nossa Senhora do Desterro. A utilização desse instrumento metodológico possibilitou captar percepções, desafios e experiências diretamente a partir da prática cotidiana, evidenciando aspectos que complementam a análise realizada ao longo da pesquisa de campo.

A entrevista buscou abordar diferentes dimensões do trabalho catequético, tais como: o tempo de atuação, os conteúdos e valores trabalhados, as dificuldades enfrentadas, o envolvimento da comunidade e a relevância da catequese para a formação integral dos participantes. A escuta da catequista, portanto, contribuiu para revelar como a catequese se configura,

na vivência concreta da comunidade, como um espaço de aprendizagem que ultrapassa os limites do ensino formal, reafirmando sua função social, cultural e espiritual.

Há quanto tempo você atua como catequista aqui na capela?

“Atuo como catequista aqui na capela há cerca de 3 anos. Durante esse tempo, venho acompanhando o crescimento espiritual e humano de muitas crianças e jovens da nossa comunidade, sempre com muito amor e dedicação.”

Quais são os principais temas trabalhados nos encontros de catequese?

“Nos encontros de catequese, procuramos abordar temas fundamentais para a formação cristã. Entre eles, destacam-se o amor de Deus, que é o nosso Pai e nos ama incondicionalmente, a criação do mundo, a importância de vivermos em comunidade e, principalmente, o amor ao próximo, que deve guiar todas as nossas ações no dia a dia.”

Quantas crianças e jovens participam atualmente da catequese?

“Atualmente, estamos em período de recesso. No entanto, encerramos há pouco tempo uma turma composta por 15 alunos. Cada grupo que passa por nós deixa uma marca especial e contribui para a caminhada da fé dentro da nossa comunidade.”

Qual a parte mais importante na preparação para os sacramentos?

“A parte mais essencial na preparação para os sacramentos é que os catequizandos realmente compreendam, vivam e amem a nossa fé. Não basta apenas conhecer os conteúdos, é preciso sentir e praticar, trazendo para a vida os ensinamentos de Jesus.”

Que valores você mais procura transmitir para os catequizandos?

“Procuro sempre enfatizar valores que considero essenciais na vida cristã e humana: o amor ao próximo, a busca pela paz, a solidariedade com quem precisa e a importância do perdão. Acredito que esses princípios ajudam a formar pessoas melhores e mais conscientes do seu papel no mundo.”

Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta como catequista?

“Uma das dificuldades mais frequentes é o déficit de aprendizado que algumas crianças enfrentam. Muitas vezes, elas chegam à catequese sem estarem alfabetizadas, o que torna o processo de ensino mais desafiador. Além disso, ultimamente, temos enfrentado a falta de material didático e recursos, o que dificulta ainda mais o desenvolvimento das atividades.”

Como a catequese ajuda na convivência e união da comunidade?

“A catequese tem um papel muito importante nesse sentido. Ela fortalece os valores cristãos e envolve não apenas as crianças e os jovens, mas também suas famílias. Isso contribui para a criação de laços mais fortes de fé, convivência e união entre todos que participam da vida da capela.”

Qual é a maior alegria de ser catequista para você?

“Sem dúvida, a maior alegria é ver os catequizandos se formando, alcançando seus objetivos e recebendo os sacramentos. Saber que, mesmo com todas as dificuldades, eles persistiram e chegaram lá é algo que enche o coração de orgulho e alegria. Às vezes, fico até emocionada ao ver o quanto cresceram em fé e amadurecimento.”

A partir da análise desenvolvida neste capítulo, observa-se que a catequese realizada na Igreja de Nossa Senhora do Desterro constitui-se como uma prática educativa não escolar de grande relevância para a formação integral dos sujeitos envolvidos. Fundamentada na fé cristã, na vivência comunitária e no fortalecimento de valores humanos, essa experiência transcende os limites do ensino formal ao promover aprendizagens significativas em diferentes dimensões: espiritual, social, cultural e ética.

A pesquisa de campo, especialmente a entrevista realizada com a catequista Stefanny Dias, evidenciou que a catequese não se restringe à preparação para os sacramentos, mas configura-se como uma verdadeira “escola da vida”, na qual se trabalham elementos essenciais para a construção da cidadania e da convivência harmônica. Valores como amor ao próximo, solidariedade, respeito, perdão e compromisso com o bem comum foram destacados como centrais nesse processo formativo.

A atuação dos catequistas, enquanto agentes formadores, mostra-se essencial, sobretudo diante dos desafios enfrentados, como o déficit de aprendizagem das crianças e a escassez de recursos materiais. Ainda assim, o envolvimento, a dedicação e a sensibilidade desses educadores da fé revelam o potencial transformador da catequese quando desenvolvida em um ambiente acolhedor, acessível e comprometido com a formação humana.

Do mesmo modo, a participação familiar e a integração comunitária reforçam o sentimento de pertencimento, a continuidade da vivência cristã e a valorização das tradições religiosas locais. As diversas pastorais e iniciativas promovidas na Igreja de Nossa Senhora do Desterro configuram-se, assim, como práticas de educação não formal, uma vez que transmitem saberes, memórias e valores que contribuem efetivamente para a construção de identidades e vínculos sociais.

Conclui-se, portanto, que a catequese, enquanto prática educativa não escolar, desempenha papel fundamental no desenvolvimento de uma consciência ética, cidadã e espiritual, oferecendo aos participantes não apenas conhecimentos religiosos, mas também formação para a vida em sociedade. Nesse sentido, como afirma Tavares (2010), os espaços de educação não formal configuram-se como territórios de aprendizagens significativas, nos quais se constroem valores e identidades coletivas que fortalecem a vida comunitária.

REFERÊNCIAS

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.
Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 17

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Iranilda de Araújo Andrade

Lara Bernardino da Silva

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 17 – CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Iranilda de Araújo Andrade⁴⁷ // Lara Bernardino da Silva⁴⁸ //

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares⁴⁹

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do componente curricular “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”, que proporcionou reflexões relevantes e contribuições significativas para a formação inicial docente. Por meio dos conteúdos e debates, foram discutidas práticas pedagógicas inclusivas, o que ampliou a compreensão acerca dos diversos contextos de atuação profissional. A proposta da professora Andrezza Tavares, responsável pela disciplina, de explorar ambientes educativos não escolares, mostrou-se especialmente pertinente por ampliar a concepção de educação como processo que transcende os limites da escola formal.

⁴⁷ Graduanda em Licenciatura - português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: iranilda.a@escolar.ifrn.edu.br.

⁴⁸ Mestranda em Educação Profissional - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: lara.bernardino2013@gmail.com.

⁴⁹ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

Nessa perspectiva, o espaço não escolar constitui-se como instância de socialização, produção de saberes e formação de valores, atuando de modo complementar à educação escolarizada. Tal discussão reforça a relevância dessa temática na formação inicial de professores. Como enfatiza Paulo Freire (1979, p. 84), “a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Com base nesse pensamento, a pesquisa analisa a igreja como espaço religioso que, para além da dimensão espiritual, também cumpre função educativa, contribuindo para a formação de sujeitos e para a construção de comportamentos sociais.

A Capela de Nossa Senhora Aparecida, localizada no município de São José de Mipibu-RN, foi escolhida como lócus da pesquisa. Esse espaço desenvolve atividades cristãs direcionadas a diferentes públicos, desde crianças até idosos, por meio de uma programação que integra fé, aprendizagem e convivência comunitária. Como exemplo, em 21 de abril de 2025, a capela promoveu um evento voltado às crianças, que favoreceu a interação e a prática do falar em público em uma dinâmica lúdica. Tais iniciativas contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais desde a infância, ao mesmo tempo em que reforçam valores de convivência e respeito mútuo. Além disso, a capela realiza formações semanais de caráter religioso, voltadas à preparação para a vida comunitária e espiritual.

Figura 1 – A capela de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Acervo da capela (2025).

Figura 2 – As crianças no dia 21 de abril de 2025



Fonte: Acervo da capela (2025).

Além da participação das crianças, os jovens também desempenham papel ativo nas atividades da capela. Além de auxiliarem na organização de eventos, têm a oportunidade de

integrar um grupo de jovens que exerce função significativa tanto na formação da fé quanto no desenvolvimento educativo e comunitário. Assim como ocorre com o público infantil, os jovens participam de formações semanais, e aqueles que desejam renovar o batismo recebem orientações adicionais em encontros específicos de preparação.

O espaço religioso também se volta para a formação de adultos e idosos, oferecendo momentos de espiritualidade que favorecem a integração intergeracional da comunidade. Durante a semana, destacam-se os encontros de oração, como o terço, e, aos finais de semana, a celebração da palavra, que aprofunda o processo de formação cristã. Tais práticas evidenciam que a capela, ao contemplar diferentes faixas etárias, consolida-se como espaço educativo não formal, no qual fé, convivência e valores sociais são transmitidos e reforçados coletivamente.

Figura 3 – Grupo de jovens



Fonte: Acervo da capela (2025).

Figura 4 – Celebração da palavra



Fonte: Acervo da capela (2025).

Além disso, durante a quaresma, é celebrada a Campanha da Fraternidade (CF), na qual todos os anos traz reflexões sobre alguma área, isto é, de assuntos relevantes da atualidade que têm impactado a sociedade atual. Este ano, por exemplo, o tema foi: “Fraternidade e ecologia integral”, levando a população e os próprios fiéis a refletirem e compartilharem essa conscientização sobre o ecossistema, “a nossa casa comum” (segundo a CF 2025). Afinal, se não cuidarmos e não desenvolvermos essa consciência, a natureza perece; porém, isso não afeta apenas ela, mas todos que dela dependem e nela habitam.

Para entender melhor a percepção da comunidade sobre essa temática, realizamos uma entrevista com Iraneide Andrade, a qual faz parte da comunidade cristã e compartilhou sua visão sobre a importância da CF para a educação ambiental e a formação da consciência social. Ao final da entrevista, Iraneide

destacou que *“falarmos sobre esse tema foi muito bom, pois trouxe-nos reflexões e consciência do que estamos fazendo de forma positiva ou negativa com a nossa casa comum, isto é, a natureza.”* Na sequência, apresentamos seis perguntas feitas à entrevistada, acompanhadas de suas respectivas respostas.

1 - Você, como cristã, se sente acolhida ou gosta da formação que recebe?

“Sim, com toda certeza sou muito acolhida e também me sinto muito bem, sinto também que todo o carinho que recebo e atenção é muito fundamental para que a minha formação seja mais clara e objetiva para desenvolver uma maior fé.”

2 - Como a capela contribui para a sua vida em sociedade?

“Contribuir como base, para um auxílio de formação e também para desenvolvimento em comunidade, fazendo-me uma pessoa mais feliz e com uma maior compreensão com o outro estado de união com o próximo.”

3 - O que você acha da formação educativa da capela?

“Gosto muito, percebo que é muito importante e de extrema educação não só de fé, mas de formar cidadãos diferentes e de maneira leal e compreensiva. Fazendo que todos se respeitem de forma mútua e de união.”

4 - Em relação aos eventos. O que você tem achado? É uma boa forma educativa?

“Sim, é muito bom, tem sido exemplo de transformação e além de ajudar muito as pessoas a se libertarem de diversos problemas,

além de dar um conhecimento melhor e também mais motivação adversas.”

5 - Você tem notado uma preocupação por parte dos formadores para a inclusão das pessoas com necessidades especiais?

“Não tem essa preocupação, acredito que seja por falta de atenção ou não dá uma maior importância, tendo em vista que não tem pessoas que precisam desse auxílio até o momento frequentando. Mas está faltando esse cuidado.”

6 - Você considera a formação de temas diferenciados por ano importante para uma sociedade melhor? Como a CF, por exemplo.

“Sim, acho que é muito fundamental rever várias coisas que também influenciam no nosso meio, seja em nossas casas ou na rua, são uma maneira de capacitar o conhecimento para saber lidar com manuseios das situações.”

Com o intuito de aprofundar a compreensão acerca da vivência comunitária na capela, realizou-se uma entrevista com Pedro José da Silva, membro do conselho. Suas respostas trouxeram reflexões significativas sobre o papel da capela na formação religiosa e social dos fiéis, bem como sobre os desafios e perspectivas relacionados às práticas educativas desenvolvidas nesse espaço.

1 - A capela oferece formação ou atividades para todas as pessoas? Se sim, quais?

“Sim, a capela oferece diversas formações todos os anos. E isso inclui atividades para todas as pessoas. Para as crianças, eventos e 1 formação na semana. Para os jovens a capela conta com uma programação muito importante, pois existe um grupo destinado a eles e uma formação toda a semana. Há para o público de adultos e idosos eles têm uma formação da palavra bem como direcionamento para viverem uma vida de respeito ao próximo, fazer a vontade de Deus e saberem evangelizar.”

2 - Como a formação cristã contribui para a educação dos fiéis?

“Contribui para um ser humano melhor, pois à medida que recebem e abraçam a fé eles têm por consciência fazer o bem, respeitar o próximo, ajudá-los.”

3 - As formações têm uma certa preocupação com pessoas especiais? Isto é, são adaptadas a elas?

“No momento como não tem nenhum cristão que frequenta a capela com necessidades especiais nós não nos adaptamos a essa linguagem, mas se eventualmente tiver faremos isso sim. Pois não tínhamos pensado nisso. Obrigado pela dica”

As entrevistas realizadas com Iraneide Andrade e Pedro José da Silva evidenciam a importância atribuída pela comunidade às práticas religiosas da capela, tanto na promoção da consciência social e ambiental quanto no fortalecimento da convivência e da fé. Esses depoimentos reforçam a compreensão de que a capela ultrapassa o papel de espaço de celebração de

missas, constituindo-se também como lugar de formação humana, cultural e espiritual.

Nesse sentido, a cada ano, no dia 12 de outubro (data em que se celebram o Dia das Crianças e o Dia de Nossa Senhora Aparecida), a comunidade promove uma festividade marcada pela união, pela partilha da fé e por momentos de aprendizagem e reflexão. Nesse contexto, todos os presentes têm acesso à formação da palavra, fortalecendo os vínculos entre espiritualidade, educação e vida comunitária, o que sintetiza o caráter educativo não formal deste espaço.

Conforme ressalta Tavares (2010, p. 19), “o tempo de hoje clama para que educar e socializar deixem de ser interesses secundários na agenda das instituições sociais educativas, passando a ser prioridade tanto quanto a ênfase na instrução intelectual.” Diante disso, observa-se que a Igreja desempenha papel essencial na vida de seus membros, sobretudo ao promover a convivência social e a formação de valores éticos e morais. Trata-se de um espaço de acolhida, em que os indivíduos têm a oportunidade de interagir, desenvolver habilidades de comunicação interpessoal, aprender a lidar com o convívio coletivo e fortalecer laços de solidariedade.

A vivência comunitária no espaço religioso também contribui para a formação de hábitos orientados ao bem comum, funcionando, em muitos casos, como fator de proteção social, ao afastar crianças, jovens e adultos de práticas nocivas, como o uso de drogas e outras situações de vulnerabilidade. Desse modo, a

Igreja oferece múltiplas contribuições à comunidade, atuando como agente complementar à escola no processo de educação social. Embora alcance prioritariamente aqueles que frequentam o espaço religioso, sua influência é significativa e merece ser reconhecida no contexto mais amplo da formação cidadã.

Nessa perspectiva, Tavares (2010, p. 20) afirma que:

Na presente sociedade pedagógica em que se verifica a intensificação da cultura pela busca constante do conhecimento, a escola, enquanto espaço diplomante, não é suficiente para responder a demanda social de formação. Assim, as demais instituições sócio-culturais assumem, cada vez mais, funções educativas.

Dessa forma, torna-se evidente que os espaços educativos não escolares exercem um papel relevante na formação dos indivíduos, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de competências para a vida em sociedade e à construção de valores éticos e sociais. Neste sentido, (Tavares, 2010, p. 30) ainda enfatiza que:

é importante deixarmos claro que no nosso entendimento a educação não deve ser a única responsável pelo combate à exclusão social, pois, não é ela quem a produz, porém, pode contribuir para atenuar os condicionantes sociais excludentes. A educação pode contribuir para apontar e criticar a exclusão social,

inclusive, criando caminhos de organização dos Movimentos Sociais.

Dessa forma, observa-se que, embora os templos religiosos contribuam para a formação ética e social dos indivíduos, não lhes cabe, isoladamente, a responsabilidade de transformar ou reverter contextos de exclusão e vulnerabilidade, como o envolvimento com vícios. Sua atuação deve ser compreendida como parte de um conjunto mais amplo de agentes sociais que, em articulação, podem promover ações integradas voltadas à inclusão e ao fortalecimento da cidadania.

Nesse sentido, compreende-se que a educação ocorre de forma compartilhada e contínua, sendo um processo no qual todos educam e são educados. Podemos trazer como exemplo a educação de Paulo Freire, que se deu por seus pais em sua própria casa como descreve (Santos, 2023, p. 3):

Paulo Reglus Neves Freire, foi um educador que lutou por uma educação que incluísse a todos. Nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, no bairro da Casa Amarela, filho de um oficial da Polícia Militar de Pernambuco, Joaquim Temístocles Freire e da dona de casa e bordadeira Edeltrudes Neves Freire, também chamada de Tudinha, era o quarto filho do casal, foi alfabetizado em sua casa com a ajuda de seus pais, desenhando letra e palavras no chão de terra.

Esse exemplo ilustra como a educação não escolar está presente desde os primeiros momentos da vida e exerce papel essencial no processo formativo dos sujeitos. De modo semelhante, Brandão (1982, p. 1) reforça a ideia de que a educação transcende os limites da escola:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprendere-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (Brandão, 1982, p. 1)

Assim, compreende-se que a educação se insere no cotidiano e contribui de maneira significativa para a formação de valores, comportamentos e formas de convivência social. Ela ocorre de forma contínua, seja nas relações familiares, nos grupos comunitários, nos espaços religiosos ou em outros contextos coletivos, configurando-se como prática formativa que atravessa diferentes dimensões da vida. Nesse processo, os indivíduos aprendem não apenas conteúdos ou normas de conduta, mas constroem identidades, consolidam vínculos sociais e desenvolvem a capacidade de agir de forma crítica e responsável em sociedade.

Conclui-se que a Capela de Nossa Senhora Aparecida, enquanto espaço educativo não escolar, desempenha papel

relevante na formação ética, social e espiritual das pessoas que a frequentam. Ao promover atividades formativas voltadas a diferentes faixas etárias, amplia o alcance da educação para além do ambiente escolar, favorecendo o desenvolvimento de valores como solidariedade, respeito, convivência e responsabilidade social.

A elaboração deste capítulo configurou-se como oportunidade de aprofundamento teórico e vivencial, possibilitando compreender que a educação está presente em múltiplos espaços e práticas sociais. Nesse percurso, ampliamos não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a percepção acerca do papel formativo de contextos diversos, que contribuem para a construção de sujeitos capazes de viver e interagir de forma ética, respeitosa e consciente em sociedade.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/54499/1/branda-o-oqueeducacao-capitulos.pdf>.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTOS, L. **Educação e mudança em Paulo Freire**. Orientador: Prof. Dr. Jorge Garcia Basso. 2023 (graduação em pedagogia) - UNILAB.
https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5069/1/2023_arti_lucineasantos.pdf.

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 18

PARQUE DAS FONTES PAULO EMÍDIO DE MEDEIROS COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Janine Kainara Massena de Brito

Poliana Raquel dos Santos Silva

Samuel de Souza Silva

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 18 – PARQUE DAS FONTES PAULO EMÍDIO DE MEDEIROS COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

**Janine Kainara Massena de Brito⁵⁰ // Poliana Raquel dos
Santos Silva⁵¹ // Samuel de Souza Silva⁵² // Andrezza Maria
Batista do Nascimento Tavares⁵³**

Este capítulo foi elaborado por estudantes dos cursos de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), como parte das atividades do componente curricular “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente III”, sob a orientação da professora Andrezza Tavares. O objetivo da pesquisa é analisar o Parque das Fontes Paulo Emídio de Medeiros como um espaço educativo não escolar.

O referido parque está localizado no centro do município de São Gonçalo do Amarante (RN) e constitui-se como ambiente voltado ao lazer e à convivência comunitária, oferecendo aos

⁵⁰ Graduanda em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte E-mail: janinekainara95@gmail.com.

⁵¹ Graduanda em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte E-mail: Polianaraquela21s@gmail.com.

⁵² Graduando em licenciatura em português e espanhol – Instituto Federal do Rio Grande do Norte E-mail: samuel06062005@gmail.com.

⁵³ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

moradores locais oportunidades de socialização, interação e aprendizagem em contextos informais. Conforme Tavares (2010), espaços como esse, ainda que não façam parte da escola formal, assumem função educativa relevante por promoverem aprendizagens significativas e fortalecerem vínculos comunitários.

Figura 1 – Portal da cidade SGA



Fonte: Samuel de Souza Silva (2025).

Inaugurada em 2024 pelo então prefeito Eraldo Daniel de Paiva, a praça constitui-se não apenas como um espaço de lazer, mas também como homenagem ao ex-prefeito Paulo Emídio de Medeiros, falecido em 2022 em decorrência de um linfoma não Hodgkin (LNH). Frequentada tanto por moradores locais quanto por turistas, a praça também se consolidou como palco de atrações culturais e de eventos organizados pela própria comunidade.

Com área total de 9.511 m², o espaço reúne diferentes estruturas voltadas ao lazer e à prática esportiva, entre as quais se destacam ciclovias, quadras de esportes e fontes ornamentais ativadas ao anoitecer. Além disso, dispõe de áreas destinadas à prática do skate e de quadras poliesportivas adaptáveis para futebol, basquete e vôlei, atendendo a múltiplos interesses da população.

Figura 2 – Pista de skate

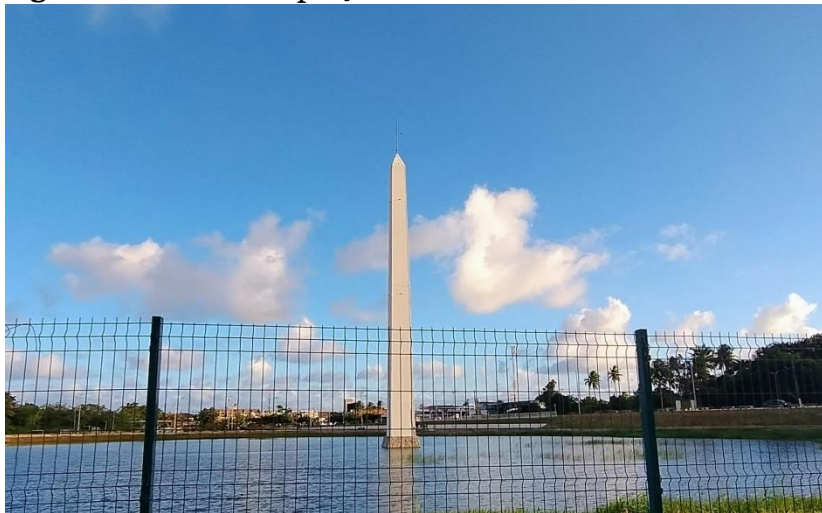


Fonte: Samuel de Souza Silva (2025).

Na ocasião da inauguração da praça, o prefeito concedeu diversas entrevistas, nas quais destacou que o espaço representava a realização de um sonho para o município e para o estado. Em seu pronunciamento, enfatizou a relevância do parque para a comunidade, afirmando: *“O Parque das Fontes não apenas proporcionará momentos de lazer e entretenimento, mas também contribuirá para a qualidade de vida de nossos cidadãos. Estamos honrando a memória do ex-prefeito Paulo Emídio de*

Medeiros, cujo legado perdurará através deste espaço dedicado à comunidade.”

Figura 3 – Obelisco da praça



Fonte: Samuel de Souza Silva (2025).

Entre os elementos que compõem a praça, destaca-se o obelisco, apresentado na Imagem 03, monumento erguido com a finalidade de simbolizar e homenagear figuras públicas que desempenharam papéis relevantes na vida social e política do município. Sua presença, neste caso, constitui-se como tributo ao ex-prefeito Paulo Emídio de Medeiros, reafirmando a praça não apenas como espaço de lazer, mas também como lugar de memória coletiva e valorização da história local.

Figura 4 – Lago artificial da praça



Fonte: Samuel de Souza Silva (2025).

Um dos elementos de destaque da praça é o lago artificial (Imagem 04), que contribui para a valorização estética do espaço e para a criação de um ambiente agradável de convivência. No local, são promovidos jogos e dinâmicas ao longo do dia que, quando analisados em sua dimensão formativa, revelam um potencial educativo significativo. Dessa forma, a praça tem se consolidado como um ambiente de integração comunitária, no qual lazer, recreação e aprendizagem se articulam, beneficiando diretamente a população.

Figura 5 – Quadra esportiva



Fonte: Samuel de Souza Silva (2025).

Conforme já mencionado, o espaço não é frequentado apenas por adolescentes e adultos, mas também pelas crianças. Estas utilizam intensamente o parquinho infantil, planejado especialmente para esse público, o que favorece a percepção de pertencimento e o reconhecimento de que a praça é um ambiente acessível a todas as idades.

Durante a visita ao local, foram realizadas entrevistas com adolescentes praticantes de voleibol, que utilizam a praça para treinos regulares. O objetivo foi compreender como esses jovens percebem o espaço em sua dimensão educativa e formativa. A seguir apresentamos a transcrição das entrevistas.

1 - Você consegue enxergar a praça como um espaço de aprendizado?

Entrevistado 1: “Sim, pois lá é um local aonde pode se praticar diversos exercícios físicos.”

Entrevistado 2: “Sim, é um local de socialização e de lazer onde as pessoas fazem brincadeiras. Jogam nas quadras, formam

amizades. Conversam sobre assuntos do dia a dia, correm para desestressar ou para manter o físico.”

Entrevistado 3: “Sim, aprendemos muitas coisas lá que não são ensinadas em sala de aula. Por exemplo, andar de skate. As pessoas de lá são acolhedoras e dispostas a ensinar. Há aulas de vôlei gratuitas com o professor Miguel, além de basquete, em que os meninos também ensinam, e futsal. Lá, existem diversos tipos de ensinamentos práticos.”

Entrevistado 4: “Sim, a praça tem espaço para praticar esportes, e também área de lazer pra passar tempo sozinho ou com amigos.”

Entrevistado 5: “Sim, se tiver pessoas dispostas a aprender sobre os esportes que são praticados na praça, com certeza.”

2 - Você enxerga o vôlei como uma forma de educação (aprendizagens)? Por que?

Entrevistado 1: “Sim, porque faz bem ao corpo por ‘tá’ praticando um esporte, e além disso, pode fortalecer a saúde do praticante.”

Entrevistado 2: “Sim, no vôlei cada erro serve de exemplo para haver uma melhora, tanto pessoal quanto na técnica utilizada no jogo. Porque tudo que ocorre no jogo pode ser usado como exemplo na vida pessoal, aprender as diferenças de cada um, superar seus limites, manter um objetivo que é ganhar, também mesmo perdendo serve de aprendizado para na próxima partida vencer e não errar.”

Entrevistado 3: “Enxergo, sim, pois trabalha o movimento, o equilíbrio, o tempo de reação e várias outras habilidades que são

muito utilizadas no dia a dia, dependendo do seu emprego. É, basicamente, uma disciplina que ensina você a ter equilíbrio, entre outras coisas.”

Entrevistado 4: *“Sim, com certeza. O vôlei exige que você trabalhe em equipe, e isso é muito importante para aprendizagem.”*

Entrevistado 5: *“Sim, o vôlei não é apenas um esporte, o vôlei ensina a ter comunicação e trabalho em equipe, qualificação necessárias para qualquer trabalho e convivência.”*

3 - O que você acha que uma pessoa pode aprender nesse ambiente?

Entrevistado 1: *“Uma pessoa pode aprender a jogar vários esportes como: futsal, vôlei, basquete, dança, queimada.”*

Entrevistado 2: *“Múltiplas coisas, tais como: Andar de bicicleta, correr, fazer aulas de artes marciais, praticar esportes nas quadras e socializar mais.”*

Entrevistado 3: *“Diversas coisas como: esportes, equilíbrio, auto controle, concentração, a trabalhar em equipe, aprender a ter mais agilidade, força entre inúmeras outras opções”*

Entrevistado 4: *“Pode aprender a socializar com as pessoas e também aprender alguns esportes que tem por lá. Exemplos: vôlei, basquete, Skate, Futvôlei e etc.”*

Entrevistado 5: *“Comunicação é o que mais pode ser aprendido, o trabalho em equipe e aprender a conviver com as pessoas de forma respeitosa.”*

A análise do Parque das Fontes Paulo Emídio de Medeiros evidencia que o espaço, para além de seu caráter recreativo,

configura-se como um importante ambiente de socialização, convivência e aprendizagem. Sua estrutura física (composta por quadras esportivas, ciclovias, parquinho infantil, lago artificial e áreas de lazer) favorece práticas diversificadas que se estendem do exercício físico à formação de vínculos sociais e comunitários.

As entrevistas realizadas com adolescentes praticantes de voleibol reforçam essa dimensão educativa, ao revelarem que a praça é percebida como espaço de múltiplos aprendizados, que não se limitam às práticas esportivas. As falas destacam aspectos como o fortalecimento da saúde, a disciplina, o desenvolvimento do equilíbrio e da concentração, além da promoção do trabalho em equipe, da comunicação e da convivência respeitosa. Tais elementos apontam para uma educação integral que abrange dimensões físicas, cognitivas, sociais e éticas, o que dialoga com Tavares (2010), ao destacar que a educação ocorre também em ambientes não escolares, nos quais a interação social e as práticas coletivas contribuem para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Nesse sentido, o parque consolida-se como exemplo de espaço educativo não escolar, no qual lazer e aprendizagem se articulam na formação dos sujeitos. Mais do que um ponto de encontro, trata-se de um ambiente que contribui para a construção de valores, para o fortalecimento da cidadania e para a formação de indivíduos capazes de interagir de maneira crítica, colaborativa e consciente em sociedade. Tal constatação confirma a perspectiva de Tavares (2010), segundo a qual a

educação não formal deve ser reconhecida como parte de um processo mais amplo de formação humana, social e cultural.

REFERÊNCIAS

Prefeitura municipal de são Gonçalo do Amarante. Praça: parque das fontes Paulo Emídio de Medeiros. 2025.

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.

Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 19

A MÚSICA COMO PRÁTICA EDUCATIVA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES NO RIO GRANDE DO NORTE

Jorge Melo Pessoa

Leonardo Santos Tomé

Maria Clara Diniz do Nascimento

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 19 – A MÚSICA COMO PRÁTICA EDUCATIVA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES NO RIO GRANDE DO NORTE

**Jorge Melo Pessoa⁵⁴ // Leonardo Santos Tomé⁵⁵ // Maria Clara
Diniz do Nascimento⁵⁶ // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares⁵⁷**

Este capítulo, resultado da colaboração de acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), integra-se ao escopo da disciplina “Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I”, sob a supervisão da Professora Dr^a. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. A investigação parte da premissa inquestionável de que a educação transcende as fronteiras físicas da instituição escolar, configurando-se como um processo formativo intrinsecamente contínuo, dinâmico e multifacetado.

⁵⁴ Graduando em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: Juniorpessoa153060@gmail.com

⁵⁵ Graduando em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: leonardosantostome@yahoo.com.br

⁵⁶ Graduanda em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: dinizclara15@gmail.com

⁵⁷ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

Nesse panorama, a aprendizagem manifesta-se em uma vasta gama de contextos, incluindo, de forma proeminente, os ambientes não escolares. Estes englobam centros culturais, comunidades, projetos sociais e as diversas expressões artísticas que, ao promoverem o desenvolvimento humano através da experiência prática, da convivência social e do contato direto com distintas manifestações culturais, cumprem objetivos educativos essenciais. Tal perspectiva reforça a concepção de que a formação integral do indivíduo é um constructo complexo, edificado em sua constante e intrínseca interação com o meio social e cultural, e não apenas em espaços formalmente designados para o ensino.

Nessa perspectiva, propõe-se neste capítulo uma análise aprofundada da música como uma ferramenta pedagógica de notável potência em espaços não formais, utilizando como estudo de caso a rica experiência de professores que atuam em bandas de música no interior do Rio Grande do Norte. O objetivo central é perscrutar como a prática musical, desenvolvida em contextos comunitários, contribui de maneira significativa para a formação ética, social e cultural dos indivíduos, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade local e o sentimento de pertencimento.

A música, enquanto linguagem universal e expressão artística por excelência, detém uma capacidade ímpar de educar, sensibilizar e transformar realidades. Ela se revela um recurso pedagógico de valor inestimável para enriquecer o processo formativo para além do ambiente docente formal, fomentando

simultaneamente a disciplina, o trabalho em equipe, a sensibilidade estética, o desenvolvimento de habilidades cognitivas (como a memória, a coordenação e o raciocínio lógico) e sociais (como a empatia e a colaboração) que são cruciais para a cidadania plena.

De admirável forma, toda essa vasta gama de recursos para a formação humana por meio da música foi constatada na prática pedagógica dos professores Bruno César Borges da Penha e Márcio Dantas de Medeiros no Projeto Banda Escola da Cidade de Taipu/RN e na Banda Filarmônica Onze de Dezembro de Carnaúba dos Dantas/RN respectivamente.

Projeto Banda Escola de Taipu/RN

O Projeto Banda Escola de Taipu/RN é uma excelente referência de como as práticas pedagógicas funcionam atualmente no contexto do ensino no universo das bandas de música do Rio Grande do Norte. É um projeto recente ao considerarmos a tradição das bandas no estado. Teve início na cidade de Taipu, no ano de 2010, como uma iniciativa voltada à formação musical de crianças e adolescentes, especialmente da zona rural.

Esse projeto é desenvolvido com o apoio da prefeitura municipal de Taipu/RN e coordenado pelo maestro Bruno César Borges da Penha, que conta com o auxílio de outros três professores de música. Cada um deles é responsável por um

grupo instrumental conforme sua especialidade: percussão, madeiras¹ e metais². Em sua essência, esse projeto foi concebido para aliar educação artística ao desenvolvimento social e humano.

A primeira turma do Projeto Banda Escola contou com aproximadamente 150 alunos, que iniciaram seus estudos com o instrumento flauta doce. A partir desse núcleo inicial, estruturou-se a primeira orquestra de flauta doce da região³, cujas apresentações públicas passaram a representar não apenas os resultados técnicos do aprendizado, mas também a função sociocultural do projeto junto à comunidade. Nos três primeiros anos, o projeto atendeu exclusivamente estudantes da zona rural de Taipu/RN, com a exigência de matrícula na escola regular, uma vez que o desempenho escolar dos alunos integrantes do projeto é acompanhado como parte da metodologia pedagógica adotada no Projeto Banda Escola.

Com o tempo, a repercussão positiva do Projeto resultou em sua ampliação para outras localidades do município. As apresentações em eventos e festividades passaram a fazer parte do calendário da cidade, reforçando a visibilidade da iniciativa. Além da formação musical, o projeto contribuiu significativamente para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, superação da timidez, fortalecimento da autoestima e melhoria do rendimento escolar dos participantes. Em síntese, o Projeto Banda Escola consolidou-se como uma

proposta educativa eficaz, utilizando a música como ferramenta de inclusão e transformação social.

Por causa da eficácia dessa proposta educativa, que se manifesta em múltiplas dimensões, o Projeto Banda Escola de Taipu/RN transcende a mera instrução musical para se configurar como um verdadeiro agente de transformação social. A análise dos fatos revela que a musicalização, quando inserida em um contexto de acolhimento e inclusão, como o oferecido pelo projeto, torna-se um poderoso catalisador para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes em comunidades carentes.

Primeiramente, a promoção da autoconfiança e autoestima é um benefício claro. Ao aprender um instrumento e participar de apresentações, os alunos experimentam um senso de realização e pertencimento que impacta diretamente sua percepção sobre si, sobre o outro e sobre o lugar. É nítido que criar um ambiente propício para que todas as crianças se sintam acolhidas é o primeiro passo para a realização de um projeto de musicalização significativo. Esse acolhimento é fundamental para que superem a timidez e desenvolvam uma postura mais proativa em suas vidas.

Em segundo lugar, a melhoria do desempenho escolar é um resultado notável. A exigência de matrícula em escola regular e o acompanhamento do rendimento acadêmico demonstram a integração da educação musical com a educação formal. A disciplina, o foco e a capacidade de concentração desenvolvidos

na prática musical reverberam positivamente nas atividades escolares, contribuindo para um aprendizado mais eficaz em diversas áreas do conhecimento.

Adicionalmente, o projeto fomenta o desenvolvimento de habilidades sociais e comportamentais. A participação em um grupo musical exige trabalho em equipe, respeito às diferenças, escuta ativa e responsabilidade compartilhada. Essas interações promovem a integração entre os participantes, aprimoram a comunicação e constroem um senso de comunidade, elementos cruciais para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

A inclusão de alunos com deficiência, pela adaptação do ensino e pela promoção da aceitação, reforça o compromisso do projeto com a diversidade e a equidade, como exemplificado pelas experiências com alunos cadeirantes, com síndrome de Down e autismo, conforme detalhado no artigo de Bruno César intitulado “Desafios e Possibilidades para a Iniciação Musical com Flauta Doce em Diversas Comunidades Carentes no Projeto Banda Escola em Taipu – RN”.

Figura 1 – QR code com o vídeo da aluna vitória



Fonte: Bruno César Borges da Penha (2025).

DADOS DO VÍDEO: Professor Bruno César Borges da Penha (violão) Aluna Maria Vitória do Nascimento Januário, in memoriam (flauta doce). Iniciação musical. Data do registro 21/08/2019. COMUNIDADE Arisco dos Barbosa/TaipuRN. O registro é do próprio professor. Ele possui autorização da família de Vitória.

Por fim, a ampliação do cenário de conhecimentos musicais e culturais é evidente. Ao expor os alunos a diferentes instrumentos, ritmos e repertórios, o projeto não só os inicia na linguagem musical, mas também os conecta com a rica tradição das bandas de música e com a cultura local. As apresentações públicas, além de serem momentos de celebração, servem como um importante veículo para a difusão cultural e para o

fortalecimento da identidade da comunidade de Taipu. A música, nesse contexto, não é apenas um fim em si mesma, mas um meio para a formação integral do indivíduo, preparando-o para os desafios da vida em sociedade.

A seguir, apresentamos a transcrição da entrevista realizada com o professor Bruno César Borges da Penha, maestro do Projeto Banda Escola de Taipu/RN:

1 - Qual a importância do Projeto Banda Escola para a cidade de Taipu? *“O Projeto Banda Escola em Taipu é fundamental para a cidade, pois promove a iniciação musical de crianças e adolescentes, fortalecendo a cultura local e oferecendo oportunidades de aprendizado e desenvolvimento integral. Além disso, o projeto contribui para a valorização dos talentos locais e para a formação de músicos que podem integrar a Banda Musical do município.”*

2 - Quais as práticas educacionais possíveis no ambiente do Projeto Banda Escola? *“No ambiente de um Projeto Banda Escola, as práticas educacionais podem envolver a aprendizagem de instrumentos musicais, a prática da leitura musical, a teoria musical, a percepção auditiva, a técnica vocal, a interpretação de peças musicais, a formação de grupos musicais e a apresentação de concertos. Além disso, a banda pode ser utilizada como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades sociais, como trabalho em equipe, disciplina, respeito mútuo e responsabilidade.”*

3 - Durante a sua formação para a docência, você compreendia que os espaços não escolares também integram o ambiente educacional e contribuem para a formação humana e

docente, qual era a sua percepção sobre isso? *“Sim, durante a formação para a docência, era compreendido que espaços não escolares como museus, centros culturais, ONGs e até mesmo a própria comunidade, são importantes ambientes educacionais que contribuem significativamente para a formação humana e docente. Esses espaços oferecem oportunidades únicas de aprendizado e desenvolvimento, enriquecendo a experiência educacional para além da sala de aula.”*

4 - Na sua percepção, qual a potência pedagógica do Projeto Banda Escola? *“O Projeto Banda Escola possui uma grande potência pedagógica, atuando como um catalisador de desenvolvimento integral para os alunos. A participação em uma banda escolar promove o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e motor, além de fortalecer habilidades como trabalho em equipe, disciplina e responsabilidade. A música, nesse contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para a aprendizagem e a socialização, enriquecendo a experiência educacional de forma lúdica e significativa.”*

5 - Quais são os maiores desafios enfrentados na sua prática pedagógica no Projeto Banda Escola? *“Na prática pedagógica do Projeto Banda Escola, um dos maiores desafios é equilibrar a educação musical com as necessidades e expectativas dos alunos, especialmente em relação ao desempenho acadêmico e ao desenvolvimento de outras habilidades. Além disso, a gestão do tempo, a criação de um ambiente acolhedor e a adaptação das*

atividades para diferentes níveis de habilidade musical são desafios constantes.”

6 - O que há de mais gratificante no trabalho realizado no Projeto Banda Escola? *“O projeto Banda Escola proporciona uma transformação positiva na vida dos alunos, tanto no âmbito musical quanto no pessoal e social. Ver essa transformação em cada aluno é o que torna o trabalho realizado no projeto tão gratificante.”*

Figura 2 – Turma de flauta doce (sede do município) Taipu/RN. Maestro Bruno Borges com um grupo de alunos



Fonte: Bruno César Borges da Penha (2025).

Banda Filarmônica Onze de Dezembro de Carnaúba dos Dantas - RN

O Projeto Bandas da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) registra um total de cento e duas Bandas de Música no estado do Rio Grande do Norte, distribuídas em oitenta dos seus cento e sessenta e sete municípios. Na rica tradição potiguar, esses grupos musicais são designados como bandas filarmônicas, filarmônicas ou, simplesmente, bandas. Sua formação mínima compreende dezoito músicos e um maestro, sem um limite máximo de componentes, o que permite uma flexibilidade e poder de inclusão notáveis.

A composição instrumental tradicional das filarmônicas caracteriza-se pela harmonização da sonoridade dos instrumentos de sopro (flautas e flautim; requinta e clarinetes; saxofones alto e tenor; trompetes; trompas; saxhorns; trombones; bombardino e barímetro; tubas e/ou sousafones) e percussão (bombo, pratos, surdo, caixa de guerra). As apresentações musicais em formato de concerto, com os músicos sentados, são denominadas retretas, nas quais é admitido o uso de bateria e instrumentos acessórios de percussão, como triângulo e zabumba, conforme a necessidade do repertório.

Já nas apresentações itinerantes, como os desfiles, as bandas filarmônicas desempenham um papel crucial nos momentos mais festivos, solenes e significativos da vida comunitária: o de evocar emoções e afetos, característica

intrínseca das expressões mais sublimes da arte. Nesse sentido, a maestria poética e a sensibilidade de Chico Buarque de Holanda capturam e comunicam melhor esse admirável propósito das bandas de música em sua emblemática canção "A BANDA":

"Estava à toa na vida

*O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

A minha gente sofrida

*Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

*O homem sério que contava
dinheiro parou*

*O faroleiro que contava
vantagem parou*

*A namorada que contava as
estrelas*

*Parou para ver, ouvir e dar
passagem*

*A moça triste que vivia calada
sorriu*

*A rosa triste que vivia fechada
se abriu*

*E a meninada toda se
assanhou*

*Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

*O velho fraco se esqueceu do
cansaço e pensou*

*Que ainda era moço pra sair
no terraço e dançou*

*A moça feia debruçou na
janela*

*Pensando que a banda tocava
pra ela*

*A marcha alegre se espalhou
na avenida e insistiu*

*A Lua cheia que vivia
escondida surgiu*

*Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar
cantando coisas de amor*

Mas para meu desencanto

*O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou*

E cada qual no seu canto

Em cada canto uma dor

*Depois da banda passar
Cantando coisas de amor."*

A canção de Chico Buarque de Holanda, "A Banda", ilustra de forma poética e contundente o profundo impacto social e

emocional que esses grupos musicais exercem sobre a comunidade. A passagem da banda é capaz de romper a monotonia da rotina, aliviar o sofrimento, despertar a alegria e promover um senso de união e pertencimento, transformando a paisagem urbana e a disposição das pessoas.

Essa notável capacidade de mobilização e de evocação de sentimentos demonstra o poder intrínseco da música como um catalisador de experiências coletivas e individuais, reforçando seu papel como um agente educativo informal, porém profundamente eficaz na construção de laços sociais, na transmissão de valores culturais e no desenvolvimento da percepção crítica do ambiente.

A relevância social das bandas de música é igualmente abordada na obra "HISTÓRIA SOCIAL DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA", na qual José Ramos Tinhorão destaca a importância desses grupos musicais no cotidiano da vida social e cultural das cidades brasileiras. Segundo o autor, as bandas foram responsáveis por moldar a música popular brasileira, democratizando o acesso à música instrumental para diversas camadas sociais da população.

Em consonância com essas constatações, o célebre maestro e compositor Heitor Villa-Lobos corrobora a reputação dessas instituições na garantia do acesso e difusão do ensino de música ao afirmar que "O Conservatório Brasileiro de Música são as bandas do interior" (revista Continente, 2011). Essas perspectivas teóricas convergem para reforçar a tese de que as bandas de

música não são meros agrupamentos artísticos, mas verdadeiras escolas de vida, onde a formação musical se entrelaça intrinsecamente com o desenvolvimento humano e social, conferindo-lhes um status de espaços pedagógicos legítimos e influentes. Na mesma direção, Tinhorão (1998, p. 182) ressalta que:

Na verdade, uma das poucas oportunidades que a maioria da população das principais cidades brasileiras tinha de ouvir qualquer espécie de música instrumental, nessa segunda metade do século XIX, era de fato a música domingueira dos coretos das praças ou jardins, proporcionada pelas bandas.

As perspectivas de Villa-Lobos e Tinhorão evidenciam que as bandas de música não devem ser compreendidas como simples agrupamentos artísticos, mas como espaços pedagógicos legítimos, nos quais a formação musical se articula ao desenvolvimento humano e social. Nessa mesma lógica, verificou-se no presente estudo que prática do ensino de música dos professores e mestres de banda Bruno César Borges da Penha e Márcio Dantas de Medeiros estão em consonância com essas multifacetadas funções sociais que Tinhorão e Villa-Lobos atribuem às bandas de música. Além do ofício de músico e maestro, recebido e ressignificado na vivência e tradição das filarmônicas, esses profissionais possuem, respectivamente,

formação docente nos cursos de magistério e pedagogia, o que reforça o caráter educativo de sua atuação.

Em contextos distintos, eles compartilham os desafios, rotinas e experiências comuns tanto àqueles que assumem a responsabilidade do "quadro e giz" quanto aos que sustentam o "peso" da batuta, evidenciando a transversalidade da educação e a intrínseca riqueza da atuação pedagógica em ambientes que se estendem para além dos muros escolares. Diante disso, este trabalho se propõe a explorar e analisar em profundidade como um segundo caso, a experiência pedagógica em espaço não escolar do professor Márcio Dantas de Medeiros, na Filarmônica Onze de Dezembro.

A Filarmônica Onze de Dezembro, carinhosamente conhecida como "Banda de Carnaúba", conquista a admiração por onde passa, sempre cativando o público em suas apresentações. Atualmente, esse grupo é composto por 58 integrantes, com idades variadas entre 10 e 60 anos. Ao longo de sua trajetória, já formou “dezenas de centenas de músicos”, todos naturais ou residentes do município de Carnaúba dos Dantas. Esse ambiente pedagógico não escolar desenvolve um trabalho de formação musical contínuo que contribuiu significativamente para o reconhecimento da cidade como: Carnaúba a “Terra da Música”.

Desde sua fundação, essa Filarmônica dedica-se ao ensino de diversos instrumentos musicais, promovendo o desenvolvimento artístico local. Sua atuação se estende além dos limites municipais, participando de encontros e festivais de

bandas e filarmônicas nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, onde frequentemente conquista posições de destaque. Como parte de sua produção cultural, lançou os CDs “A Música da Terra da Música” (2007) e “Tonheca Dantas – O Andarilho das Eternas Melodias” (2013), celebrando a riqueza musical da região.

Em reconhecimento à sua importância histórica e cultural, a Banda de Carnaúba foi declarada “Patrimônio Cultural e Imaterial da Cidade de Carnaúba dos Dantas”, por meio da Lei Municipal nº 1.007, de 05 de abril de 2019. Posteriormente, a cidade de Carnaúba dos Dantas foi oficialmente reconhecida como “A Terra da Música no RN”, conforme estabelecido na Lei Estadual nº 19.923, de 10 de junho de 2021.

A história dessa Filarmônica entrelaça-se, confunde-se e acompanha a história da própria cidade. A origem desse grupo remonta ao séc. XIX e antecede em muitas décadas o processo de emancipação política do município, ocorrido em 11 de dezembro de 1953. Segundo o professor e historiador Claudio Galvão, em seu livro *“A Desfolhar Saudades: uma biografia de Tonheca Dantas”*, data de 1880 “a mais antiga referência que se tem da atividade musical da região” (1998, pág. 24).

É desse tempo, o despontar de uma tradição que se estabelece como escola na região Seridó⁴ do Rio Grande do Norte até os dias atuais. Escola essa que, em sua origem, não é caracterizada pela estrutura física de paredes e de salas; que não é dada ao seu povo pelos processos normativos, atos, estatutos regimentais e administrativos. Ela emerge em imbricadas

relações de pertencimento, de identidade, de memórias e de afetos. Sua literatura pedagógica para o ensino de música é o vasto repertório de composições autorais dos mestres que passaram pela “*Bandinha de Carnaúba dos Dantas*”. Esse repertório - de tão belo e requintado que é - atravessou o oceano atlântico. Encantou Londres. Encantou o Vaticano.

A presença desse repertório no continente europeu é afirmada pelo referido livro do historiador Claudio Galvão, que conta a história das valsas de Tonheca Dantas “*Royal Cinema*” sendo executada na rádio BBC de Londres e “*A Desfolhar Saudades*” na rádio de Berlim antes de o Brasil entrar na Segunda Guerra Mundial. Além disso, as duas bênçãos papais enviadas para o compositor Felinto Lúcio Dantas, uma do Papa Paulo VI e outra do Papa João Paulo II, constataam a execução de suas obras em solo vaticano. A vida e a obra de Felinto estão registradas em documentários disponíveis na internet; na biografia “*O Plantador de Sons: vida e obra de Felinto Lúcio Dantas*”, trabalho do professor Danilo César Guanais de Oliveira; e, nas mentes e nos corações de muitas gerações de músicos seridoenses.

Tão importante quanto esse fundamento literário, que consiste em um repertório de mais de 200 composições desses mestres, foi o trabalho e a dedicação das muitas pessoas que, investidas de um sentimento verdadeiramente altruísta, entregaram-se despretensiosamente ao serviço Banda de Música de Carnaúba dos Dantas. Dentre essas pessoas, destacam-se o próprio Maestro Felinto (1898 – 1986) e o Maestro Francisco das

Chagas Silva (“Mestre Pinta”: 1940 – 1995) ambos igualmente reverenciados com profundo e prestigioso respeito em todo o Seridó potiguar, tanto por suas qualidades artísticas como também por suas qualidades humanas.

Destaca-se ainda, a pessoa do maestro, professor e compositor Márcio Dantas de Medeiros, que está à frente da Filarmônica Onze de Dezembro de Carnaúba dos Dantas/RN desde o ano de 2001. Márcio conviveu diretamente com esses dois mestres. Foi aluno de “Mestre Pinta”, um maestro extremamente habilidoso que também compunha. “Pinta” executava com virtuosismo todos os instrumentos da banda, especialmente o trompete. Para além de toda sua competência na arte da música, ele era reconhecido mais ainda por sua humanidade. Mestre Pinta era um homem de valor, ao qual Felinto Lúcio confiava não apenas a regência da banda que ergueu com sua vida e obra, mas também confiava a interpretação e execução de suas inéditas composições.

Foi com esses exemplos de cumplicidade e de sensibilidade artística, que esses mestres forjaram, em gerações de carnaubenses, o encantamento pela música, a paixão pela banda e o respeito aos valores humanos. Um desses muitos carnaubenses era Márcio Dantas de Medeiros, aos seus 11 anos de idade, sob a batuta de Mestre Pinta. Da percussão aos instrumentos de sopro, Márcio integrou a banda em seus diversos setores e instrumentos musicais, destacando-se sempre

pela sua destreza na execução dos instrumentos e no seu engajamento nas atividades do grupo musical.

Jovem muito habilidoso, Márcio foi alfabetizado desde muito cedo, efetuava cálculos com as operações matemáticas fundamentais já aos cinco anos de idade, a leitura veio bem antes disso. Aos 16 anos recebeu de “Pinta” a designação para tocar o sousafone, instrumento símbolo das bandas de música do Brasil. Medindo quase 1,90 m de altura, Márcio Dantas era um jovem de estatura acima da média local e impressionava pelo destaque quando “vestido” com o sousafone sobre os ombros, instrumento que executava apurado virtuosismo. Assim ornamentado, ele era o estereótipo perfeito, isto é, a personificação da imponência e elegância da Banda de Carnaúbas dos Dantas em seus momentos de apresentação.

Na esteira dos seus mestres, Márcio Dantas começou a compor aos 19 anos. Dedicou sua primeira composição, “*o Dobrado*” Maestro Pinta, em homenagem ao seu primeiro professor de música e grande incentivador. Desde então, sua produção musical conta com aproximadamente 250 composições em variados estilos musicais, como: dobrados, valsas, maxixes, chorinhos, fantasias, missas, novenas, minuetos, trilhas sonoras para teatro e concertos.

Aos 21 anos, Márcio foi aprovado em concurso público para o cargo de Professor Polivalente da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, exercendo o cargo de professor da rede pública estadual em sua terra natal até o presente ano de 2025,

quando aposentou-se no mês de abril. Desde os 33 anos de idade, exerce de forma plenamente voluntária o ofício de mestre e professor da Banda de Música de Carnaúbas, ficando assim incumbido — perante os olhos de toda a comunidade carnaubense, dos seus pares em todo o estado do Rio Grande do Norte e, dos seus familiares — da responsabilidade de transmitir todo o legado de valores e saberes recebido às novas gerações do povo seridoense.

Figura 2 – Sede da Banda Filarmônica Onze de Dezembro



Fonte: Márcio Dantas de Medeiros (2025).

Entrevista com o maestro Márcio Dantas de Medeiros, da Banda Filarmônica Onze de Dezembro de Carnaúba dos Dantas/RN:

1 - Qual a importância da banda de música para a cidade de Carnaúba dos Dantas? *"A principal importância que eu vejo é: a escola de música em si. Porque, através da filarmônica, a gente consegue manter uma escola de música; a gente consegue revelar talentos; a gente consegue fazer com que essa história tenha continuidade. A gente consegue despertar, nas crianças, nos jovens e na população em geral, o amor pela música, né? O respeito pelas obras, o interesse em saber que, por trás daquela música, existe uma história, uma série de coisas. Então, a banda é importante por esses fatores, mas principalmente por isso. Sem contar também que é um trabalho de socialização. A partir do momento que você vê uma criança, os pais passam a acompanhar, os pais passam a ir assistir à banda tocando — e esse é um grande trabalho social. É essa a importância que a banda deixa para a cidade."*

2 - Quais as práticas educacionais possíveis no ambiente da banda de música de Carnaúba? *"As práticas, além do ensino da música, é que a pessoa passa a ter mais disciplina; também tem a questão da música que muda a postura, o comportamento, a sociabilidade. Então, não é apenas o ensino da música, são muitas coisas que a pessoa leva para toda sua vida."*

3 - Durante a sua formação para a docência, você compreendia que os espaços não escolares também integram o ambiente educacional e contribuem para a formação humana e docente? *"Sim, com certeza não é só na escola que se aprende. As regras, as noções básicas, os conhecimentos gerais, a maioria dos conhecimentos eles são adquiridos através da prática, convivência,*

né? Principalmente você trocar experiências. Então, isso aí não se aprende só na escola, mas dentro de um convívio, dentro de um contexto de sociabilidade e de convivência."

4 - Na sua percepção, qual a potência pedagógica da banda de música de Carnaúba dos Dantas? *"Além dos compositores do passado, os arranjistas, os nomes que fizeram essa história e que continuam fazendo essa história. Eles marcam na cultura da cidade. Então, quando você pergunta assim, 'você conhece a música de Tonheca Dantas? A música de Felinto Lúcio?', isso cria uma expectativa e torna-se um parâmetro. Você compara as músicas desses compositores com as músicas de outros compositores. Então, você tem aí um parâmetro. Eu vejo essa grande jogada pedagógica como Tonheca Dantas, ele influenciou as gerações de músicos que vieram após ele, como Felinto Lúcio também, ele marcou, foi para o metrô, né? Foi referência para muitos compositores, não só de Carnaúba dos Dantas, mas na região do Seridó e por aí afora."*

5 - Quais são os maiores desafios enfrentados na sua prática pedagógica na banda? *"Hoje se tornou muito difícil você ensinar porque vivemos em um mundo em que a tecnologia ela é muito atrativa, ela é muito dinâmica e a cada dia as coisas mudaram muito. E o ensino da música, por mais que você tente modernizar, mas não há como você fugir da prática, né? Então, o grande desafio é você fazer com que essa geração, que é uma geração altamente ligada às redes sociais, às tecnologias que existem, elas queiram aprender música, que ainda é uma forma de você trabalhar a parte prática. Então, não tem como tecnologicamente você aprender música sem*

pegar no instrumento, sem soprar no instrumento, partitura é difícil. Então, para mim, o grande desafio que eu vejo nos dias de hoje é isso: é você conciliar o interesse das pessoas em uma forma, uma mídia que ela é bem tradicionalista, ela é bem prática em si. Esse é o grande desafio."

6 - O que há de mais gratificante no trabalho realizado na banda de Carnaúba dos Dantas? *"O que mais gratifica é você pegar uma criança, uma pessoa que não tenha a menor noção de música, e você fazer com que ele leia partitura e depois ele consiga tocar no instrumento música e, com a consequência desse trabalho, você vê-lo se destacando, fazendo grandes apresentações ou se profissionalizando na música e, acima de tudo, como eu falei, o trabalho social é você ver o interesse das famílias, os pais principalmente em ver seus filhos tocando, mesmo que não compreenda que ele está dentro de um processo, e que às vezes a sonoridade, a dinâmica da banda não é exatamente por causa da performance ou da habilidade do seu filho, mas ver que ele está fazendo parte daquele processo. Então, isso é uma coisa que não tem preço, você ver o despertar do interesse das pessoas em uma coisa que para muitas pessoas é uma coisa banal, ou até insignificante, mas para aquelas famílias, crianças ou pessoas que ali estão, se torna uma coisa grandiosa. Então, essa é a grande gratificação ou recompensa que a gente recebe em poder começar um trabalho do zero e abrir as portas para que a pessoa dê continuidade. Se ela quer crescer na música, é uma questão pessoal, mas pelo menos a gente sabe que foi através daquela porta que a gente abriu que ela conseguiu chegar lá."*

O desafio da era digital e a relevância da prática musical presencial

A fala do Maestro Márcio Dantas de Medeiros na quinta pergunta da entrevista revela um dos desafios pedagógicos mais prementes da contemporaneidade: a tensão entre a imersão no mundo virtual e a necessidade de engajamento em práticas que exigem contato físico, disciplina e interação presencial. A "geração altamente ligada às redes sociais e tecnologias" encontra-se em um ambiente onde a gratificação é muitas vezes instantânea e a interação mediada por telas. Em contrapartida, o aprendizado musical, especialmente em uma banda filarmônica, é intrinsecamente prático, tátil e colaborativo.

A observação do Maestro de que *"não há como você fugir da prática" e que "não tem como tecnologicamente você aprender música sem pegar no instrumento, sem soprar no instrumento, partitura é difícil"* sublinha a natureza encarnada do conhecimento musical. O domínio de um instrumento não se dá por simulações virtuais ou consumo passivo de conteúdo, mas pela repetição de movimentos, pela percepção auditiva aguçada, pelo controle da respiração e da musculatura, e pela leitura e interpretação de partituras – atividades que demandam tempo, persistência e um ambiente físico propício. Este processo contrasta diretamente com a lógica de "scroll" e "clique" predominante no universo digital, que muitas vezes desestimula a paciência e a

profundidade necessárias para o aprendizado de habilidades complexas.

Nesse sentido, a banda de música emerge como um contraponto vital ao isolamento e à superficialidade que podem ser gerados pelo excesso de tempo de tela. Ela oferece um espaço onde a aprendizagem é uma experiência multissensorial e social. O ato de tocar em conjunto exige escuta ativa, sincronia, respeito ao tempo do outro e colaboração para a construção de um som coletivo.

Essas são habilidades socioemocionais fundamentais que o ambiente virtual, por sua própria natureza, tem dificuldade em replicar com a mesma intensidade e autenticidade. A frustração inicial com a dificuldade da partitura ou a coordenação dos dedos no instrumento é superada pela persistência, pela orientação do mestre e pelo incentivo dos pares, culminando na gratificação de produzir música real e de se apresentar para uma comunidade.

A conciliação do interesse das pessoas em uma forma, uma mídia que ela é bem tradicionalista e prática em si, como mencionada pelo Maestro, não se trata de uma simples adaptação tecnológica, mas de uma ressignificação do valor da experiência presencial. A banda, ao oferecer um espaço de pertencimento, de construção coletiva e de desenvolvimento de habilidades concretas, atua como um polo de atração que compete com a efemeridade do digital.

Nesse contexto, evidencia-se que a "recompensa" de um trabalho árduo e dedicado, materializada na sonoridade de um

conjunto e no aplauso do público, pode ser muito mais profunda e duradoura do que a validação instantânea das redes sociais. Assim, a prática musical em ambientes não escolares como a Filarmônica Onze de Dezembro não apenas preserva uma tradição cultural, mas também se torna um baluarte na formação de indivíduos mais disciplinados, resilientes e socialmente engajados em um mundo cada vez mais digitalizado.

A contribuição da banda Filarmônica para as práticas educativas não escolares na perspectiva de letras

As respostas do Maestro Márcio Dantas de Medeiros ressoam profundamente com o objetivo central deste trabalho, que é analisar as práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares sob a ótica do curso de Letras. A banda filarmônica, conforme descrito pelo Maestro, transcende a mera instrução musical para se configurar como um complexo ecossistema de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Primeiramente, a ideia de que a banda é uma "escola de música em si" (Pergunta 1) e que o aprendizado ocorre "através da prática, convivência" e da "troca de experiências" (Pergunta 3) valida a premissa fundamental dos ambientes não escolares: a educação é um processo contínuo e multifacetado, não restrito aos muros formais. Para o campo de Letras, isso é crucial, pois expande a compreensão do que significa "alfabetização" e "letramento".

O Maestro destaca a gratificação de ver uma criança que "não tenha a menor noção de música" passar a "ler partitura e depois ele consiga tocar no instrumento" (Pergunta 6). Esta "leitura de partitura" é, em essência, um processo de letramento em uma linguagem simbólica específica – a linguagem musical. Assim como a leitura e escrita de textos verbais, a decodificação e produção de sentido a partir de símbolos musicais desenvolvem habilidades cognitivas como o reconhecimento de padrões, a memória, a interpretação e a expressão, que são transferíveis e enriquecem o letramento em sua acepção mais ampla.

Além disso, a ênfase do Maestro no "respeito pelas obras" e no "interesse em saber que, por trás daquela música, existe uma história, uma série de coisas" (Pergunta 1) dialoga diretamente com a análise textual e a formação cultural inerentes ao curso de Letras. A música, como qualquer texto, carrega consigo um contexto histórico, social e cultural.

Compreender uma composição musical, seja ela um dobrado de Tonheca Dantas ou uma valsa de Felinto Lúcio, implica em desvendar suas camadas de significado, suas referências, suas influências e o legado que ela representa. A banda, nesse sentido, atua como um espaço de transmissão de um patrimônio cultural imaterial, onde a oralidade e a prática se entrelaçam para manter viva a memória e a identidade local, aspectos cruciais para a pesquisa e o ensino de literatura e cultura.

A dimensão social da banda, reiterada pelo Maestro em diversas respostas ("trabalho de socialização", "sociabilidade", "convívio", "contexto de sociabilidade e de convivência" – Perguntas 1, 2 e 3), é outro ponto de convergência com a educação e a construção formal e civil do indivíduo. A interação constante entre os membros da banda, de diferentes idades e *backgrounds*, fomenta a comunicação interpessoal, a negociação de sentidos e a construção de um discurso coletivo – seja ele musical ou verbal.

Além disso, o trabalho em equipe, a disciplina e a mudança de postura e comportamento que a música proporciona (Pergunta 2) são reflexos de um processo de socialização que envolve o domínio de códigos de conduta e de comunicação, essenciais para a convivência em sociedade e para a atuação profissional.

Finalmente, a "potência pedagógica" da banda, que "marca na cultura da cidade" e "influencia as gerações de músicos" (Pergunta 4), demonstra como esses ambientes não escolares criam referências e parâmetros culturais que transcendem o ensino formal. Para Letras, isso significa reconhecer que a literatura e a cultura não se manifestam apenas em livros didáticos ou cânones acadêmicos, mas também nas expressões artísticas populares e nas tradições comunitárias.

A banda, ao revelar talentos e perpetuar a história musical de Taipu/RN e Carnaúba dos Dantas/RN, atua como um laboratório vivo de produção e recepção cultural, onde a linguagem musical se entrelaça com a narrativa histórica e a

identidade de um povo. Essa perspectiva amplia o escopo da percepção do profissional de Letras, que pode encontrar nesses espaços não escolares um campo fértil para a pesquisa, a mediação cultural e o desenvolvimento de práticas educativas inovadoras que valorizem as múltiplas linguagens e manifestações do saber.

Glossário

¹ Madeiras: agrupa instrumentos de sopro que, tradicionalmente, eram feitos de madeira, embora hoje muitos sejam feitos de outros materiais como metal ou resinas. Essa família inclui instrumentos como flautas, oboés, clarinetes, fagotes e saxofones, cada um com suas variações e características únicas.

² Metais: refere-se a uma família de instrumentos musicais de sopro, caracterizados pelo uso de um bocal e pela produção de som através da vibração dos lábios do músico no bocal.

³ Região (de Taipu/RN): O Município de Taipu localizado na microrregião do Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Norte dista 50 Km da capital. Foi desmembrado do Município de Ceará Mirim pelo Decreto Lei nº 97, de 10 de março de 1891, limita-se ao norte com o município de Pureza; ao Sul com Ielmo Marinho; a Leste com Ceará Mirim e a Oeste com Poço Branco. Suas coordenadas geográficas são: 5º, 37', 5" de latitude sul e 33º, 35', 44" de longitude. Está ligado pela Rede Ferroviária Federal, embora atualmente em processo de desativação e pela BR 406, que liga Natal a Macau. Seu clima é seco e durante os meses de maio a agosto são registradas fortes precipitações pluviométricas. (fonte: site oficial da prefeitura municipal de Taipu/RN, acesso em 28/07/2025 - <https://taipu.rn.gov.br/pages/localizacao>).

⁴ Região geográfica e cultural pertencente ao estado do Rio Grande do Norte. Seu território abrange as microrregiões do Seridó Ocidental, Seridó Oriental e parte da microrregião do Vale do Açu e da Serra de Santana.^[1] Possui uma área de

9374,063 km² e sua população foi estimada em 2022 pelo IBGE em 284.090 habitantes. O Seridó possui características culturais e geográficas únicas se comparadas a outras porções do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Carlos Eduardo. Liras: os “conservatórios” do interior do país. **Revista Continente**, Recife, ed. 130, 01 out. 2011.

Disponível em:

<https://revistacontinente.com.br/edicoes/130/liras--os-rconservatoriosr-do-interior-do-pais>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BUARQUE, Chico. **A banda**. Chico Buarque – Site oficial.

Disponível em:

<https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/16>. Acesso em: 13 jul. 2025.

GALVÃO, Cláudio. **A desfolhar saudades**: uma biografia de Tonheca Dantas. [S.l.]: Scribd, 2023. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/713316268/silo-tips-a-desfolhar-saudades-uma-biografia-de-tonheca-dantas>. Acesso em: 21 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2022**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em:

<https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 jul. 2025.

CAPÍTULO 20

A PRAIA DE PONTA NEGRA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES

Josué Ferreira da Silva

andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 20 – A PRAIA DE PONTA NEGRA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES

**Josué Ferreira da Silva⁵⁸ // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares⁵⁹**

O conceito de educação vem, ao longo da história, passando por uma importante ressignificação. Se outrora esteve diretamente associado ao espaço escolar tradicional, atualmente já se reconhece que os processos educativos podem (e devem) ultrapassar os muros da escola. A educação acontece em diversos contextos, formais ou informais, nos quais há intencionalidade pedagógica, troca de saberes e construção de conhecimento. Diante disso, cresce o interesse acadêmico por ambientes pedagógicos não escolares, ou seja, espaços sociais e culturais em que se desenvolvem práticas educativas que contribuem para a formação crítica e cidadã dos sujeitos.

Tavares (2010) corrobora essa visão ao ressaltar a relevância de se pensar a educação em ambientes além do formalismo institucional. Segundo a autora, esses espaços se

⁵⁸ Graduando em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: josueferreira014@gmail.com.

⁵⁹ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

constituem em comunidades de aprendizagem, nas quais pessoas e organizações interagem em torno do compartilhamento de objetivos, valores e práticas.

Nesse contexto, o presente capítulo propõe uma reflexão sobre a Praia de Ponta Negra, localizada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, como um espaço pedagógico não escolar, enfatizando suas potencialidades formativas, socioculturais e ambientais. Considerando sua importância simbólica, econômica e ecológica para o estado, analisa-se de que forma esse ambiente pode ser explorado com intencionalidade educativa, contribuindo para experiências de aprendizagem significativas e integradoras.

Figura 1 – Praia de Ponta Negra



Fonte: Josué Ferreira da Silva (2025).

A praia como espaço educativo: para além da escola

Segundo Freire (1996), a educação se realiza na vida, na prática social e nas relações humanas, sendo o educador aquele que problematiza a realidade e provoca a reflexão crítica. Com base nessa concepção freiriana, compreende-se que os espaços educativos extrapolam os limites físicos das instituições escolares, uma vez que a aprendizagem ocorre nas interações com o mundo, nos contextos culturais e nas práticas sociais do cotidiano.

A Praia de Ponta Negra, enquanto ambiente natural, social e culturalmente dinâmico, configura-se como um cenário privilegiado para o desenvolvimento de práticas educativas não formais. Trata-se de um espaço de convivência comunitária, de manifestações culturais, de práticas ambientais e de trocas simbólicas que oportunizam aprendizagens diversas. O contato com a natureza, a observação dos fenômenos ambientais, a interação com trabalhadores locais e turistas, bem como a presença de elementos do patrimônio histórico e cultural da região, podem constituir-se como objetos de estudo, discussão e experiências pedagógicas.

A pedagogia contemporânea, pautada em uma perspectiva crítica e emancipadora, reconhece o valor desses espaços não escolares como lugares de produção e circulação de saberes (Romão, 2005). Nesse sentido, o olhar sobre a Praia de Ponta

Negra deve ir além do turismo ou do lazer: trata-se de um espaço vivo, repleto de experiências formadoras.

Práticas pedagógicas possíveis na praia de Ponta Negra

A riqueza simbólica e material da Praia de Ponta Negra permite a criação de múltiplas estratégias pedagógicas interdisciplinares. A seguir, destacam-se algumas práticas educativas possíveis neste ambiente, que podem ser aplicadas por escolas em saídas de campo, por instituições sociais, por grupos comunitários ou mesmo em ações espontâneas de educação popular.

Educação Ambiental

A praia, por sua natureza ecológica, constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação ambiental crítica (Guimarães, 2004). Na Praia de Ponta Negra, temas como poluição marinha, preservação de dunas, biodiversidade costeira, mudanças climáticas e turismo sustentável podem ser problematizados a partir de observações *in loco*.

Nesse contexto, atividades como trilhas ecológicas guiadas, mutirões de limpeza, oficinas de reaproveitamento de materiais e rodas de conversa sobre práticas sustentáveis favorecem a construção de uma consciência ecológica ativa. Além disso, tais práticas possibilitam a articulação entre conhecimentos

científicos, saberes tradicionais e experiências comunitárias, promovendo uma formação ambiental que ultrapassa a transmissão de conteúdos e se volta para o engajamento crítico dos sujeitos na defesa do meio ambiente.

Educação patrimonial e cultural

A região de Ponta Negra abriga memórias e saberes tradicionais, sobretudo da comunidade pesqueira que resiste aos efeitos da urbanização da área. As histórias de vida dos pescadores, suas técnicas de pesca artesanal, o artesanato local e os modos de vida tradicionais compõem um acervo cultural de grande relevância, que precisa ser valorizado e preservado.

Nesse sentido, a educação patrimonial contribui para aproximar os participantes da identidade local e para fomentar o respeito à diversidade cultural e à ancestralidade dos povos costeiros. Ao transformar essas práticas em experiências educativas, cria-se a oportunidade de fortalecer o sentimento de pertencimento, incentivar a valorização das culturas populares e ampliar a consciência crítica acerca da importância da preservação do patrimônio material e imaterial da região.

Educação e turismo

O turismo em Ponta Negra é um fenômeno que envolve aspectos econômicos, linguísticos e sociais. Considerada o

principal cartão-postal da cidade de Natal, a praia atrai diariamente milhares de visitantes, tanto nacionais quanto estrangeiros, o que a torna um espaço privilegiado para experiências educativas ligadas à interculturalidade, à hospitalidade e à economia local.

Nesse contexto, é possível explorar temas como economia solidária, impactos do turismo de massa, relações interculturais e geografia do turismo. A constante presença de turistas e trabalhadores informais, como vendedores ambulantes, artesãos, músicos e guias locais, permite que se promova a observação crítica e o contato direto com realidades diversas.

Grupos educativos podem realizar mapeamentos de pontos turísticos, entrevistas com trabalhadores locais (como os pescadores que oferecem passeios de jangada, comerciantes e artesãos), bem como simulações de interações com turistas estrangeiros em outras línguas (como inglês e espanhol), promovendo uma educação voltada para o mundo globalizado, mas com raízes e identidade local.

Tais ações contribuem para desenvolver competências comunicativas, empatia cultural, consciência crítica sobre a exploração econômica do turismo e o papel dos sujeitos locais nesse processo. Esse tipo de experiência evidencia a praia como um ambiente educacional não escolar, conforme defende Tavares (2010), ao reconhecer que a aprendizagem ocorre também em espaços sociais nos quais se compartilham objetivos, valores e práticas coletivas.

Educação física, corpo e movimento

As práticas corporais na areia e na água - como caminhadas, esportes, ioga ao ar livre ou atividades de sensibilização corporal - podem ser articuladas com reflexões sobre saúde, bem-estar, lazer e inclusão social. A praia oferece um ambiente natural propício para a vivência de práticas que desenvolvam a consciência corporal, o trabalho em equipe e a autonomia, integrando mente, corpo e natureza.

Nesse sentido, atividades educativas nesse contexto podem incluir desde aulas de educação física em espaços abertos até projetos comunitários que promovam esportes de praia acessíveis a diferentes faixas etárias e condições físicas. Tais práticas não apenas incentivam hábitos de vida saudáveis, mas também reforçam valores de cooperação, respeito às diferenças e inclusão social, reafirmando o papel da praia como um espaço pedagógico de múltiplas dimensões. Assim, consolida-se como um ambiente educacional não escolar, em consonância com Tavares (2010), que ressalta a relevância desses espaços no processo de formação integral dos sujeitos.

Alfabetização científica e cidadã

O espaço da praia também pode ser utilizado para o desenvolvimento de competências científicas de forma acessível e contextualizada. Experimentos como a medição da

temperatura da areia e da água, observações das marés, identificação de espécies marinhas e coleta de dados ambientais possibilitam aprendizagens interdisciplinares, articulando conhecimentos das ciências naturais, matemática, geografia e cidadania. Tais práticas favorecem a alfabetização científica ao aproximar conceitos abstratos da realidade concreta dos estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa e socialmente relevante.

Desafios e potencialidades: para uma pedagogia do território

Embora a Praia de Ponta Negra possua um enorme potencial pedagógico, seu uso como espaço educativo não está isento de desafios. Entre eles, destacam-se: a falta de incentivo das políticas públicas à educação em espaços alternativos; a ausência de formação específica para educadores que atuam fora da escola formal; as dificuldades logísticas e de segurança para o transporte e acompanhamento de grupos; e o risco de descaracterização cultural da comunidade local diante da crescente turistificação da região.

Entretanto, essas dificuldades não anulam as potências desse espaço. Pelo contrário, reforçam a necessidade de consolidar uma pedagogia que valorize o território como lugar de aprendizagem, conforme defende Santos (2006) ao propor o conceito de “espaço vivido”. Nesse sentido, a praia pode ser compreendida como um território educativo que articula saberes

tradicionais e científicos, cultura local e globalização, natureza e sociedade. Esse olhar vai ao encontro de Tavares (2010), ao reconhecer a relevância dos ambientes educacionais não escolares no processo formativo integral dos sujeitos.

Considerações finais

Pensar a Praia de Ponta Negra como espaço pedagógico não escolar é ampliar o conceito de educação e reconhecer que os saberes se produzem nas experiências cotidianas, nos vínculos comunitários e nos espaços públicos de convivência. Trata-se de uma abordagem que convida à construção de uma educação territorializada, crítica e inclusiva, que reconhece o valor das experiências vividas fora da escola, e legitima os ambientes não escolares como campos formativos (Tavares, 2010).

Ao ocupar a praia com intencionalidade educativa, criam-se oportunidades de formação cidadã, de aproximação com a natureza, de valorização cultural e de problematização social. Essa proposta reafirma o papel da educação como prática libertadora e comprometida com a transformação da realidade, como propunha Freire (1996), e se articula à noção de espaço vivido de Santos (2006), ao compreender o território como lugar de aprendizagens múltiplas. Que mais praias, praças, feiras e ruas possam ser reconhecidas como lugares de ensinar e aprender, contribuindo para a formação integral dos sujeitos e para a construção de uma sociedade mais crítica, solidária e consciente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: da prática pedagógica à prática política**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

ROMÃO, José Eustáquio. **Educação em espaços não-escolares**. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 21

AS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE (UBS) COMO POSSÍVEIS LOCAIS DE APRENDIZAGEM

Verônica de Oliveira Maciel

Kesia Larissa da Luz Ovidio Silva

Vanessa Caroline de Oliveira Macedo

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 21 – AS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE (UBS) COMO POSSÍVEIS LOCAIS DE APRENDIZAGEM

**Verônica de Oliveira Maciel⁶⁰ // Kesia Larissa da Luz Ovidio
Silva⁶¹ // Vanessa Caroline de Oliveira Macedo⁶² // Andrezza
Maria Batista do Nascimento Tavares⁶³**

Este capítulo foi elaborado por acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus Natal-Central (IFRN-CNAT). A pesquisa foi desenvolvida no contexto do componente curricular Seminário de Orientação ao Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente I, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, responsável pela ministração do referido componente. Para a realização deste trabalho, fundamentamos na obra de Tavares (2010), que destaca os espaços não escolares como ambientes que ultrapassam os limites

⁶⁰ Graduanda em Licenciatura em português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: vmaciel.academico@gmail.com.

⁶¹ Graduanda em Licenciatura em português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: kesiaovidio@gmail.com.

⁶² Graduanda em Licenciatura em português e espanhol - Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: vanessamacedo.rn.br@gmail.com.

⁶³ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

geográficos da instituição escolar, incentivando, assim, a aprendizagem em diferentes contextos.

Neste capítulo, abordaremos as Unidades Básicas de Saúde (UBS) como possíveis locais de aprendizagem. Regulamentadas por leis e normativos federais que orientam seu funcionamento, as UBSs são centros de atendimento primário à saúde, onde equipes multiprofissionais realizam uma ampla gama de ações voltadas à saúde individual e coletiva. Elas representam a porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS) e oferecem serviços de prevenção, diagnóstico e tratamento. Todos os municípios brasileiros são elegíveis para receber recursos destinados à construção dessas unidades, que são geridas pelo Ministério da Saúde.

Mas, afinal, o que uma unidade de saúde tem a ver com aprendizagem? De acordo com a Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017, que aprova a Política Nacional de Atenção Básica e estabelece diretrizes para a organização da Atenção Básica no âmbito do SUS, todas as UBSs são consideradas potenciais espaços de educação, formação de recursos humanos, pesquisa, ensino em serviço, inovação e avaliação tecnológica para a Rede de Atenção à Saúde (RAS) (Brasil, 2017). Sendo assim, as UBSs funcionam como locais de aprendizagem tanto para os servidores, que buscam constantemente capacitação e atualização, quanto para alunos estagiários em formação, que encontram na unidade a oportunidade de aplicar os conteúdos aprendidos em sala de aula e fortalecer sua prática profissional.

Entretanto, neste capítulo, propomos direcionar o olhar não apenas para os profissionais de saúde, mas também para a comunidade usuária do serviço, as pessoas que frequentam diariamente as UBSs, que madrugam para conseguir uma consulta, que enfrentam longas filas para realizar exames ou obter atendimento com um especialista. Para esses sujeitos, também ocorre aprendizagem? E como se dá esse processo? Para refletir sobre tais questões, realizamos uma visita à Unidade Básica de Saúde localizada na Rua Barão de Açu, no bairro de Candelária, em Natal/RN, a qual promove ações de conscientização voltadas à população usuária.

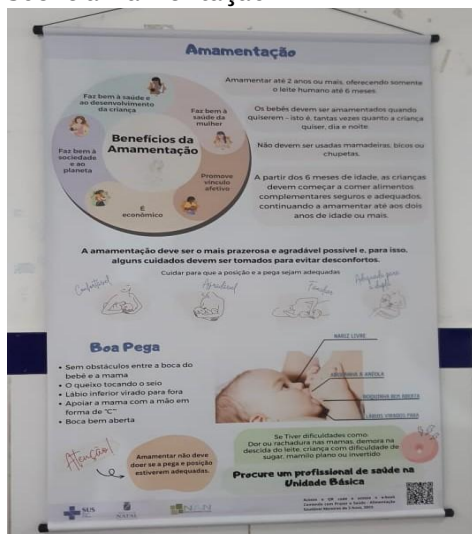
Figura 1 – Fachada da UBS Candelária



Fonte: Verônica de Oliveira Maciel (2025).

A escolha desta UBS em específico se deu principalmente por sua localidade, pois está situada em uma área urbana de grande relevância, e, devido à isto, atende a um grande volume de pessoas. Durante a nossa visita à unidade observamos que as paredes dos corredores possuíam cartazes com informações e orientações relacionadas à cuidados e prevenções de saúde, o que ocasiona ao paciente aquisição de conhecimento relacionado àquilo que está sendo exposto e, que muitas vezes ele não conhecia. A exemplo disso, temos a Imagem 2, onde são expostas orientações e benefícios da amamentação, e a Imagem 3, onde se podem observar orientações e informações relacionadas ao combate da leucemia.

Figura 2 – Cartaz exposto na UBS candelária com informações sobre amamentação



Fonte: Verônica de Oliveira Maciel (2025).

Figura 3 – Cartaz na UBS candelária com informações sobre o mês de conscientização e combate à Leucemia



Fonte: Verônica de Oliveira Maciel (2025).

Para além da exposição de cartazes, como já mencionado anteriormente, nesta UBS também são promovidos momentos de exposição e conversa sobre temas atuais relacionados à saúde, estas exposições costumam acontecer nos corredores enquanto os pacientes aguardam o seu atendimento.

Durante nossa visita ao local, foi realizada uma entrevista com uma das servidoras da unidade, a quem nos referimos com o pseudônimo 'Martha' para preservar a identidade da participante. Segundo ela, esta ação promovida pela UBS recebe o nome de “educação continuada”, a qual pode ser definida como um processo dinâmico de construção de saberes em diferentes tempos e espaços, inserido na lógica da aprendizagem ao longo da vida (Delors *et al.*, 1996).

Conforme relatado por Martha, os cartazes expostos na sala de espera são confeccionados pela própria equipe que atua na UBS, sendo produzidos mensalmente ou, em alguns casos, semanalmente, de acordo com a disponibilidade dos profissionais. Embora a unidade não conte com apoio pedagógico específico para essa atividade, em algumas ocasiões recebe materiais encaminhados pela Secretaria de Saúde do Estado, o que contribui para fortalecer a ação. Ainda segundo Martha, o interesse do público é constante, o que permite considerar que os objetivos de conscientização são efetivamente alcançados.

Além dessas campanhas, a UBS também promove grupos de apoio que se reúnem, em média, três vezes por semana. Entre eles, destacam-se o grupo de tabagismo, o grupo de idosos e o grupo de psicologia, entre outros, que oferecem acompanhamento contínuo e possibilitam a troca de experiências entre os participantes.

Ao analisar as ações realizadas na UBS escolhida, bem como as falas da servidora entrevistada, foi possível constatar que uma Unidade Básica de Saúde pode, de fato, configurar-se como ambiente de aprendizado, especificamente como espaço educativo informal (não escolar). As iniciativas desenvolvidas na unidade mostraram-se exitosas, na medida em que alcançam os objetivos propostos e promovem a disseminação de conhecimentos essenciais para a vida em comunidade, contribuindo tanto para a conscientização em saúde quanto para a formação cidadã.

Dessa forma, as UBSs têm seu papel fundamental de prestadoras de serviços de saúde, e como autênticos ambientes de aprendizagem contínua para a comunidade. A riqueza do processo educativo que ocorre nesses espaços, de caráter natural e informal, com capacidade de integrar o conhecimento de saúde diretamente na rotina dos usuários, transformam momentos de espera em oportunidades valiosas de aquisição de saberes essenciais para o bem-estar individual e coletivo. Essa dinâmica confirma a perspectiva de Tavares (2010), para quem a educação em espaços não escolares se estabelece por meio de interações cotidianas que possibilitam a troca de saberes e a construção de novos conhecimentos.

Apesar do potencial das Unidades Básicas de Saúde como locais de aprendizagem, existem desafios na sua estrutura e missão primária que precisam ser reconhecidos e superados para o seu crescimento educativo. Um dos principais desafios reside na ausência de apoio pedagógico especializado, mencionado pela entrevistada, para subsidiar a equipe que desenvolve as ações de educação continuada. Embora a dedicação dos profissionais seja evidente na confecção dos materiais e na condução das atividades educativas, a falta de um suporte pedagógico pode limitar a efetividade das metodologias empregadas, comprometendo a forma como o conteúdo é transmitido e assimilado pela população.

Além disso, a prioridade da UBS é o atendimento clínico, o que pode ocasionar que estas atividades educativas fiquem

sempre vistas em um segundo plano, dependendo da disponibilidade de tempo e recursos dos profissionais. A sobrecarga de trabalho e a demanda por serviços de saúde podem dificultar a produção, o planejamento e a execução de programas educativos mais robustos e frequentes. As limitações orçamentárias podem restringir a produção de materiais didáticos mais elaborados e a implementação de tecnologias que poderiam enriquecer o processo de aprendizagem.

Contudo, esses desafios também revelam oportunidades significativas para o aprimoramento do papel educativo das UBSs. Uma estratégia promissora seria o estabelecimento de parcerias entre as Unidades Básicas de Saúde e instituições de ensino, especialmente universidades e cursos na área da saúde e da educação. Essa colaboração poderia fornecer o suporte pedagógico necessário, com acadêmicos e professores auxiliando no desenvolvimento de materiais didáticos mais eficazes, na capacitação da equipe da UBS em metodologias de ensino e na avaliação do impacto das ações educativas. Tais parcerias também poderiam abrir portas para projetos de pesquisa que investiguem as melhores práticas em educação em saúde no contexto da atenção primária.

A pesquisa destacou as diversas modalidades pelas quais essa aprendizagem informal se manifesta, desde a exposição de cartazes informativos nos corredores até as conversas facilitadas por profissionais durante a espera e a formação de grupos de apoio. Tais abordagens contribuem significativamente para a

elevação da conscientização da saúde entre a população, capacitando os indivíduos com conhecimentos cruciais sobre prevenção, cuidados e gestão de sua própria saúde. O interesse demonstrado pelo público nas ações educativas reafirma a relevância e a eficácia dessas iniciativas e o empoderamento dos usuários.

REFERÊNCIAS

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: UNESCO, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 22 set. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 19 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude_2ed.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

TAVARES, A. M. B. do N. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 22

O 7º CARTÓRIO DE NOTAS COMO POTENCIAL ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR: LETRAMENTOS JURIDICOS E CIDADANIA EM PRÁTICA

Cláudio Manuel Cao Gonzalez

Ada Luíza Silveira Rosales

Felipe Jailton da Silva

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 22 – O 7º CARTÓRIO DE NOTAS COMO POTENCIAL ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR: LETRAMENTOS JURIDICOS E CIDADANIA EM PRÁTICA

Cláudio Manuel Cao Gonzalez⁶⁴ // Ada Luíza Silveira Rosales⁶⁵

// Felipe Jailton da Silva⁶⁶ // Andrezza Maria Batista do

Nascimento Tavares⁶⁷

O cartório de notas, muitas vezes percebido apenas como um espaço burocrático e distante das práticas educativas formais, revela-se, sob análise pedagógica, como um ambiente de múltiplas aprendizagens. Neste capítulo, fruto de uma experiência de observação participante no 7º Cartório de Notas de Natal/RN, propõe-se uma leitura crítica e formativa do espaço notarial enquanto ambiente educativo não escolar, no qual emergem práticas de letramento jurídico, documental e administrativo que colaboram para a formação cidadã.

⁶⁴ Graduando em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: claudiocao@mac.com.

⁶⁵ Graduanda em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: adarosales009@gmail.com.

⁶⁶ Graduando em licenciatura em português e espanhol – instituto federal do Rio Grande do Norte. E-mail: felipejailton@live.com.

⁶⁷ Doutora em Ciências da Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

O objetivo central é compreender como as interações entre usuários e servidores constituem experiências pedagógicas informais que favorecem a compreensão de direitos civis, de estruturas documentais e de procedimentos notariais. Pretende-se, ainda, refletir sobre o papel do cartório como agente de mediação do conhecimento legal e sobre sua contribuição para a popularização de práticas de leitura e escrita formais em linguagem técnica, raramente exploradas em contextos escolares.

A investigação envolveu observações in loco e entrevistas breves com escreventes, tabeliães e usuários, respeitando os princípios éticos da pesquisa. Dessa forma, este estudo insere-se no esforço coletivo da coleção Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares, que busca ampliar o olhar sobre espaços alternativos de aprendizagem. Conforme defende Freire (1996), a educação pode emergir em qualquer contexto em que haja escuta, diálogo e conscientização dos sujeitos sociais.

A pesquisa baseou-se na observação direta, em entrevistas semiestruturadas e na aplicação de um questionário qualitativo com usuários e funcionários do cartório. Foram consideradas 20 entrevistas simuladas com perfis variados da população frequentadora e trabalhadora do cartório (empresários, pensionistas, mães solas, jovens em busca de estágio, idosos, pessoas iletradas, membros da comunidade LGBTQIA+, imigrantes, entre outros). As falas foram organizadas em eixos

temáticos e analisadas qualitativamente à luz dos conceitos de letramento, educação não formal e cidadania. Como Gohn (2019), os espaços sociais são educativos quando colaboram para o fortalecimento da consciência crítica e da cidadania ativa.

A escuta do cotidiano: entrevistas e práticas educativas

Com o objetivo de compreender a percepção dos usuários sobre o cartório enquanto espaço educativo, elaborou-se e aplicou-se um questionário dividido em três partes: (i) dados gerais (sexo, idade e escolaridade); (ii) percepção sobre a linguagem e o atendimento (dificuldades de compreensão dos documentos, clareza no atendimento e aprendizagem sobre direitos e documentos); e (iii) letramento e cidadania (avaliação do cartório como espaço de aprendizagem e sugestões de melhorias).

As respostas das entrevistas realizadas revelaram uma forte presença de interações educativas no ambiente cartorial. A noção de letramento como prática social, conforme proposta por Street (1984), nos permite compreender o ato de “ensinar a assinar o próprio nome” no cartório como ação educativa dotada de função social e simbólica. Além disso, como afirma Tavares (2010), o educador atua como mediador de realidades sociais, inclusive fora do espaço escolar institucionalizado.

Abaixo, destacam-se algumas das vozes mais representativas da diversidade social observada:

- *“Mesmo sendo advogado, reconheço que o cartório é um ponto de encontro de pessoas e saberes.” (Felipe Camargo, 34 anos, advogado iniciante)*

- *“Eu num sei ler, moço. O rapaz aí me ajudou, leu tudo alto, foi explicando, devagarinho.” (Maria do Carmo Lima, 74 anos, lavradora aposentada)*

- *“Aqui, a gente aprende a ter paciência e a entender nossos direitos.” (José Bezerra de Melo, 80 anos, pensionista)*

- *“Achei bonito. Ajudaram meu pai, e me ensinaram a ser mais humano.” (Bruno Andrade, 38 anos, bancário)*

- *“O rapaz me explicou o que é uma certidão. Eu nunca tinha ouvido falar.” (Jonas Severino, 54 anos, catador de recicláveis)*

As falas destacam um padrão: a constante mediação de saberes por parte de escreventes, atendentes, vigilantes e até do proprietário do cartório. Não raro, as ações de escuta ativa, explicação dos termos jurídicos e orientações sobre o preenchimento de documentos funcionam como práticas pedagógicas não formais. A diversidade de perfis dos usuários também reforça o caráter socialmente inclusivo do espaço.

Para sistematizar a análise, os resultados estão organizados em três eixos temáticos, que evidenciam o cartório como espaço educativo não escolar: letramento jurídico e linguagem acessível, acolhimento e mediação cidadã e cartório como território educativo informal. Cada um desses eixos busca destacar aspectos específicos do processo educativo que se manifesta no ambiente cartorial: desde a explicação de termos

técnicos e procedimentos legais até as práticas de acolhimento e mediação social realizadas por diferentes profissionais. Essa leitura permite compreender o cartório não apenas como uma instituição burocrática, mas também como um espaço vivo de produção de saberes, de fortalecimento da cidadania e de apropriação de práticas de letramento em contextos reais.

Eixo I – Letramento Jurídico e linguagem acessível

A presença de uma linguagem altamente técnica nos documentos cartoriais exige mediações constantes, uma vez que expressões como “reconhecimento de firma”, “escritura pública” ou “procuração” não fazem parte do vocabulário cotidiano da maioria da população. Funcionários relataram que dedicam boa parte do dia a explicar o significado desses termos, evidenciando que a atividade do cartório vai além da execução de procedimentos burocráticos: trata-se de um espaço de mediação do saber jurídico.

Como afirmaram alguns usuários durante as entrevistas, o auxílio recebido no cartório os ajudou a compreender melhor os diferentes tipos de documentos e suas finalidades. Tal aspecto reforça a função educativa presente nas práticas cotidianas desse ambiente, evidenciando que a mediação realizada pelos profissionais não se restringe ao atendimento burocrático. Esse processo dialoga com a noção de letramento social proposta por

Street (1984), que entende a leitura e a escrita como práticas situadas, marcadas por valores, contextos e funções sociais.

Eixo II – Acolhimento e mediação cidadã

Mais do que atender, os profissionais do cartório atuam como mediadores sociais. O proprietário, por exemplo, circula pelo espaço cumprimentando os usuários e oferecendo ajuda direta, como explicações verbais e preenchimento de formulários. Vigilantes, recepcionistas e até jovens aprendizes também desempenham esse papel, sobretudo no apoio a idosos e pessoas com baixa escolaridade.

Nesses gestos de acolhimento, é possível identificar práticas de educação não formal, pautadas na escuta ativa, no diálogo e na construção compartilhada do conhecimento. Conforme ressalta Freire (1996), o ato educativo se concretiza quando há problematização da realidade e transformação das relações sociais, o que permite compreender esse espaço como um locus de formação cidadã.

Eixo III – Cartório como território educativo informal

O cartório pode ser compreendido como um território educativo na medida em que favorece o letramento jurídico e social em um contexto real, relevante e socialmente significativo. Mesmo sem estrutura pedagógica formal, ali se desenvolve um

processo cotidiano de ensino-aprendizagem, no qual os usuários são levados a lidar com normas, direitos e deveres civis.

Esse tipo de prática confirma a análise de Tavares (2010), para quem os espaços não escolares constituem comunidades de aprendizagem, possibilitando que o conhecimento seja produzido e apropriado de modo coletivo. Assim, o cartório, usualmente percebido apenas como espaço burocrático, revela-se também como ambiente formativo, onde a cidadania é fortalecida por meio da educação para a vida prática.

Espaços e interações – registros visuais

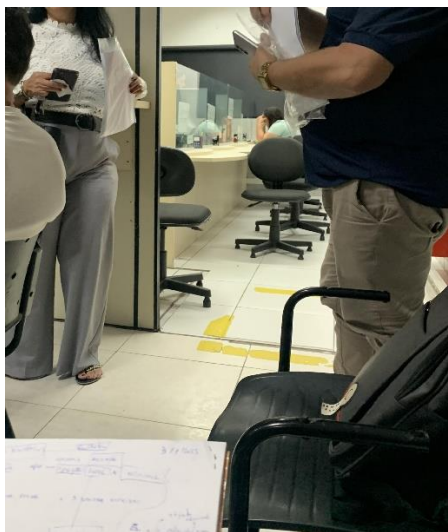
As observações realizadas no 7º Cartório de Notas de Natal/RN foram registradas por meio de fotografias que ilustram a dimensão educativa e social do espaço. As imagens a seguir evidenciam situações de mediação, acolhimento e letramento jurídico-social no ambiente cartorial.

Figura 2 – Área de espera com usuários idosos em interação e usuários em atendimentos



Fonte: Autores (2025).

Figura 3 – Funcionário orientando usuários analfabetos em formulários



Fonte: Autores (2025).

Figura 4 – Advogada PRO BONO orienta quanto a escrituras, procurações e testamentos



Fonte: Autores (2025).

Figura 5 – Vigilante orientando usuários em procedimentos administrativos



Fonte: Autores (2025).

As imagens registradas durante a observação no cartório revelam diferentes dimensões do espaço como território educativo. Todas as fotografias foram utilizadas mediante assinatura de termos de autorização de uso de imagem, respeitando os princípios éticos da pesquisa. A Imagem 2 evidencia o espaço de convivência, onde ocorrem interações sociais e pedagógicas espontâneas entre os usuários. Já a Imagem 3 destaca a mediação prática de leitura e escrita, quando o servidor auxilia cidadãos com baixa escolaridade, demonstrando o caráter inclusivo do atendimento. A Imagem 4 registra o momento de um advogado prestando atendimento gratuito, voltado à democratização do acesso à linguagem jurídica formal. Por fim, a Imagem 5 revela o apoio oferecido até mesmo pelos profissionais de segurança, que também assumem o papel de mediadores sociais, reforçando o cartório como um espaço de aprendizagem e cidadania.

Considerações finais

Este estudo evidencia que o cartório de notas, para além de sua função administrativa e burocrática, constitui-se como um espaço educativo não escolar, no qual diferentes sujeitos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre linguagem formal, direitos civis e práticas de cidadania. As interações cotidianas entre usuários e profissionais, marcadas pela mediação da linguagem técnica e pelo acolhimento, configuram

práticas de letramento social e jurídico que ultrapassam o caráter meramente instrumental do atendimento.

Sob a perspectiva da educação não escolar, o cartório revela-se um território pedagógico vivo, em que experiências de aprendizagem emergem das demandas reais da vida social. Reconhecer esse potencial formativo amplia a compreensão sobre os lugares onde o ensino e a aprendizagem podem ocorrer e contribui para pensar uma formação docente mais crítica, inclusiva e humanizadora, atenta aos múltiplos espaços em que os sujeitos constroem saberes.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2019.

STREET, Brian. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TAVARES, A. M. B. do N. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares. Orientador: Adir Luiz Ferreira. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 23

QUADRA DE ESPORTE DO BAIRRO JARDINS: A HISTÓRIA DA ARENA FUT-7 DO BAIRRO JARDINS, UM IMPORTANTE ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Alexya Venâncio Varela

Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 23 – QUADRA DE ESPORTE DO BAIRRO JARDINS: A HISTÓRIA DA ARENA FUT-7 DO BAIRRO JARDINS, UM IMPORTANTE ESPAÇO NÃO ESCOLAR

**Alexya Venâncio Varela⁶⁸ // Isabelle Emilly Ferreira de Souza
Tavares⁶⁹ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁷⁰**

A utilização de espaços comunitários para a promoção de atividades educativas e esportivas tem sido uma estratégia crescente para a melhoria da convivência social e o desenvolvimento humano em muitas regiões. No bairro Jardins, em São Gonçalo do Amarante/RN, a quadra de esportes localizada na área se apresenta como um exemplo claro de como o esporte pode servir de ferramenta educativa e social. Este capítulo tem como objetivo explorar o papel dessa quadra no processo de socialização e desenvolvimento de valores entre os moradores da comunidade, com base em uma entrevista realizada com

⁶⁸ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁶⁹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁷⁰ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

Oswaldo Cândido Félix, um dos moradores do bairro, com 34 anos.

A partir das respostas de Oswaldo, será analisado como a quadra contribui para o desenvolvimento de valores como disciplina, respeito, e cooperação, além de investigar os desafios e as potencialidades do uso desse espaço no bairro. A análise será conectada a teorias pedagógicas, como as de Paulo Freire (1996), que considera o esporte como uma ferramenta de transformação social, e Andrezza Tavares (2010), que destaca a importância dos espaços educativos fora do ambiente escolar.

A arena esportiva localizada no bairro Jardins, em São Gonçalo do Amarante/RN, conhecida como Arena FUT-7, constitui-se em um espaço destinado exclusivamente ao futebol Society, contando com campo de grama sintética, estrutura moderna e completa para a prática esportiva. Sua inauguração deu-se no dia 10 de agosto de 2024, marcando o início de um projeto que prevê a construção de seis arenas semelhantes no município (São Gonçalo do Amarante, 2024).

Essa arena será equipada com campo de futebol Society de mais de mil metros quadrados, piso intertravado, alambrados telados, iluminação em LED, vestiários, depósito e banheiros adaptados, garantindo acessibilidade e conforto para os usuários (São Gonçalo do Amarante, 2024). A iniciativa faz parte de um esforço para incentivar o esporte amador e proporcionar espaços adequados para crianças, adolescentes e adultos se engajarem em práticas esportivas saudáveis e socializadoras.

Segue a imagem da referida quadra:

Figura 1 – Arena de futebol parte área externa



Fonte: Alexya Venâncio Varela (2025).

Enquanto espaço não escolar, a arena desempenha papel fundamental na promoção da inclusão social, do lazer, da saúde e do bem-estar da comunidade, servindo como ambiente de convivência, integração intergeracional e desenvolvimento de habilidades socioemocionais que contribuem para a formação cidadã dos participantes (Freire, 1996). Tais espaços reforçam a importância de ambientes comunitários na construção de vínculos e na ampliação do acesso a práticas esportivas de qualidade, principalmente em áreas periféricas ou carentes de infraestrutura esportiva.

O projeto “Areninhas Potiguaras”: objetivos, características e impactos

Idealizado pelo ex-senador Jean Paul Prates durante seu mandato (2019-2023), o projeto Areninhas Potiguaras visa ampliar o acesso à prática esportiva no Rio Grande do Norte por meio da construção e manutenção de campos de futebol society em diversos municípios do estado (São Gonçalo do Amarante, 2024). O projeto prevê a construção de mais de 70 unidades em 60 municípios, oferecendo atividades gratuitas que abrangem crianças, adolescentes e adultos de diferentes faixas etárias.

Figura 2 – Arena de futebol parte área interna



Fonte: Alexya Venâncio Varela (2025).

Entre as principais características do projeto destacam-se (São Gonçalo do Amarante, 2024):

- Atividades gratuitas: as ações esportivas e recreativas são oferecidas sem custo, promovendo a democratização do acesso ao esporte;

- Foco na saúde e bem-estar: objetiva-se incentivar a prática de atividades físicas como estratégia de promoção da qualidade de vida da população;

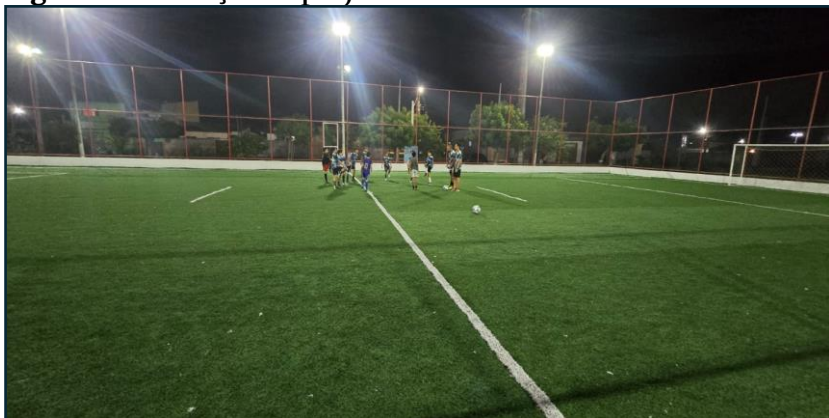
- Inclusão social: busca-se proporcionar oportunidades de desenvolvimento e inclusão para pessoas de todas as idades, fortalecendo o tecido social;

- Parceria com o IFRN: a Fundação do IFRN é responsável pela manutenção das areninhas e pelo desenvolvimento de projetos nesses espaços, garantindo suporte técnico e pedagógico

As inscrições para participar das atividades do projeto estão abertas em vários municípios, incluindo Caraúbas e São Gonçalo do Amarante. A estrutura das areninhas inclui gramado sintético, iluminação, banheiros, vestiários e profissionais de educação física, garantindo espaços seguros e de qualidade para os praticantes (São Gonçalo do Amarante, 2024).

Além disso, o projeto prevê atividades como futebol society para crianças, adolescentes e adultos, e treinamento funcional para adultos, evidenciando seu compromisso com o incentivo à prática esportiva em diferentes faixas etárias (São Gonçalo do Amarante, 2024).

Figura 3 – Crianças do projeto



Fonte: Alexya Venâncio Varela (2025).

Em síntese, o projeto “Areninhas Potiguaras” representa um investimento estratégico em esporte, lazer e saúde para o estado do Rio Grande do Norte, buscando beneficiar um grande número de pessoas e contribuir para a redução de desigualdades no acesso a espaços de esporte e convivência comunitária.

Figura 4 – Grupo dos adultos



Fonte: Alexya Venâncio Varela (2025).

Entrevista escrita: quadra de esportes do Bairro Jardins – São Gonçalo do Amarante/RN

O objetivo da entrevista foi conhecer as intenções pedagógicas e sociais do uso da quadra de esportes comunitária, identificando sua importância para a educação e convivência no bairro. O entrevistado foi Oswaldo Cândido Félix, de 34 anos, cuja profissão ou função no bairro não foi informada. A entrevista ocorreu no dia 27 de junho de 2025.

Ao ser questionado sobre as condições da quadra de esportes do bairro Jardins e se o espaço atende às necessidades da comunidade, Oswaldo afirmou que sim, destacando que a quadra é acolhedora e atende bem às necessidades, especialmente as de caráter esportivo. Em relação ao uso do espaço, ele mencionou que, além das atividades esportivas livres, a quadra também é utilizada por um projeto esportivo voltado para as crianças. No entanto, ele não tem conhecimento detalhado sobre o funcionamento do projeto, apenas observa as crianças chegando, mas não acompanha as práticas desenvolvidas.

Sobre os objetivos pedagógicos e sociais ao organizar atividades na quadra, Oswaldo afirmou que o esporte, do ponto de vista pedagógico, promove valores como disciplina, organização, interação e outras habilidades importantes que ocorrem durante as práticas esportivas. Essa visão sobre o esporte como instrumento educativo reflete a ideia de que a educação deve ser entendida como um processo que transcende

os muros da escola, alinhando-se à proposta de Tavares (2010), que defende o papel transformador da educação na comunidade.

Ele também acredita que a quadra contribui para o desenvolvimento de valores como respeito, cooperação, disciplina e convivência. No caso da modalidade do futsal por exemplo, ele ressaltou que o esporte busca a cooperação e a disciplina para que os participantes trabalhem juntos para alcançar o objetivo, destacando que, ao final das partidas, o respeito e o diálogo são fundamentais. Essa abordagem está em consonância com as ideias de Freire (1996), que vê a prática educativa como uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa, onde o respeito mútuo e a colaboração são fundamentais.

Em relação à organização das atividades, Oswaldo explicou que não sabe ao certo quem organiza as atividades, mas acredita que há uma pessoa responsável pela preservação da quadra e pela organização dos horários de uso. Como se trata de um espaço público, essa pessoa está sempre disponível para atender os moradores dentro do seu horário de trabalho.

Quando perguntado sobre parcerias com escolas, ONGs ou instituições públicas para o uso da quadra em projetos educativos ou esportivos, Oswaldo disse não saber informar. Também, ao ser questionado sobre o acesso das diferentes faixas etárias e pessoas com deficiência às atividades na quadra, ele ressaltou que, por ser um participante esporádico, não tem informações completas sobre a acessibilidade e a inclusão de toda a comunidade.

Quanto à participação de grupos, Oswaldo afirmou que não percebe nenhum grupo que participe menos das atividades, uma vez que ele mesmo utiliza a quadra apenas uma vez por semana. Quando indagado sobre os principais benefícios da quadra para a educação e socialização dos moradores, ele destacou que o espaço ajuda a ocupar os jovens, evitando que eles fiquem à margem da comunidade, e que essa ocupação se torna ainda mais benéfica quando realizada de maneira sistemática, refletindo a ideia de que a educação, ao envolver os jovens em atividades que promovem sua participação ativa, pode ser uma ferramenta de inclusão e emancipação, conforme destacado por Freire (1996).

Por fim, em relação ao que poderia ser melhorado na quadra ou na organização das atividades, Oswaldo sugeriu que a quadra poderia ser mais divulgada, para alcançar mais pessoas que desejam participar.

Configurações finais

O estudo da quadra comunitária localizada no bairro Jardins revela como um espaço de lazer pode se transformar em um ponto central para a educação e convivência social. A entrevista com Oswaldo Cândido Félix trouxe à tona aspectos importantes sobre como o esporte, praticado nesse espaço, pode contribuir para o desenvolvimento de valores fundamentais para a convivência coletiva, como o respeito, a cooperação e a disciplina.

Apesar de ser reconhecida como um espaço valioso pela comunidade, a quadra ainda enfrenta desafios, como a falta de divulgação e a limitação no acesso para todos os moradores, especialmente aqueles com deficiência. Esses obstáculos são comuns em espaços públicos que, muitas vezes, carecem de visibilidade e de um planejamento mais inclusivo. Entretanto, o potencial desse espaço para a transformação social é inegável, visto que ele oferece uma alternativa saudável e construtiva para a juventude, promovendo a ocupação do tempo livre de forma positiva.

Uma das principais contribuições da quadra para o bairro é o engajamento dos jovens, que têm ali uma oportunidade de se envolver em atividades que fortalecem laços de amizade e respeito mútuo. Além disso, o esporte se apresenta como uma ferramenta que vai além da prática física, sendo também uma forma de ensino e aprendizagem, especialmente quando inserido dentro de um contexto social como o da quadra.

É necessário que haja um esforço contínuo para garantir que todos os moradores possam usufruir desse espaço, com mais informações sobre os horários e as atividades oferecidas, além de um esforço para melhorar a acessibilidade. A implementação de parcerias com escolas e organizações sociais pode ampliar o alcance do projeto, proporcionando uma experiência mais rica para a comunidade.

Em suma, a quadra de esportes de Jardins é mais do que um local para a prática de atividades físicas. Ela representa um elo

importante para o fortalecimento da comunidade, sendo um exemplo de como espaços públicos podem ser utilizados de forma educativa e social. A continuidade e a expansão do projeto podem, sem dúvida, contribuir para a formação de cidadãos mais engajados e responsáveis, tornando o bairro um lugar mais coeso e integrado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE. São Gonçalo do Amarante ganhará 05 "areninhas" de Fut7: a primeira já começou a ser construída no bairro Golandim. 2024. Disponível em: <https://saogoncalo.rn.gov.br/sao-goncalo-do-amarante-ganhara-05-areninhas-de-fut7-a-primeira-ja-comecou-a-ser-construida-no-bairro-golandim/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 24

A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM GUARAPES (COMAG) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Geomar Santos do Nascimento

Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 24 – A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM GUARAPES (COMAG) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

**Geomar Santos do Nascimento⁷¹ // Isabelle Emilly Ferreira de
Souza Tavares⁷² // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁷³**

A Comunidade de Aprendizagem Guarapes (COMAG) está situada na Rua Novo Guarapes, s/n no Bairro Guarapes, da cidade de Natal - RN. Surgiu por meio de um projeto internacional da UNESCO que tinha como proposta desenvolver comunidades carentes em três países, Brasil, México e Paraguai.

No Brasil a primeira Comunidade de Aprendizagem da UNESCO foi no Bairro Guarapes e foi coordenada pela UFRN. Teve início em 2010 e com o sucesso do projeto a Associação Comunidade de aprendizagem surgiu como (OSC).

⁷¹ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁷² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁷³ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

Figura 1 – Fachada do espaço não escolar (COMAG)



Fonte: Autores (2025).

A partir da visualização deste contexto, este estudo busca analisar a Comunidade de Aprendizagem Guarapes (COMAG) como um espaço educativo não escolar, conceito que ganha relevância na discussão sobre o papel do pedagogo como agente de transformação social para além das instituições formais, conforme explorado por Tavares (2010).

A Associação Comunidade de Aprendizagem Guarapes (COMAG) é uma organização não governamental cuja missão é promover o desenvolvimento da comunidade por meio da educação. Situada na Rua Novo Guarapes, s/n no Bairro Guarapes, na cidade de Natal - RN. Surgiu com uma proposta clara de transformação social. A COMAG busca oferecer oportunidades educativas e formativas que possibilitem aos moradores da região ampliar suas perspectivas de vida e alcançar maior

autonomia. Nesse sentido, a atuação da COMAG alinha-se aos preceitos de pensadores como Paulo Freire (1996), que defendia uma educação comprometida com a autonomia e a libertação social.

A história da COMAG teve início em 2010, como fruto de um projeto internacional da UNESCO voltado para o desenvolvimento de comunidades carentes no Brasil, México e Paraguai. No Brasil, o projeto foi implementado inicialmente no bairro Guarapes, em Natal (RN), com coordenação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Dado o sucesso e o impacto positivo da iniciativa, a comunidade sentiu a necessidade de dar continuidade ao trabalho, o que culminou na criação da COMAG como ONG, ampliando ainda mais sua atuação na região.

Entretanto, a caminhada não tem sido livre de obstáculos. Atualmente, o maior desafio enfrentado pela COMAG é a captação de recursos para manter e expandir suas atividades. A organização tem se mobilizado para superar essa dificuldade apresentando projetos a editais públicos e privados. Em 2025, por exemplo, conseguiu aprovação em dois importantes editais: um do Tribunal de Justiça e outro do Conselho Estadual do Idoso.

O espaço comunitário gerido pela ONG oferece uma gama variada de serviços e atividades para a população local. Entre as principais ações, destacam-se as aulas de Taekwondo, os cursos de operador de caixa, secretariado e eletrônica básica, além das parcerias com o programa "Sopa Solidária", da Prefeitura do

Natal, e com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), da CONAB.

O acesso ao espaço é destinado prioritariamente aos moradores da comunidade que demonstrem interesse. Para participar dos cursos e programas, os interessados precisam atender a alguns pré-requisitos, como estar cadastrado no CRAS e cumprir os critérios estabelecidos por cada iniciativa. Esse processo garante que o atendimento chegue àqueles que realmente necessitam do apoio oferecido.

A manutenção das atividades também conta com importantes parcerias institucionais. A Secretaria Municipal de Educação de Natal, por exemplo, cedeu um anexo em desuso onde a COMAG mantém seu funcionamento. Além disso, a própria comunidade colabora ativamente, organizando mutirões de limpeza e ajudando na conservação do espaço. Esse engajamento mútuo e a construção de redes de apoio podem ser compreendidos à luz do conceito de capital social, conforme abordado por autores como Putnam (2000), que destaca a importância da confiança e reciprocidade para o fortalecimento comunitário

Para avaliar o impacto de suas ações, a COMAG considera o contexto em que está inserida: um território de extrema vulnerabilidade social, marcado pela ausência de políticas públicas efetivas. A atuação da ONG tem sido reconhecida como um importante força de enfrentamento dessas carências, oferecendo apoio concreto e transformador a quem mais precisa.

Entre os diversos relatos de mudança proporcionados pela COMAG, destaca-se a história do atual professor de taekwondo da ONG. Foi aluno de um projeto, se tornou faixa preta e hoje ensina novas gerações. Natural de uma área conhecida como "Inferninho", uma das mais violentas do bairro, ele perdeu amigos para a criminalidade e a violência. Em seu depoimento, afirma: "Não sei o que seria da minha vida se não tivesse conhecido o projeto." Seu exemplo é a prova viva do impacto positivo que iniciativas como a da COMAG podem ter na vida de jovens em situação de risco.

Pensando no futuro, a ONG busca ampliar e qualificar ainda mais seu espaço de atuação. Um dos objetivos é captar recursos por meio de editais e emendas parlamentares para melhorar as condições de atendimento, inclusive com a possibilidade de alugar um espaço mais adequado, conforme as exigências dos financiadores.

Apesar dos avanços, a sustentabilidade da COMAG ainda depende fortemente da captação de recursos. A principal dificuldade segue sendo a manutenção financeira de seus projetos. Para isso, a organização concorre a editais, firma convênios e estabelece parcerias que possibilitam a continuidade das ações.

Aqueles que desejarem contribuir com a ONG podem fazê-lo de diversas formas: como voluntários, assinando um termo de voluntariado; como sócios contribuintes; ou ainda por meio de

doações. O contato pode ser feito presencialmente, pelas redes sociais ou pelo telefone (84) 98850-9122.

A história da COMAG é, portanto, um exemplo de como a mobilização comunitária, aliada à educação e ao compromisso social, pode construir caminhos reais de transformação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PUTNAM, Robert D. **Bowling Alone**: The Collapse and Revival of American Community. New York: Simon & Schuster, 2000.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 25

O CRAS COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR: O CASO DE PUREZA/RN

Maria Izabel Moura de Sá

Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 25 – O CRAS COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR: O CASO DE PUREZA/RN

**Maria Izabel Moura de Sá⁷⁴ // Isabelle Emilly Ferreira de Souza
Tavares⁷⁵ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁷⁶**

A instituição do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), em 2004, representou um marco na consolidação da assistência social como política pública de direito, rompendo com práticas assistencialistas e centralizadoras. Nesse contexto, foram criados os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), unidades municipais responsáveis pela execução da proteção social básica.

No município de Pureza/RN, a criação do CRAS reflete o compromisso local com a promoção da dignidade humana e da inclusão social. Esses espaços não apenas garantem o acesso a serviços socioassistenciais, mas também funcionam como ambientes educativos não escolares, favorecendo aprendizagens

⁷⁴ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁷⁵ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁷⁶ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

sociais, emocionais e coletivas. Conforme destaca Tavares (2010, p. 145), “a atuação do pedagogo transcende os muros da escola e encontra novos campos de intervenção em espaços sociais marcados por desigualdades e vulnerabilidades”.

Figura 1 – Fachada do espaço educativo não escolar (CRAS)



Fonte: Autores (2025).

A função do CRAS e sua importância para a sociedade

Os CRAS desempenham papel estratégico dentro do SUAS, funcionando como a principal porta de entrada da proteção social básica. Entre suas funções, destacam-se:

- Prevenção de riscos sociais;

- Fortalecimento de vínculos familiares e comunitários;
- Promoção do acesso a direitos e benefícios;
- Encaminhamento para políticas intersetoriais de saúde, educação e habitação.

As práticas desenvolvidas nesses espaços buscam promover o protagonismo dos usuários, estimular a autonomia e consolidar a cidadania. A função educativa que permeia as ações do CRAS articula-se ao que Tavares (2010, p. 173) defende sobre o papel transformador do pedagogo: “a mediação pedagógica em espaços sociais deve ser compreendida como prática de emancipação, que valoriza o sujeito e possibilita sua inserção crítica no mundo”.

Em contextos de desigualdade social, como os de municípios de pequeno porte, a presença do CRAS adquire relevância ainda maior. Sua atuação local contribui para a melhoria da qualidade de vida, para a ampliação do acesso às políticas públicas e para o fortalecimento da rede de proteção social.

Nesse sentido, o CRAS de Pureza materializa o princípio de que a educação não se restringe ao espaço escolar, mas se efetiva também em ambientes sociais, coletivos e comunitários. Como enfatiza Tavares (2010, p. 201), “o pedagogo como agente social atua na promoção da cidadania em diferentes esferas, reafirmando o compromisso com os direitos humanos e a justiça social”.

Conexão entre a história de Pureza e o CRAS

A criação do CRAS em Pureza simboliza não apenas a adesão a uma política pública nacional, mas também a continuidade de uma trajetória local de luta pela valorização da dignidade humana. Sua presença fortalece o sentimento de pertencimento e identidade comunitária, articulando o passado histórico do município às demandas contemporâneas por inclusão social.

Assim, o CRAS constitui-se como espaço educativo não escolar que, além de atender às necessidades imediatas de proteção social, projeta-se como instrumento de transformação social e de fortalecimento da cidadania.

Considerações finais

O estudo evidencia que o CRAS em Pureza/RN é um espaço estratégico para a promoção da proteção social básica e para a consolidação de práticas educativas não escolares. Suas ações vão além da assistência material, promovendo aprendizagens significativas que favorecem o protagonismo, a autonomia e o empoderamento dos sujeitos atendidos.

Nesse sentido, reafirma-se a importância da continuidade dos investimentos públicos em sua manutenção, bem como a valorização dos profissionais que nele atuam, garantindo a efetividade das políticas socioassistenciais.

Conforme argumenta Tavares (2010, p. 242), “a transformação social é fruto de ações coletivas, articuladas entre Estado e sociedade, nas quais a educação se manifesta como prática de liberdade e de emancipação”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Brasília: MDS, 2004.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 26

7º GRUPO DE ESCOTEIROS SÃO SEBASTIÃO

Lindinez Isabela da Silva

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 26 – 7º GRUPO DE ESCOTEIROS SÃO SEBASTIÃO

**Lindinez Isabela da Silva⁷⁷ // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares⁷⁸ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁷⁹**

O 7º Grupo de Escoteiros São Sebastião, localizado no Bairro Cidade da Esperança, em Natal, Rio Grande do Norte, foi fundado em 5 de setembro de 1969. As reuniões ocorrem aos sábados, das 14h às 17h, e o grupo mantém todos os ramos escoteiros ativos, atendendo crianças e jovens de 6,5 a 21 anos. Desde então, tem desempenhado um papel fundamental na formação de jovens por meio dos princípios do escotismo, que incluem cidadania, solidariedade, respeito ao próximo e cuidado com a natureza. O grupo é parte integrante da União dos Escoteiros do Brasil – Rio Grande do Norte (UEB-RN), que reúne diversos grupos escoteiros no estado. O 7º Grupo de Escoteiros São Sebastião, está há 55 anos contribuindo com a formação dos jovens e adultos do bairro da Cidade da Esperança, demonstrando a construção de um capital

⁷⁷ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN;

⁷⁸ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN;

⁷⁹ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

social duradouro, conforme teorizado por Putnam (2000), para que se tornem cidadãos de bem e futuros líderes.

Figura 1 – Fachada



Fonte: Autores (2025).

O escotismo como ferramenta de educação e cidadania, é fundamental para o desempenho escolar, aumentando o senso de responsabilidade e comprometimento. Nestes ambientes não escolares, o jovem é convidado a participar ativamente da sua própria formação, a fazer escolhas, enfrentar desafios e refletir sobre o seu papel no mundo, princípios que ressoam com a pedagogia da autonomia proposta por Paulo Freire (1996).

O Movimento Escoteiro foi criado por essência, para ser um movimento voltado para o jovem e feito por eles com o auxílio de adultos voluntários. E se chama movimento por estar sempre em

constante transformação, acompanhando as mudanças da geração, mas sem perder seu propósito educacional.

Com atividades variadas e atraentes, o escotismo incentiva os jovens a assumirem seu próprio desenvolvimento. Através da vivência nas Unidades Escoteiras Locais, os jovens aprendem e tomam gosto por se envolverem com a comunidade, se transformando em verdadeiros líderes. Por meio da proatividade e da preocupação com o próximo e com o meio ambiente, os jovens são engajados em construir um mundo melhor, mais justo e mais fraterno.

Figura 2 – Atividades



Fonte: Autores (2025).

É no grupo escoteiro que o escotismo verdadeiramente acontece. Quem aplica as atividades e dinâmicas são os escoteiros adultos voluntários, conhecidos por escotistas. O grupo segue a

estrutura dos Escoteiros do Brasil, dividindo os participantes por faixas etárias em quatro ramos:

- **Ramo Lobinho:** crianças de 6,5 a 10 anos
- **Ramo Escoteiro:** jovens de 11 a 14 anos
- **Ramo Sênior:** adolescentes de 15 a 17 anos
- **Ramo Pioneiro:** jovens de 18 a 21 anos

Cada ramo possui atividades específicas adaptadas ao desenvolvimento dos participantes, promovendo habilidades como liderança, trabalho em equipe e respeito à natureza possa ser trabalhado nas seis áreas de desenvolvimento: físico, intelectual, social, afetivo, espiritual e de caráter, com base nas características individuais de cada fase. O grupo também realiza diversas atividades e projetos, incluindo:

- **Campanhas de arrecadação:** coleta de tampinhas plásticas e meias usadas para projetos sociais
- **Acampamentos e excursões:** atividades ao ar livre que promovem o desenvolvimento físico e o contato com a natureza
- **Oficinas e treinamentos:** aprendizado de técnicas como primeiros socorros, orientação e nós
- **Participação em eventos regionais:** integração com outros grupos escoteiros e a comunidade.

Essas atividades visam o desenvolvimento integral dos jovens, alinhando-se aos princípios do Movimento Escoteiro. Entendemos que a educação é um processo que se estende ao longo da vida e que promove o desenvolvimento integral e permanente do potencial de uma pessoa, como indivíduo e como

membro da sociedade. A metodologia escoteira — baseada no aprender fazendo — é o fio condutor dessas ações. Ao montar uma barraca, aprender a fazer um nó, cozinhar em fogão improvisado ou orientar-se com bússola, o jovem aprende não apenas técnicas, mas também resiliência, planejamento, liderança e cooperação.

Vozes da esperança

"Antes de entrar para o escoteiro, eu era muito tímido e não falava com ninguém. Achava que não era bom em nada. Mas aqui eu aprendi que todo mundo tem um talento - só precisa de um lugar certo para mostrar. Hoje eu sou monitor da patrulha Lobo e ajudo os mais novos, como um dia me ajudaram." - Caio Fernandes, 15 anos, escoteiro há 4 anos.

Depoimentos como o de Caio ilustram o impacto profundo que o 7º Grupo exerce sobre seus membros. Mais que atividades recreativas, o escotismo se revela uma poderosa ferramenta de inclusão social, descoberta pessoal e fortalecimento de vínculos comunitários. O 7º Grupo de Escoteiros São Sebastião representa um dos muitos espaços educativos que existem fora do modelo escolar tradicional. Essa característica o posiciona como um exemplo claro da atuação do pedagogo e da educação em contextos não-formais, tal qual a pesquisa de Tavares (2010). Nestes ambientes não escolares, o jovem é convidado a participar

ativamente da sua própria formação, a fazer escolhas, enfrentar desafios e refletir sobre o seu papel no mundo.

A Cidade da Esperança é, assim, o cenário de uma esperança concreta: a de que é possível educar com o coração, com o exemplo e com a vivência. E o escotismo, com sua proposta centenária e sempre atual, segue cumprindo sua missão silenciosa de formar melhores pessoas, uma geração por vez.

Para compreender mais profundamente o impacto desse trabalho e os bastidores da atuação escoteira, realizamos uma entrevista com Carlos Almeida, atual chefe geral do grupo. O encontro revelou histórias, desafios, conquistas e, sobretudo, a força transformadora do escotismo como ferramenta de educação integral.

Tema 1: História e missão do grupo

1. Quando e como surgiu o 7º Grupo de Escoteiros São Sebastião?

O grupo foi fundado em 1969 por um grupo de pais e educadores da Paróquia de São Sebastião, aqui na Cidade da Esperança. Começou com apenas 12 crianças e um ideal comum de oferecer educação complementar por meio do escotismo.

2. Qual foi a motivação inicial para fundar o grupo?

A necessidade de oferecer aos jovens da região uma alternativa de lazer educativo e valores morais sólidos fora da

escola. Foi uma iniciativa da comunidade com apoio da igreja local.

3. Como o grupo se conecta com a comunidade da Cidade da Esperança?

Participamos de ações comunitárias, campanhas de arrecadação, limpeza de praças e visitas a instituições locais. Temos uma parceria forte com a paróquia e escolas do bairro.

4. Qual é a missão ou o principal objetivo do grupo atualmente?

Formar cidadãos melhores através do escotismo, desenvolvendo autonomia, caráter, liderança e espírito de equipe nos jovens.

Tema 2: Atividades educativas e valores

5. Que tipo de atividades o grupo realiza com os jovens?

Fazemos oficinas, acampamentos, jogos educativos, trilhas ecológicas, simulações de primeiros socorros, construção de utensílios com bambu e cordas, entre outros.

6. Como essas atividades ajudam no desenvolvimento pessoal e social dos escoteiros?

Elas ensinam cooperação, empatia, resolução de problemas, responsabilidade e convivência em grupo. Os jovens aprendem fazendo, em um ambiente seguro.

7. De que forma o grupo trabalha valores como respeito, responsabilidade e cidadania?

Esses valores são parte da Promessa e da Lei Escoteira. Eles são vivenciados em cada reunião, desde as pequenas ações até os grandes projetos.

8. Há alguma atividade voltada especificamente para a educação ambiental ou comunitária?

Sim. Temos projetos como o “Escoteiros Verdes”, que inclui limpeza de áreas públicas e educação ambiental, e o “Corrente do Bem”, que promove arrecadações e doações.

Tema 3: Educação não formal

9. O senhor acredita que o escotismo pode ser considerado um ambiente educativo não escolar? Por quê?

Com certeza. O escotismo é uma educação não formal baseada em experiências práticas e na vivência de valores, complementando a escola com desenvolvimento emocional e social.

10. Quais são as principais aprendizagens que os jovens levam do escotismo para a vida?

Liderança, trabalho em equipe, autonomia, respeito ao próximo, consciência ambiental e capacidade de enfrentar desafios.

11. Como o escotismo se diferencia da educação escolar tradicional?

No escotismo, o aprendizado é feito na prática, ao ar livre, de forma lúdica e colaborativa. Os jovens têm voz ativa e aprendem com seus erros, sem medo.

Tema 4: Impacto e participação

12. Quantos jovens participam atualmente do grupo?

Atualmente temos cerca de 85 jovens ativos, distribuídos nos quatro ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro.

13. Quais são os critérios para que uma criança ou adolescente participe do grupo?

Basta ter entre 6 anos e meio e 21 anos, estar matriculado na escola e ter autorização dos pais. Não fazemos distinção por condição social ou religião.

14. Como o grupo mede o impacto das atividades na vida dos participantes?

Fazemos reuniões com os pais, relatórios semestrais e conversas individuais com os jovens. Também observamos o progresso pessoal em relação à responsabilidade e participação.

15. Já houve ex-escoteiros que retornaram como chefes ou voluntários?

Sim, vários. Um exemplo é a chefe Mariana Nogueira, que entrou como lobinha aos 7 anos e hoje lidera o ramo Escoteiro. Isso mostra o impacto duradouro do movimento.

Tema 5: Parcerias e reconhecimento

16. O grupo possui parcerias com escolas, ONGs ou órgãos públicos?

Sim, temos parcerias com escolas municipais, com o Santuário da Esperança e com a ONG Amigos da Terra, além de apoio da prefeitura para eventos maiores.

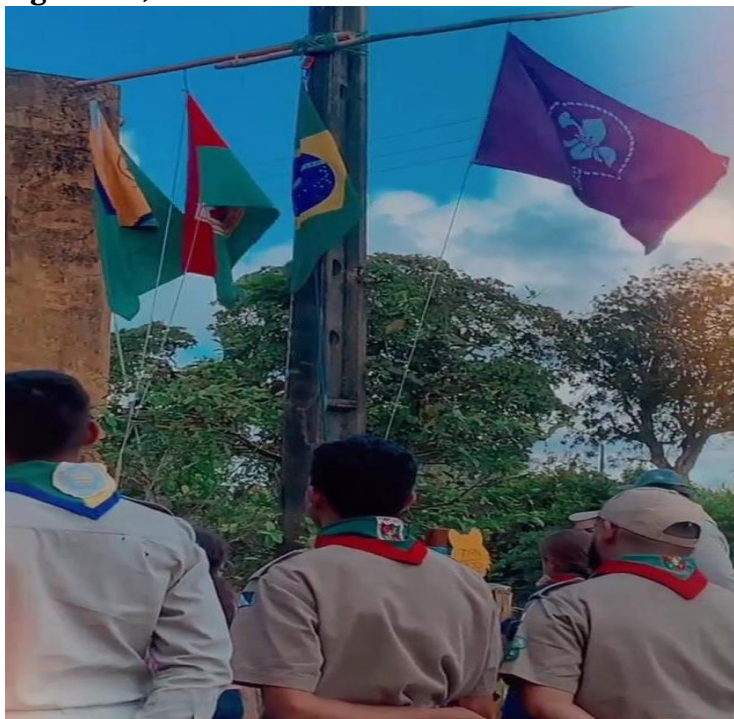
17. Já receberam algum reconhecimento ou prêmio pelo trabalho comunitário?

Recebemos uma Moção de Aplauso da Câmara Municipal de Natal em 2023 e fomos homenageados pela paróquia por nossa atuação durante a pandemia.

18. Como o grupo se mantém financeiramente? Há apoio da comunidade?

Mantemos o grupo com uma pequena contribuição das famílias, eventos beneficentes e doações da comunidade. Também vendemos produtos como rifas, camisetas e lanches em eventos.

Figura 3 – Jurando a Bandeira



Fonte: Autores (2025).

O movimento escoteiro proporciona de forma progressiva, oportunidades para que crianças, adolescentes e jovens cresçam como pessoas, desenvolvendo-se como indivíduos responsáveis, solidários, autônomos e comprometidos, de acordo com um sistema de valores baseado na Lei e Promessa Escoteira. O Projeto Educativo dos Escoteiros do Brasil é o conjunto de ideias e definições fundamentais que outorgam identidade e propósito à nossa organização, explicitando nossa proposta educativa e especificando os meios necessários para alcançá-la. É, em síntese, uma proclamação que justifica a existência dos escoteiros.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PUTNAM, Robert D. **Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community**. New York: Simon & Schuster, 2000.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 27

PARQUE DA CIDADE DE NATAL/RN COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Josê Nadjá Henrique da Silva Luz

Isabelle Emily Ferreira de Souza Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 27 – PARQUE DA CIDADE DE NATAL/RN COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

José Nadja Henrique da Silva Luz⁸⁰ // Isabelle Emilly Ferreira de Souza Tavares⁸¹ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁸²

Este estudo tem por objetivo promover uma pesquisa de campo para destacar o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, em Natal/RN, como um espaço de educação não escolar, uma vez que a área verde localizada no coração da capital do Rio Grande do Norte se configura como um ambiente essencial para a promoção da coesão social e da conscientização ambiental.

O Parque da Cidade, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 2008, representa um importante marco na preservação da biodiversidade local e no incentivo à sustentabilidade. Com suas trilhas ecológicas, biblioteca especializada e mirante com vista panorâmica, o parque favorece práticas educativas ao ar livre e possibilita o acesso da população

⁸⁰ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN;

⁸¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁸² Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

a atividades culturais, esportivas e ambientais. Essa atuação da educação para além dos limites do ensino formal encontra ressonância na discussão sobre o papel do pedagogo como agente de transformação social, conforme explorado por Tavares (2010).

Por meio desta pesquisa, busca-se compreender como o parque desempenha um papel fundamental na educação não formal, estimulando o aprendizado por meio da interação direta com a natureza e o patrimônio ecológico. Assim, o estudo evidencia a relevância de espaços como este para a construção de uma sociedade mais consciente e engajada na preservação ambiental.

Figura 1 – Fachada do Parque da Cidade de Natal/RN



Fonte: Autores (2025).

O Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, localizado em Natal, Rio Grande do Norte, é um dos espaços mais importantes de preservação ambiental e lazer da cidade. Projetado pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer, o parque foi inaugurado em 21 de julho de 2008 e tem como objetivo principal a conservação da biodiversidade local e a promoção da educação ambiental.

Figura 2 – Placa e estátua em homenagem a Dom Nivaldo Monte



Fonte: Autores (2025).

Características do Parque

- **Área total:** Aproximadamente 154 hectares, abrangendo vegetação nativa da Mata Atlântica e Caatinga.
- **Fauna e flora:** O parque abriga mais de 370 espécies de plantas e animais, incluindo espécies raras e ameaçadas de extinção, como o Lagartinho-de-folhço (*Coleodactylus natalensis*) e a Orquídea Catleia (*Cattleya granulosa*).
- **Mirante de 45 metros de altura:** Um dos principais atrativos do parque, oferecendo uma vista panorâmica da cidade e funcionando como memorial histórico.
- **Biblioteca e auditório:** Espaços dedicados à educação ambiental e atividades culturais.
- **Trilhas ecológicas:** Caminhos pavimentados e naturais para caminhadas e passeios de bicicleta

Figura 3 – Três Reis Magos



Fonte: Autores (2025).

Além de ser uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, o parque protege uma das principais áreas de recarga de água subterrânea da cidade, garantindo a qualidade dos recursos hídricos. Sua vegetação nativa da Mata Atlântica e Caatinga abriga mais de 370 espécies de plantas e animais, incluindo algumas ameaçadas de extinção.

O parque também representa um espaço de coesão social, oferecendo trilhas ecológicas, biblioteca, auditório e um mirante de 45 metros de altura, que proporciona uma vista panorâmica da cidade. Além disso, suas iniciativas de educação ambiental incentivam a conscientização ecológica e a preservação dos recursos naturais.

Por sua importância ambiental, cultural e social, o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte é um verdadeiro símbolo de sustentabilidade e qualidade de vida para a população de Natal

Figura 4 – Foto sobre o espaço do Parque da Cidade



Fonte: Autores (2025).

Foi realizada uma visita técnica até o referido espaço educativo não escolar, onde promoveram uma entrevista com Eduardo Nogueira, educador e especialista em história, responsável pelo setor do Museu do Parque da Cidade.

1 - Quem idealizou o Parque da Cidade?

O parque foi projetado pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 21 de julho de 2008. Sua filha, Anna Maria Niemeyer, e o arquiteto Jair Valera também participaram do projeto. O nome do parque homenageia Dom Nivaldo Monte, bispo e arcebispo da cidade, reconhecido por sua valorização da natureza e da educação ambiental.

2 - Quais foram os desafios na construção do parque?

A construção enfrentou desafios como a preservação ambiental da área, garantindo que as obras não comprometessem a vegetação nativa e os lençóis freáticos. Além disso, houve dificuldades administrativas e financeiras, como a falta de previsão para a manutenção do espaço logo após sua inauguração, o que resultou na sua interdição temporária em 2008. Algumas estruturas planejadas também permaneceram inacabadas por anos.

3 - Qual a inspiração para a criação do parque?

O parque foi concebido para ser uma unidade de conservação ambiental, protegendo uma das principais áreas de recarga de água subterrânea da cidade. A inspiração veio da necessidade de preservar a vegetação nativa e incentivar a conscientização ambiental entre os cidadãos. O nome do parque

reforça essa ideia, homenageando Dom Nivaldo Monte, que tinha um forte apreço pela natureza e pela botânica.

4 - Qual a importância do parque para a cidade de Natal?

Além de ser um refúgio verde em meio à urbanização, o parque é essencial para a recarga dos lençóis freáticos, garantindo a qualidade da água subterrânea. Também é um espaço de educação ambiental, oferecendo trilhas, biblioteca, auditório e atividades interativas. Sua função social é igualmente relevante, promovendo inclusão e lazer para moradores da cidade.

5 - Como o parque contribui para a preservação ambiental na região?

O parque protege cerca de 154 hectares de vegetação nativa da Mata Atlântica e Caatinga, abrigando mais de 370 espécies de plantas e animais, algumas ameaçadas de extinção. Além disso, evita a expansão urbana desordenada, garantindo que uma importante área verde continue protegida.

6 - Há iniciativas de educação ambiental disponíveis para os visitantes?

Sim! O parque conta com um Setor de Educação Ambiental, promovendo palestras, trilhas guiadas, oficinas ecológicas, exposições educativas e uso da biblioteca, cujo acervo é especializado em meio ambiente e urbanismo. Algumas dessas atividades podem ser agendadas previamente.

7 - Como o projeto de Oscar Niemeyer impactou a imagem do parque?

A assinatura de Oscar Niemeyer no projeto trouxe um impacto significativo, conferindo ao parque uma estética modernista, característica de suas obras. O parque possui um mirante de 45 metros de altura, que se tornou um ícone arquitetônico e um marco na paisagem urbana de Natal.

8 - Que atividades culturais locais são promovidas no espaço?

O parque realiza eventos como exposições artísticas, festivais culturais, encontros literários, oficinas de artesanato, contação de histórias e apresentações musicais. Além disso, recebe grupos escolares e comunitários para atividades educativas e de lazer.

9 - Há algum detalhe interessante ou pouco conhecido sobre o parque?

Um fato curioso é que o parque abriga espécies raras e endêmicas, como o Lagartinho-de-folhço (*Coleodactylus natalensis*), que só existe em Natal! Além disso, algumas partes do projeto inicial de Niemeyer ficaram inacabadas, como a conclusão plena do auditório.

10 – Qual a relação de escolas com o parque?

O Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte tem uma relação direta com as escolas de Natal, funcionando como um espaço de educação ambiental e complementar ao ensino formal. Muitas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, organizam visitas pedagógicas ao parque para proporcionar aos

alunos uma experiência prática sobre temas como biodiversidade, sustentabilidade e preservação ambiental

REFERÊNCIAS

COSTA, Ana Clara. O impacto ambiental e social do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

NIEMEYER, Oscar. Arquitetura e natureza: Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte. São Paulo: Editora XYZ, 2008;

SILVA, João; SOUSA, Maria. A importância ambiental do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte para Natal/RN. Revista Brasileira de Meio Ambiente, v. 15, n. 2, p. 123-140, 2020.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 28

A QUADRA DAS QUINTAS: UM ESPAÇO DE VIDA, CULTURA E ESPORTE NO BAIRRO DAS QUINTAS, NATAL/RN

Rebecca de Oliveira Gerônimo Leite Bezerra

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 28 – A QUADRA DAS QUINTAS: UM ESPAÇO DE VIDA, CULTURA E ESPORTE NO BAIRRO DAS QUINTAS, NATAL/RN

**Rebecca de Oliveira Gerônimo Leite Bezerra⁸³ // Liliane Silva
Câmara de Oliveira⁸⁴**

Ao caminhar pelas ruas do bairro das Quintas, em Natal, Rio Grande do Norte, é impossível não notar a presença marcante da Quadra Poliesportiva das Quintas. Mais do que uma simples estrutura de cimento e ferro, aquele espaço é, para muitos moradores, um verdadeiro símbolo de resistência, convivência, lazer e desenvolvimento social. Essa multifuncionalidade e o seu papel no desenvolvimento social da comunidade ilustram como a ação pedagógica e transformadora se manifesta em ambientes para além dos muros escolares (Tavares, 2010).

Para compreender um pouco mais sobre a história, os desafios e a importância desse equipamento comunitário, realizamos uma rica conversa com o atual responsável pela

⁸³ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN;

⁸⁴ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

quadra, senhor Antônio Carlos de Souza, morador antigo e ativo participante das ações comunitárias do bairro.

Durante nossa conversa, Antônio Carlos nos contou que a quadra foi construída no início dos anos 2000, fruto de uma demanda antiga da população local, que buscava um espaço destinado à prática esportiva, recreação e eventos culturais. Segundo ele, a mobilização dos moradores foi fundamental para que o poder público finalmente atendesse essa solicitação.

O local, apesar de simples, cumpre um papel social inestimável. A quadra abriga, semanalmente, atividades como aulas de futsal, vôlei, basquete e queimada, além de treinos de capoeira e encontros de dança. De acordo com o responsável, o espaço não se limita apenas ao esporte, sendo também palco de festas tradicionais, como o São João comunitário, bingos beneficentes, palestras e até ações de saúde, como campanhas de vacinação.

A vasta gama de atividades oferecidas e a promoção de projetos sociais demonstram a atuação da quadra como um efetivo espaço educativo não formal, essencial para a formação integral e o bem-estar comunitário, alinhando-se à perspectiva de Tavares (2010) sobre o papel do pedagogo em contextos extraescolares.

Figura 1 – Quadra das Quintas



Fonte: Autores (2025).

Quando questionado sobre como é feita a administração e manutenção da quadra, Antônio revelou que a responsabilidade é compartilhada entre a própria comunidade e a Prefeitura de Natal, embora nem sempre essa parceria funcione de maneira eficiente. Ele destacou que há uma carência constante de manutenção, especialmente na iluminação, nas traves e na pintura do piso, o que, muitas vezes, obriga os próprios moradores a se unirem em campanhas para arrecadação de fundos.

Essa capacidade de organização e ação coletiva dos moradores, fundamental para a criação e sustentação do espaço, pode ser compreendida sob a ótica do capital social, conceito

desenvolvido por Putnam (2000), que destaca a importância das redes de confiança e reciprocidade para o fortalecimento comunitário.

Ao perguntar sobre quem pode utilizar o espaço, o responsável esclareceu que a quadra é de uso livre para toda a comunidade, desde que respeitadas algumas normas básicas de convivência. Qualquer grupo que deseje realizar atividades deve apenas procurar a associação de moradores ou a coordenação da quadra para fazer o agendamento, garantindo, assim, que não haja conflitos de horários.

Durante nossa conversa, outro ponto que surgiu foi sobre os horários de funcionamento. Antônio explicou que a quadra fica aberta geralmente das 7h às 22h, sendo que os horários noturnos dependem da iluminação, que nem sempre está funcionando de forma adequada, por conta de constantes problemas técnicos e demora na reposição de lâmpadas.

Perguntamos também se há projetos sociais vinculados diretamente à quadra. Com um sorriso no rosto, Antônio relatou que sim. Atualmente, existem projetos esportivos voltados para crianças e adolescentes, com aulas gratuitas de futsal, além de atividades voltadas para os idosos, como ginástica funcional e caminhadas orientadas. Esses projetos, no entanto, muitas vezes dependem de voluntários e não possuem apoio financeiro fixo.

Figura 2 – Vista lateral da quadra e área de lazer



Fonte: Autores (2025).

Outro tema abordado foi sobre a segurança no entorno da quadra. Segundo Antônio, apesar de alguns episódios isolados de pequenos furtos ou brigas, o espaço é, na maioria das vezes, seguro. A presença constante dos próprios moradores e das famílias durante as atividades ajuda a inibir ações de vandalismo e violência. Contudo, ele acredita que a presença de rondas mais frequentes da Guarda Municipal ou da Polícia Militar seria benéfica.

O incentivo à convivência e a segurança gerada pela presença ativa da comunidade são indicativos de um forte capital social, onde a interação constante e o senso de pertencimento

criam normas informais de controle e solidariedade (Putnam, 2000).

Curiosos sobre os desafios enfrentados, questionamos quais são as principais dificuldades para manter a quadra ativa e funcionando bem. Ele citou a falta de apoio contínuo do poder público, ausência de recursos para manutenção, desgaste natural da estrutura, além da dificuldade em manter os jovens engajados, especialmente frente às distrações do mundo digital, que muitas vezes os afastam das práticas esportivas presenciais.

Por fim, perguntamos sobre os sonhos e projetos futuros para a quadra. Antônio Carlos afirmou que o maior desejo da comunidade é conseguir uma cobertura para o espaço, o que permitiria a realização de atividades mesmo nos dias de chuva, além de uma reforma completa com melhoria da iluminação, instalação de arquibancadas e banheiros em melhores condições. "A quadra é o coração das Quintas. Se ela estiver bem, a comunidade respira melhor", finalizou emocionado.

A afirmação de Antônio Carlos de que 'A quadra é o coração das Quintas' simboliza a importância do local como um nó de capital social, onde as interações sociais e o engajamento cívico fluem e fortalecem o tecido comunitário.

Considerações finais

A Quadra Poliesportiva das Quintas transcende a sua função inicial, firmando-se como um verdadeiro epicentro de

vida e efervescência comunitária. Ela representa não apenas um palco para a prática esportiva, mas um dinâmico espaço de convivência, lazer e desenvolvimento social e cultural. Através de uma diversidade de atividades que abrange desde a capoeira até eventos de saúde e festividades tradicionais, a quadra catalisa a união e o engajamento dos moradores, demonstrando a potência dos ambientes coletivos na construção de um tecido social vibrante e solidário.

Mesmo diante de desafios constantes, como a carência de manutenção e a necessidade de mobilização dos próprios moradores, a resiliência da comunidade garante a continuidade e a relevância desse patrimônio. A quadra, com sua história de superação e sua capacidade de acolher todas as gerações, simboliza a força da ação coletiva e o impacto profundo que um espaço dedicado ao povo pode ter. É, de fato, o coração pulsante do bairro, inspirando esperança e projetando um futuro de ainda mais oportunidades e bem-estar para todos.

REFERÊNCIAS

PUTNAM, Robert D. **Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community**. New York: Simon & Schuster, 2000.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 29

CONSELHO COMUNITÁRIO DE FELIPE CAMARÃO COMO UM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Tábata Alves de Melo

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 29 – CONSELHO COMUNITÁRIO DE FELIPE CAMARÃO COMO UM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Tábata Alves de Melo⁸⁵ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁸⁶

O Conselho Comunitário do Bairro de Felipe Camarão constitui-se como um importante espaço educativo não escolar, promovendo atividades esportivas, culturais e de lazer para a comunidade local. Além dessas ações, oferece serviços sociais e de apoio à juventude, criando oportunidades de convivência e fortalecimento dos vínculos comunitários. O espaço contribui para a integração de pessoas de diferentes idades, culturas e origens sociais, favorecendo o desenvolvimento humano e a construção de valores de solidariedade e cidadania.

⁸⁵ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN;

⁸⁶ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

Figura 1 – Fachada do centro comunitário



Fonte: Autores (2025).

Criado oficialmente pelo então prefeito Agnelo Alves, por meio da Lei nº 1.760, em 22 de agosto de 1968, o Conselho Comunitário de Felipe Camarão marcou o reconhecimento formal do bairro, situado na cidade de Natal/RN. Desde sua criação, o Conselho vem sendo conduzido por grupos de jovens e lideranças locais comprometidos com a transformação social e o desenvolvimento comunitário. O bairro, que homenageia o líder indígena Felipe Camarão - conhecido por sua atuação na expulsão dos holandeses do Rio Grande e de Pernambuco durante o período colonial -, já foi popularmente chamado de

“Comunidade Peixe-Boi”, preservando em sua história marcas da resistência e da identidade popular.

Como espaço educativo não escolar, o Conselho Comunitário de Felipe Camarão promove experiências de aprendizagem que extrapolam os muros da escola formal. Através de oficinas de arte com materiais recicláveis, atividades esportivas, ações culturais e rodas de conversa, o espaço estimula a criatividade, o trabalho em equipe, a consciência ambiental e o protagonismo social. Essas vivências reforçam a importância da educação não formal como instrumento de formação integral, contribuindo para o desenvolvimento de competências socioemocionais e valores éticos.

Segundo Tavares (2010), o pedagogo é um agente de transformação social que atua para além dos limites da escola, fortalecendo a educação em diferentes contextos comunitários. Essa perspectiva é coerente com o pensamento de Gohn (2011), para quem os espaços de educação não formal são fundamentais na constituição da cidadania e na ampliação das possibilidades de aprendizagem ao longo da vida. Do mesmo modo, Freire (1996) destaca que a educação acontece em todos os momentos da vida em sociedade, sendo “um ato político e libertador” que se concretiza também nas práticas cotidianas das comunidades.

Dessa forma, o Conselho Comunitário de Felipe Camarão revela-se como um ambiente fértil para o exercício da participação, da solidariedade e do aprendizado coletivo, reafirmando o papel da educação como prática social

transformadora e contínua. O fortalecimento desses espaços, por meio de políticas públicas, parcerias e capacitação de educadores, é essencial para a consolidação de uma educação democrática, inclusiva e comprometida com a realidade local.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares.** 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 30

O INSTITUTO BOM PASTOR COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

Tais dos Santos Porcino

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 30 – O INSTITUTO BOM PASTOR COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO ESCOLAR

**Tais dos Santos Porcino⁸⁷ // Andrezza Maria Batista do
Nascimento Tavares⁸⁸ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁸⁹**

O Instituto Bom Pastor é uma instituição social e educacional dirigida pela Congregação das Servas do Coração Imaculado de Maria (SCIM), conhecidas como Irmãs do Bom Pastor de Quebec. Com atuação voltada para crianças, adolescentes e mulheres em situação de vulnerabilidade social e psicológica, o Instituto desenvolve suas atividades por meio de dois principais projetos: O Centro Integrado de Atendimento à Mulher – CIAME, localizado no bairro Bom Pastor, em Natal/RN, e o Centro São José, situado no bairro Cidade Nova, também em Natal/RN.

⁸⁷ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN;

⁸⁸ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN;

⁸⁹ Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

Figura 1 – Fachada Ibp



Fonte: Autores (2025).

Atualmente, o Instituto Bom Pastor tem como principais finalidades, conforme estabelecido em seu Estatuto:

I - Promover ações de assistência social, educação, saúde, cultura, esporte e lazer, visando à integração e inclusão social das famílias e suas comunidades;

II - Promover a integração ao mercado de trabalho de jovens, especialmente mulheres;

III - Trabalhar em favor de uma sociedade ética e solidária para a promoção, resgate e o respeito à dignidade da pessoa humana;

IV - Fomentar e defender os direitos da criança, adolescentes e jovens, e os da mulher;

V - Educar para a preservação e conservação da natureza e meio-ambiente;

VI - Contribuir para a erradicação do trabalho infantil;

VII - Combate à prostituição e trabalho forçado de crianças, adolescentes e jovens em situação de risco social;

VIII - Favorecer o voluntariado.

Essa abordagem que visa a promoção da dignidade, o desenvolvimento integral e a transformação da realidade individual refletem os fundamentos da 'Pedagogia da Autonomia' de Paulo Freire (1996), que enfatiza a educação como um processo de libertação e empoderamento dos sujeitos.

Fundado em 19 de agosto de 1947, inicialmente sob o nome de Obra do Bom Pastor, o Instituto teve sua criação impulsionada pela Juventude Masculina Católica e Juventude Feminina Católica, ambas vinculadas à Ação Católica. Sua sede original foi estabelecida na Rua Bom Pastor, s/n, bairro Bom Pastor, em Natal. O Estatuto Social foi registrado no dia 22 de agosto de 1947, no Registro Civil das Pessoas Jurídicas do 2º Ofício de Notas de Natal/RN, sob o nº de ordem 74, às fls 72/73, do Livro Próprio A-nº 01

Em 8 de fevereiro de 1951, a gestão da obra foi confiada às Religiosas da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, vinculada à sede provincial da Congregação em Recife/PE. Posteriormente, em 26 de fevereiro de 1964, o Estatuto passou por sua primeira grande reforma, trazendo alterações no nome e nas finalidades da instituição, que passou a se chamar Instituto Bom

Pastor, ficando subordinado ao Secretariado Arquidiocesano de Ação Social (SAAS).

Com a reforma introduzida em 20 de outubro de 1977, o Instituto passa a ser subordinado ao Serviço de Assistência Urbana (SAUR), órgão da Arquidiocese de Natal. A partir de 15 de janeiro de 1990 a sua direção passa a ser confiada às Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria, ditas Irmãs do Bom Pastor de Quebec.

Ao longo de sua existência e atuação, o Instituto do Bom Pastor realizou várias modificações em seu Estatuto, adequando-o às exigências legais e às necessidades suscitadas pelos beneficiários de sua atuação. Em 2002, introduziu mais uma modificação estatutária para adaptá-lo ao Código Civil e demais normas pertinentes às suas finalidades, passando a reger-se, após registro em Cartório pelo presente Estatuto com a seguinte redação:

Art. 1 - O INSTITUTO BOM PASTOR, também reconhecido pela sigla: IBP, criado aos 19 de agosto de 1947, é uma organização religiosa, de direito privado, com fins não econômicos, regendo-se por este Estatuto e pela legislação que lhe seja aplicável.

Durante a visita ao Instituto Bom Pastor, fumos calorosamente recepcionados pela coordenadora Zuí lamê, que é pedagoga, e tive a oportunidade de conhecer mais de perto o funcionamento da instituição. Além de ser um local dedicado à oferta de cursos profissionalizantes, o Instituto se configura também como um espaço educativo não escolar, promovendo o

desenvolvimento humano, social e emocional das pessoas atendidas. A presença de uma pedagoga na coordenação e a autodeclaração do Instituto como um 'espaço educativo não escolar' reforçam a tese de Tavares (2010) sobre a crescente atuação do pedagogo como agente de transformação social para além dos muros tradicionais da escola.

A visita incluiu uma entrevista com a Irmã Solange, assistente social que está à frente da instituição e compartilhou com sensibilidade a importância do trabalho realizado ali. Em meio à apresentação, conheci a sala de apoio aos estudantes de Psicologia, que contribuem significativamente para o acolhimento e acompanhamento do público atendido, como mostra na imagem ilustrada logo a baixo.

Figura 2 – Sala de apoio de estudantes de Psicologia



Fonte: Autores (2025).

Em seguida, fui apresentado à sala de atendimento voltada ao público infantil e adulto, onde são realizadas as escutas e acompanhamentos psicológicos. Esse espaço, equipado com brinquedos e materiais lúdicos, é fundamental para o desenvolvimento das atividades voltadas à saúde emocional dos participantes, demonstrando o cuidado integral promovido pelo instituto em suas ações.

Figura 3 – Sala de atendimento de Psicologia



Fonte: Autores (2025).

Durante meu encontro no Instituto Bom Pastor, a assistente social Irmã Solange, que é a responsável no qual está à frente da instituição, destacou que o processo de formação e

crescimento pessoal das pessoas atendidas começa logo na chegada. Para ela, o acolhimento é um dos principais pilares do trabalho desenvolvido, sendo o primeiro passo na construção da confiança e no estímulo à transformação individual.

O Instituto oferece uma variedade de cursos profissionalizantes, com foco principal nas áreas da gastronomia, beleza e artesanato setores que têm maior demanda entre os participantes. Esses cursos não apenas capacitam tecnicamente, mas também despertam autonomia, promovem autoestima e incentivam a cidadania por meio da educação prática.

Além da formação profissional, o espaço conta com atendimentos complementares nas áreas da psicologia e do serviço social sempre que há disponibilidade de estagiários, bem como suporte jurídico em parceria com advogados voluntários. A presença de múltiplas frentes de apoio torna o Instituto um local de desenvolvimento integral.

Irmã Solange destaca ainda que o Instituto Bom Pastor é um verdadeiro espaço de formação e transformação. Um exemplo disso é o projeto Ciame, vinculado à instituição, que neste ano celebra 17 anos de atuação. Ao longo dessa trajetória, foram somados mais de 10 mil atendimentos, entre cursos, oficinas e acompanhamentos diversos. Esses números refletem o compromisso contínuo da instituição com a promoção da autonomia, da cidadania e da melhoria das condições de vida dos participantes.

Para ela, cada formação oferecida é uma oportunidade de mudança uma chance de reconstruir a visão de mundo, de modificar hábitos e de abrir portas para uma vida mais digna. A educação, segundo sua perspectiva, transforma não apenas habilidades técnicas, mas também fortalece a autoestima, desperta o senso de pertencimento e resgata a cidadania daqueles que, muitas vezes, chegam em busca de uma nova chance (Freire, 1999).

A entrevistada, Irmã Solange, destaca que o Instituto Bom Pastor funciona como um centro integrado de atendimento à mulher, embora haja também a presença de homens e outros gêneros, o público feminino é o que mais procura os serviços. Ela explica que os cursos oferecidos são direcionados principalmente a essas mulheres, com cargas horárias variadas que vão de 60 a 180 horas, dependendo do curso, sendo que o artesanato é o único com um enfoque mais prático, enquanto os demais combinam teoria e prática, com cerca de 90% do conteúdo voltado para a parte teórica.

Figura 4 – Curso de Artesanato, confecções de Flores



Fonte: Autores (2025).

Ela ressalta que a maioria do público atendido é composta por senhoras com baixo grau de escolaridade, que muitas vezes buscam mais uma arquitetura do que propriamente uma qualificação profissional. Na área da beleza, o instituto oferece cursos que abrangem cuidados com cabelo, corte, design de sobrancelha, manicure, pedicure, extensão de cílios, entre outros. Já na gastronomia, há também uma parte teórica importante.

Além disso, a instituição promove palestras e rodas de conversa sobre temas atuais, abordando comportamento e preparação para o mercado de trabalho, incluindo dicas para conseguir entrevistas e elaborar currículos. Segundo irmã Solange, todas essas ações se complementam para fortalecer o principal objetivo do instituto a qualificação profissional dos participantes.

Ao ser questionada sobre o papel do pedagogo no Instituto Bom Pastor, Irmã Solange destacou a importância desse profissional no espaço. Ela compartilhou que o Instituto já contou com a participação de psicopedagogos e pedagogos acompanhando os projetos, o que gerou um salto qualitativo nas ações desenvolvidas. Esses profissionais, segundo ela, contribuem significativamente no planejamento pedagógico, auxiliando na escolha da linguagem adequada e na compreensão do público atendido, o que torna o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Ainda durante a entrevista, a Irmã Solange mencionou um ponto chave para o funcionamento do Instituto a presença da pedagoga Zuílame na coordenação. Para ela, essa escolha não é por acaso, mas sim uma resposta às exigências de um espaço voltado à qualificação profissional. A atuação da pedagoga garante um olhar diferenciado, capaz de compreender e atender as particularidades do público atendido, reafirmando a importância do trabalho pedagógico mesmo fora do ambiente escolar tradicional.

No decorrer do diálogo a Irmã Solange destacou que as políticas públicas nas áreas da saúde, educação e assistência social são essenciais para garantir o acesso aos direitos básicos da população. Ela explica que, mesmo sendo uma instituição privada e religiosa, o Instituto atua como parceiro do estado e do município, especialmente por estar inserido em uma área de vulnerabilidade social. Como parte do terceiro setor, a instituição

oferece serviços públicos e gratuitos à comunidade, colaborando diretamente com a rede de assistência.

Ao longo dos 17 anos de atuação, mais de 10 mil atendimentos já foram realizados, com muitos beneficiários retornando ao Instituto como instrutores. O público atendido é rotativo e diverso, vindo não só dos bairros vizinhos, mas também de cidades do interior, reforçando o papel transformador do espaço. A formação de parcerias e a capacidade de engajar ex-beneficiários como instrutores demonstram a criação de redes de reciprocidade e confiança, elementos fundamentais para o desenvolvimento de capital social, conforme discutido por Putnam (2000).

Em sua fala, Irmã Solange ressaltou como o acesso às tecnologias transformou a qualidade da formação oferecida pelo Instituto Bom Pastor. Ela relembra que, nos primeiros anos de funcionamento, a ausência de recursos digitais dificultava a oferta de um ensino mais técnico e eficiente. Com o tempo, a introdução de computadores, notebooks e data-shows possibilitou um salto qualitativo nas atividades, especialmente nas aulas teóricas, que agora contam com apoio audiovisual e materiais atualizados.

Apesar dos avanços, a instituição ainda enfrenta desafios por ser sem fins lucrativos, os recursos são limitados e distribuídos entre todas as salas. Há poucos equipamentos disponíveis, e muitas vezes é necessário se virar com apenas um ou dois aparelhos. Mesmo assim, a equipe continua buscando

parcerias e editais para melhorar essa estrutura, acreditando que, aos poucos, é possível oferecer formações cada vez mais completas e acessíveis.

Ao longo do diálogo com Irmã Solange foi possível conhecer de forma mais aprofundada os desafios enfrentados pela instituição, bem como as conquistas que marcam sua trajetória de 17 anos dedicados à promoção da educação e transformação social fora do ambiente escolar tradicional.

Ela compartilhou que uma das maiores dificuldades enfrentadas é a manutenção de recursos humanos e administrativos. Como instituição sem fins lucrativos, todos os serviços oferecidos à comunidade são gratuitos, o que torna constante a necessidade de buscar apoios, parcerias e doações para garantir o funcionamento pleno das atividades. A contratação de profissionais qualificados, o cumprimento das obrigações legais, como carteira assinada, e a manutenção da infraestrutura com licenças e fiscalizações em dia são pontos que exigem esforço contínuo. A isso se soma a responsabilidade de manter o Centro São José Unidade escolar de educação infantil no bairro Cidade Nova, também parte do Instituto, que atende gratuitamente 100 crianças e completou 40 anos de existência.

Apesar dos desafios, as conquistas são profundas e transformadoras. Irmã Solange destacou que os resultados são visíveis, especialmente em datas significativas como o Dia Internacional da Mulher, quando se percebe o impacto real da atuação do Instituto. Muitas mulheres atendidas chegam em

situação de extrema vulnerabilidade, sem renda, com baixa autoestima ou vivendo em contextos de violência. No entanto, ao longo do tempo, encontram no Instituto um espaço de acolhimento, qualificação e, principalmente, redescoberta de sua autonomia.

Ela relata com emoção histórias de mulheres que, a partir de oficinas simples como a de produção de trufas, conseguiram gerar renda, pagar aluguel, sustentar seus filhos e transformar suas realidades. Essas experiências reforçam que o Instituto não apenas capacita profissionalmente, mas também oferece suporte humano, emocional e psicológico. Para muitas pessoas, ele representa a chance de um recomeço.

Ao final, Irmã Solange fez questão de destacar que a missão do Instituto está ligada à Congregação das Servas do Coração Imaculado de Maria as Irmãs do Bom Pastor cujo carisma é justamente apoiar mulheres, especialmente aquelas em situações de vulnerabilidade. O objetivo, segundo ela, é ajudá-las a reencontrar seu lugar no mundo com dignidade, coragem e independência.

Com base nas experiências vivenciadas e nas informações colhidas durante o trabalho de campo no Instituto Bom Pastor, é possível afirmar que a instituição se configura como um espaço educativo não escolar de grande relevância social e humana. Sua atuação vai muito além da oferta de cursos profissionalizantes o Instituto promove um verdadeiro processo de formação integral, que abrange dimensões emocionais, sociais e culturais, tendo

como foco principal a valorização da dignidade humana e a construção da autonomia dos sujeitos atendidos.

A escuta atenta, o acolhimento sensível e o acompanhamento pedagógico, psicológico e social evidenciam o compromisso com uma educação transformadora, centrada no respeito, na inclusão e na promoção da cidadania. A atuação interdisciplinar e a presença de profissionais da pedagogia e outras áreas contribuem para um ambiente de aprendizagem significativo, capaz de atender às especificidades do público em situação de vulnerabilidade.

Além disso, o Instituto Bom Pastor demonstra, por meio de sua trajetória e impacto, a força das organizações do terceiro setor como parceiras na efetivação das políticas públicas e na promoção da justiça social. Mesmo diante de inúmeros desafios, especialmente relacionados à escassez de recursos, a instituição se mantém firme em seu propósito, revelando que, com sensibilidade, trabalho colaborativo e compromisso ético, é possível transformar vidas.

Assim, a experiência de campo realizada neste espaço educativo não escolar proporcionou não apenas conhecimento técnico, mas também uma profunda reflexão sobre o papel social da educação, reafirmando a importância de iniciativas que unem formação, acolhimento e empoderamento para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e humana.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO BOM PASTOR. Estatuto Social. Natal, RN, [após 2002]. Registrado em: 22 ago. 1947, 2º Ofício de Notas de Natal/RN, nº 74, fls. 72/73, Livro Próprio A-nº 01.

PUTNAM, Robert D. **Bowling Alone**: The Collapse and Revival of American Community. New York: Simon & Schuster, 2000.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CAPÍTULO 31

QUADRA DE ESPORTES DAS QUINTAS: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM AO AR LIVRE

Thaiane Oliveira de Paulo

Isabelle Emily Ferreira de Souza Tavares

Liliane Silva Câmara de Oliveira

CAPÍTULO 31 – QUADRA DE ESPORTES DAS QUINTAS: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM AO AR LIVRE

**Thaiane Oliveira de Paulo⁹⁰ // Isabelle Emilly Ferreira de Souza
Tavares⁹¹ // Liliane Silva Câmara de Oliveira⁹²**

A quadra de esporte está localizada no coração do bairro das Quintas, entre ruas movimentadas e casas simples. As quintas é um bairro muito antigo que possui 307 anos de histórias e tradições. A quadra fica na rua Coemaçu nº1079. É um bem patrimonial para a comunidade que utilizam a quadra para momentos de descontração e socialização para todos do bairro que incluem crianças, jovens, adultos e idosos.

⁹⁰ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN;

⁹¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

⁹² Doutoranda em Educação Profissional pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

Figura 1 – Exposição quadra de esporte



Fonte: Autores (2025).

A quadra de esportes do bairro das Quintas representa um exemplo prático de como os espaços comunitários podem funcionar como verdadeiros ambientes de aprendizagem e transformação social, para além das estruturas formais de ensino. Essa atuação do pedagogo e da educação em cenários não-escolares é um tema central na obra de Tavares (2010).

Em 2019 a quadra passou por uma reforma para a sua melhoria que incluíram a cobertura da quadra, piso de concreto polido, pintura interna e externa, instalações de equipamentos esportivos como: trava do gol, rede de basquete e vôlei, bancos de reserva e arquibancadas, além de equipamentos de academia ao ar livre que utilizados para atividades físicas e lazer. Sua reinauguração foi em 2023.

Figura 2 – Parquinho de madeira



Fonte: Autores (2025).

Promove a prática de esportes e atividades físicas proporcionando saúde e bem estar das pessoas. A quadra não tem fins comerciais, ali as atividades, é acompanhada de boas risadas, bem-estar, socialização é um bom bate papo pós jogo. Porém em meio a tantas coisas boas que esse espaço proporciona, também surge alguns problemas como as queixas de moradores que argumentam a falta de cuidado das próprias pessoas que utilizam o local, trazendo consequências para o local ficar sujo e depredado.

Mas o que torna esse lugar tão importante? Perguntamos diretamente aos moradores o que torna o ambiente acolhedor e quais seus sonhos e sugestões para aquele lugar.

Figura 3 – Academia ao ar livre



Fonte: Autores (2025).

A quadra de esportes do bairro das Quintas é um espaço comunitário e um espaço educativo não escolar importante, utilizado principalmente nos finais de semana para práticas esportivas como futsal e vôlei. Essa caracterização da quadra como um ambiente de aprendizagem que transcende o formal reflete a discussão sobre a atuação do pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares, conforme explorado por Tavares (2010).

Apesar de sua relevância para o lazer e interação social, ainda existem pontos que podem ser melhorados, tanto na conservação quanto na ampliação das oportunidades para crianças e jovens. Abaixo, seguem as perguntas para entender melhor a percepção da comunidade sobre esse espaço:

1. Com que frequência e para quais atividades você usa a quadra do bairro das Quintas?

“Nos finais de semana, para jogar futsal com os amigos; também jogo vôlei”.

2. Qual é a importância da quadra para a comunidade?

“É um espaço importante para a comunidade interagir com qualidade, respeito e diálogo”.

3. Você considera que a quadra está bem conservada e segura? Como ela poderia ser melhorada?

“Não está bem conservada: algumas pessoas não cuidam do espaço público, e as laterais abertas fazem encher de água quando chove.”

4. Que tipo de oportunidades você gostaria de ver na quadra para crianças e jovens?

“Gostaria que tivesse escolinha de esportes para crianças carentes, já que atualmente a quadra serve mais para lazer e as crianças precisam inventar suas próprias brincadeiras.”

5. Você acha que a quadra poderia receber mais eventos esportivos ou recreativos? Qual seria o impacto?

“Sim, porque eventos gratuitos ajudariam a manter a comunidade unida e afastar os jovens de caminhos errados.”

A quadra de esportes do bairro das Quintas é muito mais do que apenas um espaço físico: ela representa um ponto de encontro, convivência e aprendizado coletivo. Ao permitir que crianças, jovens, adultos e idosos pratiquem esportes, brinquem

e socializem, a quadra promove valores essenciais como respeito, companheirismo, disciplina e bem-estar físico e emocional.

No entanto, é fundamental que a comunidade compreenda a importância de cuidar desse bem público, cultivando o sentimento de pertencimento e responsabilidade. Como dizia o educador Paulo Freire cita que “educar é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano” (Freire, 1996, p. 68).

Cada pequeno gesto de cuidado com a quadra, seja recolhendo o lixo, preservando os equipamentos ou respeitando o espaço do outro, é também um ato educativo, que fortalece os laços comunitários e torna o bairro das Quintas um lugar ainda melhor para todos.

Por isso, cuidar desse espaço é cuidar da nossa própria história, da nossa saúde e do futuro das próximas gerações. Que possamos, juntos, transformar a quadra em um verdadeiro centro de inclusão, lazer e oportunidades para toda a comunidade.

Considerações finais

Ao explorar o bairro das Quintas, fica evidente a riqueza de oportunidades para aprender em espaços não formais de educação. Nesse contexto, o cotidiano se transforma em uma sala de aula viva, onde o aprendizado acontece de forma orgânica e coletiva. Momentos de lazer, conversas compartilhadas, risadas, atividades esportivas e práticas ao ar livre se tornam valiosas

experiências de aprendizado. Essa abordagem destaca a importância de valorizar os espaços comunitários como ambientes de crescimento e desenvolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS

NATAL (Município). Prefeitura do Natal entrega quadra coberta no bairro das Quintas. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://www.natal.rn.gov.br/news/post2/40240>. Acesso em: 28 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

POSFÁCIO

POSFÁCIO

Encerrando o quarto volume da série “Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares”, reafirma-se a importância da educação como processo contínuo, que se expande para além dos limites institucionais da escola. As análises reunidas nesta obra evidenciam que o ato educativo se manifesta nas relações humanas, nas vivências culturais e nas experiências coletivas que se constroem nos mais variados espaços sociais.

As pesquisas aqui sistematizadas demonstram que o conhecimento nasce do diálogo entre diferentes saberes e práticas, expressando a riqueza e a complexidade das experiências educativas desenvolvidas em comunidades, parques, igrejas, praças e centros culturais. Cada capítulo reafirma o papel transformador da educação e a necessidade de reconhecer a diversidade como princípio estruturante da ação pedagógica.

Este volume representa, portanto, um marco na continuidade do projeto editorial dedicado à socialização de estudos sobre o desenvolvimento humano em espaços educativos não escolares, ao mesmo tempo em que abre caminhos para novas investigações e parcerias acadêmicas. Sua contribuição ultrapassa os limites da pesquisa descritiva, tornando-se uma referência para aqueles que compreendem o

ensino, a aprendizagem e a cultura como dimensões indissociáveis da formação humana.

Que esta coletânea inspire novos pesquisadores e educadores a prosseguirem no compromisso ético, crítico e sensível com a transformação social, ampliando os horizontes da educação e reafirmando o valor da pesquisa como instrumento de emancipação e de construção coletiva do saber.

Prof. Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos
PPGEP - IFRN

A Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) é credenciada pela Portaria nº 665/MEC, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019. Entre as atividades vinculadas ao ensino superior, a Faculdade oferece serviços acadêmicos da EDITORA FAMEN que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, livros impressos, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A EDITORA FAMEN é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e a áreas afins por meio de plataforma on-line, como também em formato impresso. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o www.editorafamen.com.br.

A EDITORA FAMEN realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada e baseada nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

Formato: E-book/PDF
Tipologia: Alternate Gothic No2 D, Azo Sans e Volkhov

2025 Natal/Rio Grande do Norte

Não encontrando nossos títulos na rede de livros conveniados e
informados em nosso site contactar a Editora Faculdade

FAMEN:

Tel: (84) 3653-6770 | Site: www.editorafamen.com.br

E-mail: editora@famen.edu.br

Com o propósito de divulgar pesquisas científicas na área da educação, a coletânea de textos que integra este quarto volume do manuscrito eletrônico intitulado “Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares”, tem como foco socializar experiências educativas em variados espaços de educação não escolar e contribuir para a difusão de conhecimento nesse campo de estudos.

Os textos têm vinculação com os cursos de Licenciaturas oferecidos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte e a Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, por meio da Educação presencial, na cidade de Natal RN, a partir de pesquisas realizadas no ano de 2024 e 2025.

O volume VI do livro “Pesquisas sobre práticas educativas em ambientes pedagógicos não escolares” possui 31 (trinta e um) capítulos que abordam diversos temas da Pedagogia Social e que direcionam o olhar do leitor para a diversidade de ambientes de aprendizagem que constituem o campo de estudos em tela.

